



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

JÚLIO CÉSAR EGÍDIO GOMES

ENTRE SOL E NATUREZA:

Anteprojeto de mirante para valorização do patrimônio natural, promoção do lazer e
potencialização do turismo em Bernardino Batista/PB

PAU DOS FERROS/RN

2025

JÚLIO CÉSAR EGÍDIO GOMES

ENTRE SOL E NATUREZA:

Anteprojeto de mirante para valorização do patrimônio natural, promoção do lazer e
potencialização do turismo em Bernardino Batista/PB

.

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do
Semi-Árido como requisito para obtenção do título de
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Antonio Carlos Leite Barbosa, Prof. Dr.

PAU DOS FERROS/RN

2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

G633e Gomes, Júlio César Egídio.
Entre sol e natureza: anteprojeto de mirante
para valorização do patrimônio natural, promoção do
lazer e potencialização do turismo em Bernardino
Batista/PB / Júlio César Egídio Gomes. - 2025.
109 f. : il.

Orientador: Antonio Carlos Leite Barbosa.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e
Urbanismo, 2025.

1. Mirante. 2. Patrimônio Natural. 3. Lazer. 4.
Turismo. I. Barbosa, Antonio Carlos Leite,
orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da Silva
CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

JÚLIO CÉSAR EGÍDIO GOMES

ENTRE SOL E NATUREZA:

Anteprojeto de mirante para valorização do patrimônio natural, promoção do lazer e
potencialização do turismo em Bernardino Batista/PB

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do
Semi-Árido como requisito para obtenção do título de
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Defendida em: 05/08/2025.

BANCA EXAMINADORA

Antonio Carlos Leite Barbosa, Prof. Dr. (UFERSA)
Presidente

Athirson Pascoal Aquino Nascimento, Prof. (UFERSA)
Membro Examinador

Pedro Henrique de Araujo Silva, Arquiteto e Urbanista.
Membro Examinador

DEDICATÓRIA

Aquele que me sustentou e inspirou. Sua
torcida silenciosa e amor eterno foram luz no
meu caminho. Este trabalho é fruto dos seus
sonhos que vivem em mim, pai.

À minha família, que, com amor incondicional,
sustentou meus passos e guiou meus sonhos.
Vocês são meu alicerce e a força que me
impulsiona.

AGRADECIMENTOS

Finalizar este trabalho representa muito mais do que a concretização de um objetivo pessoal, é o resultado da força coletiva e do suporte incondicional das pessoas que estiveram ao meu lado. Reconhecer e agradecer a cada uma delas é fundamental, pois sem esse apoio constante esta conquista não seria possível.

Primeiramente, agradeço a Deus, fonte de toda força e esperança, que me sustentou e guiou ao longo dessa jornada, mesmo nos momentos mais difíceis. À minha família, meu alicerce fundamental, expresso minha gratidão profunda: à minha mãe, meu irmão, meus avós, tios, tias, primos e amigos que estiveram presentes em cada passo desta caminhada.

Registro também minha sincera gratidão ao meu orientador, Dr. Antonio Leite, cuja presença foi indispensável para a conclusão deste projeto. Sua forma única de ensinar, aliando exigência e profundidade, desafiou-me a buscar sempre a excelência. Ainda que seu método, por vezes direto e célere, revelasse impaciência, era inegável o compromisso em conduzir o processo acadêmico com rigor técnico, clareza metodológica e sólido domínio do conteúdo. Sua dedicação e genuíno apreço pelo ato de ensinar não apenas ampliaram minha compreensão teórica e prática, como também moldaram de forma significativa minha postura acadêmica e profissional.

De forma especial, agradeço a tio Vicente, que sempre esteve presente nas idas e vindas para Pau dos Ferros, e à tia Dalcininha, tia Claudineide, tio Absalão, e às primas Karlinha, Paloma e Maria Helena, cujo apoio financeiro foi essencial para que eu pudesse seguir firme durante o curso. À tia Claudineide, que me presenteou com meu primeiro notebook, companheiro fiel em quase toda essa trajetória, deixo meu reconhecimento e carinho. A todos vocês, minha gratidão por me impulsionarem a nunca desistir dos meus sonhos.

Agradeço também ao meu amigo Fábio, que, mesmo distante, caminhou comigo desde antes do início do curso, me incentivando e sustentando nos momentos em que minhas forças pareciam faltar. Um agradecimento muito especial à minha prima e amiga Aninha, que esteve ao meu lado em todos os momentos, compartilhando alegrias, amparando-me nas dificuldades e renovando minhas forças nos momentos de desânimo.

À minha prima e amiga Karina, que me acolheu com generosidade, e à minha prima Bruna, ambas dividiram comigo o mesmo teto e foram um pilar de suporte durante esse período, deixo meu reconhecimento e gratidão. Agradeço também à minha prima Camila e aos amigos Jamilton e Nicleide, pelas diversas caronas a Pau dos Ferros, foram fundamentais nessa trajetória.

Minha eterna gratidão ao grupo “Gestão”, que me acolheu de forma especial e pelo qual tenho um carinho imenso. Quero agradecer especialmente à Isis, minha amiga, inspiração e norte.

Dividimos noites em claro, sonhos e desafios, e em todos os momentos ela esteve ao meu lado com dedicação, carinho e generosidade. Mais do que uma amiga, foi como uma irmã, minha eterna gratidão pelas caronas, apoio e uma força silenciosa que me impulsionou a seguir, sua presença fez toda a diferença nessa caminhada. À Vitória Régia, minha mais profunda gratidão. Foi a primeira a me acolher e, desde então, caminhamos juntos por anos, compartilhando sonhos, conquistas, tristezas e alegrias. Seu jeito único e acolhedor foi a luz que me guiou nos momentos em que pensei em desistir. Levo comigo, para a vida, a gratidão por tudo o que vivemos. E à Clara, agradeço pelas risadas e pela leveza que trouxe nos momentos mais difíceis.

Agradeço a Fernando e à Isabelle, companheiros de jornadas, noites em claro, viagens e muitas aprendizagens, amigos que levarei sempre no coração. A Diego, Valéria e Melissa, pessoas que foram muito importantes para mim e que, com o tempo, tornaram-se mais que irmãos, assim como Rodrigo, Erivan, Lívia, Geovana, Lara, Mirela, Dayane, Cecília e Eduarda, que foram verdadeiros pontos de apoio durante essa caminhada. A todos vocês, meu sincero obrigado, por fazerem parte desta história que construí com tanto esforço, aprendizado e amor.

RESUMO

As intervenções urbanísticas voltadas à valorização de áreas naturais em pequenos municípios desempenham papel crucial no fortalecimento da identidade local, na promoção do turismo sustentável e na oferta de espaços públicos qualificados para lazer e contemplação. Nesse sentido, a implantação de mirantes emerge como estratégia arquitetônico-urbanística capaz de integrar o patrimônio natural, cultural e paisagístico, oferecendo pontos de vista privilegiados que potencializam a apropriação social do território. Bernardino Batista, localizado no alto sertão paraibano, apresenta características ambientais e culturais singulares, mas ainda carece de infraestrutura adequada para visitação e fruição dessas paisagens. Este anteprojeto propõe a criação de um mirante com enfoque técnico e projetual que considera aspectos bioclimáticos, acessibilidade universal e diagnóstico socioespacial, visando garantir conforto, sustentabilidade e inclusão. A metodologia adotada é qualitativa, baseada em revisão bibliográfica, análise territorial, levantamento de campo e normativas técnicas. A proposta objetiva ressignificar a paisagem urbana, promover o turismo local e consolidar o mirante como equipamento público integrado à dinâmica social, econômica e ambiental do município.

Palavras-chave: mirante; patrimônio natural; lazer; turismo.

ABSTRACT

Urban interventions aimed at enhancing natural areas in small municipalities play a vital role in strengthening local identity, promoting sustainable tourism, and providing quality public spaces for leisure and contemplation. In this context, the implementation of viewpoints (mirantes) emerges as an architectural and urban strategy capable of integrating natural, cultural, and landscape heritage by offering privileged vantage points that enhance social appropriation of the territory. Bernardino Batista, located in the Alto Sertão region of Paraíba, Brazil, presents unique environmental and cultural characteristics but lacks adequate infrastructure for the visitation and enjoyment of its landscapes. This preliminary project proposes the design of a viewpoint with a technical and architectural focus, considering bioclimatic aspects, universal accessibility, and socio-spatial diagnostics to ensure comfort, sustainability, and inclusion. The adopted methodology is qualitative, grounded in literature review, territorial analysis, field survey, and relevant technical standards. The proposal aims to redefine the urban landscape, promote local tourism, and establish the viewpoint as a public facility integrated into the social, economic, and environmental dynamics of the municipality.

Keywords: viewpoint; natural heritage; leisure; tourism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Recorte espacial ilustrativo: Brasil, Paraíba e Bernardino Batista.	24
Figura 2 - Vista aérea da localização do terreno com pontos de referência.	25
Figura 3 - Vista da Orla do Guaíba, Porto Alegre - RS.....	31
Figura 4 - Mirante Dona Marta, Rio de Janeiro – RJ.....	37
Figura 5 - Vista Aérea do Mirante das Mangabeiras.	38
Figura 6 - Mirante das Mangabeiras.	39
Figura 7 - Mirante do Gavião Amazon Lodge.	40
Figura 8 - Mirante do Gavião Amazon Lodge.	41
Figura 9 - Primeira casa da cidade.	44
Figura 10 - Primeira versão da Capela de Nossa Senhora dos Milagres, construída em 1945.	45
Figura 11 - Etapa intermediária de reforma da igreja.	45
Figura 12 - Igreja Matriz em sua versão mais recente, ainda em processo de reforma.	46
Figura 13 - Pórtico de entrada da cidade.....	47
Figura 14 - Totem “Bernardino Batista – Terra do Caju”.	48
Figura 15 - Praça do Caju.	48
Figura 16 - Gráfico das temperaturas.	51
Figura 17 - Gráfico de chuvas.....	52
Figura 18 - Gráfico de umidade relativa.	52
Figura 19 - Gráfico de radiação média mensal.	53
Figura 20 - Gráfico Rosa dos Ventos.	53
Figura 21 - Zonas bioclimáticas do Brasil.	54
Figura 22 - Carta solar de Bernardino Batista/PB.	55
Figura 23 - Dimensões do Módulo de Referência.	56
Figura 24 - Largura para deslocamento em linha reta de pessoas em cadeira de rodas.....	56
Figura 25 - Área para manobra de cadeira de rodas sem deslocamento.....	57
Figura 26 - Medidas mínimas de um sanitário acessível.....	58
Figura 27 - Logomarca do projeto.....	67
Figura 28 - Paleta de cores.....	68
Figura 29 - Moodboard.....	69
Figura 30 - Planta Planialtimétrica.	71
Figura 31 - Zoneamento 01.....	72
Figura 32 - Zoneamento 02.....	72

Figura 33 - Planta de Implantação.....	73
Figura 34 - Planta Baixa - Térreo.....	75
Figura 35 - Planta Baixa - Platô 02.....	76
Figura 36 - Planta Baixa - Platô 03.....	77
Figura 37 - Vista Superior Humanizada.....	78
Figura 38 - Detalhamento do Estacionamento.....	78
Figura 39 - Planta de Vegetação.....	79
Figura 40 - Planta de Iluminação.....	80
Figura 41 - Corte AA.....	81
Figura 42 - Corte BB.....	82
Figura 43 - Corte CC.....	82
Figura 44- Corte DD.....	83
Figura 45 - Fachada 01.....	83
Figura 46 - Fachada 02.....	84
Figura 47 - Fachada 03.....	84
Figura 48 - Fachada 04.....	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Informações gerais do terreno	26
Tabela 2 - Resumo das legislações.....	59
Tabela 3 - Programa de necessidades do projeto	70
Tabela 4 - Informações gerais do projeto	74

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Uso e ocupação do solo	60
Mapa 2 - Cheios e vazios	61
Mapa 3 - Gabaritos	62
Mapa 4 - Sistema viário	63
Mapa 5 - Vegetação	64
Mapa 6 - Ampliação da área de implantação	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Dr	Doutor
NBR	Norma Brasileira Regulamentadora
QGIS	Quantum Geographic Information System (Sistema de Informação Geográfica livre)
ProjetEEE	Projetando Edificações Energeticamente Eficientes
AutoCAD	Computer Aided Design (Software de desenho técnico assistido por computador)
	Biblioteca Central Orlando Teixeira
SketchUp	Software de modelagem 3D
	Conselho Regional de Biblioteconomia
PB	Paraíba
RN	Rio Grande do Norte
RJ	Rio de Janeiro

LISTA DE SÍMBOLOS

@	Arroba
©	Copyright
®	Marca registrada
%	Porcentagem
\$	Cifrão

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	CAMINHOS METODOLÓGICOS	22
2.1	Fontes Teóricas	22
2.2	Recorte Espacial.....	24
2.3	Estudo de Caso	26
2.4	Procedimentos Metodológicos Empíricos.....	27
2.4.1	Levantamento de Campo	27
2.4.2	Público Alvo	27
2.4.3	Tabulação de Dados e Produção do Trabalho	27
2.5	Integração e Desenvolvimento Final.	28
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	29
3.1	Requalificação de Espaços Públicos	29
3.2	A Cidade e os Espaços de Lazer	32
3.2.1	Conceito e Função Social do Esporte e Lazer.....	33
3.2.2	O caso de Bernardino Batista e a Necessidade de Espaços de Lazer na Cidade.	34
3.3	Paisagem, Turismo e Valorização do Território.....	34
3.3.1	Mirantes e a Valorização da Paisagem.....	36
4	ESTUDO DE REFERÊNCIAS	38
4.1	Mirante das Mangabeiras.....	38
4.2	Mirante do Gavião Amazon Lodge	40
4.3	Análise Comparativa dos Estudos de Referência.	42
5	TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS: HISTÓRIA E CULTURA DE BERNARDINO BATISTA.....	43
5.1	Caracterização Histórica de Bernardino Batista	43
5.2	Aspectos Culturais de Bernardino Batista.	47
6	ANÁLISES URBANAS DE BERNARDINO BATISTA.....	50
6.1	Aspectos Bioclimáticos	50
6.2	Diretrizes de Acessibilidade.....	55

6.3	Diagnóstico Urbano do Município.....	59
7	PROPOSTA ARQUITETÔNICA DO MIRANTE	66
7.1	Conceito e Partido Arquitetônico.....	66
7.2	Identidade Visual do Projeto.....	67
7.2.1	Paleta de Cores	68
7.2.2	Painel Semântico e Referências Visuais	68
7.3	Programa de Necessidades	69
7.4	Desenvolvimento Espacial da Proposta.....	70
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
	REFERÊNCIAS	87
	APÊNDICES.....	90

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da civilização, as cidades têm desempenhado um papel central na organização social, econômica e cultural das sociedades humanas. Surgidas como pequenos assentamentos para atender às necessidades de segurança, comércio e convivência, as cidades evoluíram ao longo dos séculos, tornando-se complexos centros de interação e inovação. Conforme destaca Mumford, “Foi por dominar essas funções que a cidade serviu a sua função última, a função transformadora”.¹ Com o crescimento populacional e as transformações socioeconômicas, surgiu a necessidade de um planejamento urbano mais estruturado, capaz de organizar os territórios, promover o uso eficiente dos recursos e garantir a qualidade de vida de seus habitantes. Essa evolução transformou o planejamento urbano em uma ferramenta estratégica para enfrentar os desafios contemporâneos, como a sustentabilidade, o lazer e a preservação ambiental.

O Planejamento Urbano desempenha um papel crucial no desenvolvimento das cidades, ao integrar estratégias que equilibram crescimento econômico, preservação ambiental e qualidade de vida. Enquanto prática, é responsável por organizar e orientar o uso do espaço urbano de forma eficiente, sustentável e inclusiva, conciliando as demandas de expansão populacional com a necessidade de preservação dos recursos e promoção de bem-estar. Cidades planejadas com foco nas pessoas oferecem espaços mais funcionais, resilientes e integrados ao contexto ambiental e social². Marcado por desafios como a sustentabilidade, o lazer e a valorização do patrimônio natural e cultural, torna indispensável o desenvolvimento de projetos que alinhem infraestrutura adequada ao uso consciente dos recursos locais, contribuindo para a construção de cidades mais funcionais e resilientes.

Em um cenário onde os desafios urbanos incluem a necessidade de lazer, convivência e valorização do patrimônio natural e cultural, torna-se indispensável o desenvolvimento de projetos que alinhem infraestrutura adequada ao uso consciente dos recursos locais. "A cidade viva também precisa de uma vida urbana variada e complexa, onde as atividades sociais e de lazer estejam combinadas"³. Esses desafios exigem uma abordagem integrada, que contemple o crescimento populacional, a preservação ambiental e a oferta de espaços que atendam às necessidades da população. Em Bernardino Batista, município do sertão paraibano, conhecida popularmente como “terra do caju”, que se destaca por seu rico patrimônio natural e cultural,

¹ Mumford, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 112.

² GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

³ GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 63.

essas questões são ainda mais evidentes, dada a busca por soluções que promovam o desenvolvimento sustentável e a valorização do local sem comprometer suas características essenciais.

No Brasil, as desigualdades regionais tornam o planejamento urbano um desafio, especialmente no Nordeste. A região, marcada pela diversidade cultural, geográfica e econômica, enfrenta dificuldades relacionadas à infraestrutura e ao desenvolvimento sustentável. Muitos municípios nordestinos, localizados fora dos grandes centros urbanos, enfrentam dificuldades para atrair investimentos que melhorem a infraestrutura local e integrem essas cidades ao turismo regional. A escassez de recursos e o subaproveitamento dos potenciais existentes agravam a situação, resultando em um vasto patrimônio turístico e cultural ainda pouco explorado. O Nordeste se destaca por sua rica história, belezas naturais e forte identidade cultural, fatores essenciais para o desenvolvimento de soluções inovadoras no planejamento urbano.

Nesse contexto, Bernardino Batista apresenta atributos paisagísticos e culturais que poderiam ser melhor explorados por meio de intervenções qualificadas. Ainda assim, o município enfrenta carências significativas em infraestrutura urbana, sobretudo na oferta de espaços destinados ao lazer, à convivência social e à valorização do ambiente local. Apesar das possibilidades de integração entre natureza, cultura e uso coletivo, observa-se a ausência de áreas planejadas que contribuam para o fortalecimento da identidade local e promovam o desenvolvimento sustentável.

Apesar de sua privilegiada localização em uma área de serra, que oferece paisagens deslumbrantes e um rico potencial turístico, esses recursos permanecem subaproveitados, limitando as possibilidades de desenvolvimento local. A falta de um equipamento que valorize a paisagem e promova a interação entre moradores e visitantes evidencia a necessidade de um espaço planejado que una funcionalidade e valorização ambiental. Essa lacuna não apenas compromete a experiência de quem deseja desfrutar da beleza natural da região, mas também restringe o fortalecimento da identidade cultural e a valorização do potencial turístico do município, o que poderia gerar impactos positivos na economia e na qualidade de vida da população.

A implantação de um mirante surge como uma proposta estratégica para suprir essas lacunas, oferecendo um espaço multifuncional que possa unir a apreciação da paisagem, lazer e valorização do patrimônio natural. Mais do que um ponto de observação, o mirante pode representar um marco arquitetônico e simbólico, capaz de contribuir para o fortalecimento da identidade local, incentivando o turismo e dinamizando a economia. O projeto também reflete o interesse e motivação pessoal pelo tema e a busca por soluções arquitetônicas contextualizadas às

demandas do sertão, explorando o potencial turístico da região de maneira sustentável e respeitosa com suas características ambientais e culturais.

Assim, a pesquisa busca responder à seguinte questão: **De que maneira a implantação de um mirante, aliado a espaços de lazer e contemplação da paisagem, pode promover o desenvolvimento turístico e a valorização do patrimônio natural e cultural de Bernardino Batista/PB?** Essa iniciativa configura uma solução inovadora ao unir as potencialidades naturais e culturais do município em um espaço singular, promovendo uma dinâmica favorável ao turismo local. Combinando infraestrutura funcional a paisagens singulares, o projeto visa atrair visitantes e proporcionar uma experiência enriquecedora, posicionando a cidade como um destino diferenciado na região do sertão paraibano.

A implantação de um mirante em Bernardino Batista justifica-se pela necessidade de valorização do patrimônio natural do município e para que seja atendida à demanda por espaços que promovam lazer, convivência e turismo. Situada em uma área de serra com grande potencial turístico ainda subaproveitado, a cidade pode ser beneficiada desse equipamento como um impulsionador do desenvolvimento sustentável. O projeto promove a integração entre a apreciação da paisagem natural e as áreas destinadas à interação social e ao lazer, ampliando as possibilidades de acolhimento para visitantes. Além do espaço para contemplação e lazer, o mirante fortalece a identidade cultural local, estimula o turismo e contribui para o crescimento econômico da região, consolidando Bernardino Batista como um destino atrativo.

Tendo como base o conteúdo explorado, este estudo tem como objetivo geral **elaborar** um anteprojeto de um mirante em Bernardino Batista/PB, de modo que valorize o patrimônio natural e atenda às necessidades da comunidade por espaços de lazer e apreciação da paisagem local.

Os objetivos específicos deste projeto visam, inicialmente, **compreender** o potencial turístico de Bernardino Batista, por meio da identificação de elementos que justifiquem a criação de um mirante como estratégia para valorização do patrimônio natural e cultural da região; **Propor** diretrizes projetuais para espaços de lazer e contemplação integrados à paisagem natural, com foco na promoção do bem-estar da população local e na atração de visitantes de maneira ambientalmente responsável; **estimular**, em uma perspectiva futura, o desenvolvimento econômico da região, não apenas no âmbito turístico, mas também por meio da geração de emprego e renda, com a presença de espaços destinados à alimentação no entorno do mirante, contribuindo para o fortalecimento do comércio local; e **utilizar** materiais e técnicas construtivas tradicionais da região, respeitando as características climáticas e culturais do município, com o intuito de criar uma arquitetura inspirada na história de Bernardino Batista, integrando elementos

da identidade local ao design do mirante e fortalecendo a conexão entre o espaço e a memória da cidade.

Alinhada aos objetivos específicos, a pesquisa foi dividida em seis capítulos. O primeiro trata da metodologia empregada, com a apresentação dos procedimentos técnicos adotados na coleta e análise de dados. O segundo aborda o referencial teórico, reunindo a revisão da literatura sobre os principais temas do estudo, como o planejamento urbano, a valorização do patrimônio e a relação entre arquitetura e lazer. Na parte seguinte, são apresentados estudos de referência voltados à implantação de mirantes e equipamentos turísticos no Brasil, com o intuito de identificar boas práticas aplicáveis ao contexto de Bernardino Batista. Em continuidade, é feita a caracterização do local de estudo, com foco nos aspectos históricos, culturais, geográficos e na infraestrutura atual do município. Logo após, são desenvolvidas análises urbanas, incluindo aspectos bioclimáticos, acessibilidade e mapeamentos temáticos que contribuem para a compreensão do território. Encerrando a parte técnica do trabalho, é detalhada a proposta arquitetônica do mirante, com a definição do programa, diretrizes projetuais e justificativas que fundamentam a intervenção.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este capítulo discute em linhas gerais o processo metodológico utilizado na elaboração deste trabalho, descrevendo de forma detalhada as etapas que estruturam a pesquisa. O estudo adota uma abordagem dedutivo-indutiva de caráter qualitativo, conforme os conceitos de Lakatos e Marconi (2003). O método indutivo baseia-se na análise de dados específicos para alcançar generalizações mais amplas, enquanto o método dedutivo parte de premissas gerais para formular conclusões pontuais. A integração dessas abordagens permite uma compreensão ampla e fundamentada, essencial para explorar as particularidades do município de Bernardino Batista e propor uma solução arquitetônica alinhada ao contexto sociocultural e ambiental da região.

A pesquisa concentra-se nas potencialidades do município, abordando aspectos de lazer, turismo e valorização do patrimônio natural e cultural. Para isso, utiliza-se uma articulação entre fundamentos teóricos, levantamentos empíricos e referências práticas, assegurando uma base sólida para a concepção do mirante. A metodologia segue etapas organizadas de forma sequencial, começando pela fundamentação teórica, passando pela coleta de dados no campo e culminando na elaboração do projeto arquitetônico. Essa estrutura garante que os métodos aplicados estejam em consonância com os objetivos do estudo, resultando em um trabalho técnico e consistente.

2.1 Fontes Teóricas

A presente pesquisa é embasada em fontes teóricas e normativas que orientam tanto a investigação quanto o desenvolvimento do projeto arquitetônico. Considerando que o município de Bernardino Batista/PB não possui um Plano Diretor, adotou-se como referência o Plano Diretor da cidade de Patos/PB, localizada na mesma região geográfica do sertão paraibano e reconhecida por sua estrutura urbana consolidada. Além disso, será utilizado o Código de Obras de Bernardino Batista, que oferece diretrizes legais pertinentes à execução de obras no próprio município. Esses documentos fornecem subsídios importantes para assegurar que o projeto esteja em conformidade com as exigências legais aplicáveis. Também serão consideradas as normas técnicas da ABNT, como a NBR 9050/2020, que trata da acessibilidade em espaços urbanos, e outras relacionadas ao conforto ambiental, com atenção especial às condições climáticas do semiárido paraibano.

As fontes secundárias que fundamentam este projeto incluem livros, artigos acadêmicos, dissertações e teses que exploram o planejamento urbano, a arquitetura para o lazer e a relação entre espaço e paisagem. Nesse sentido, Juan Luis Mascaró (2003) contribui ao abordar o

planejamento urbano como uma ferramenta essencial para a organização e transformação dos espaços urbanos, destacando estratégias integradas que promovem o equilíbrio entre funcionalidade e desenvolvimento sustentável. Além disso, o livro *“Praças do Brasil”*, de Fabio Robba e Silvio Macedo (2002), enfatiza a relevância das praças como locais de convivência, lazer e promoção da qualidade de vida urbana, e *“Parques Urbanos no Brasil”*, de Silvio Macedo e Francine Sakata (2010), explora o papel dos parques como elementos integradores da paisagem urbana, articulando aspectos sociais e ambientais. Complementando essas perspectivas, Jan Gehl (2013), em *“Cidades para Pessoas”*, destaca a importância de projetar espaços centrados nas pessoas, promovendo inclusão social, funcionalidade e bem-estar. Além disso, João Rua (2007), em *“Paisagem, Espaço e Sustentabilidade: Uma Perspectiva Multidimensional da Geografia”*, destaca a importância de integrar aspectos culturais, históricos e naturais no planejamento geográfico e urbano para equilibrar necessidades humanas e preservação ambiental, promovendo ambientes urbanos mais sustentáveis. Assim, a articulação dessas contribuições teóricas oferece uma base sólida para a criação de espaços urbanos que equilibrem convivência, lazer e qualidade ambiental.

Ademais, o estudo se apoia em normas urbanísticas e ambientais que assegurem o equilíbrio entre o desenvolvimento do projeto e a preservação dos recursos naturais. A legislação nacional também desempenha um papel crucial na definição de diretrizes técnicas para a implantação de mirantes e equipamentos urbanos, garantindo que a proposta atenda aos princípios de sustentabilidade e acessibilidade.

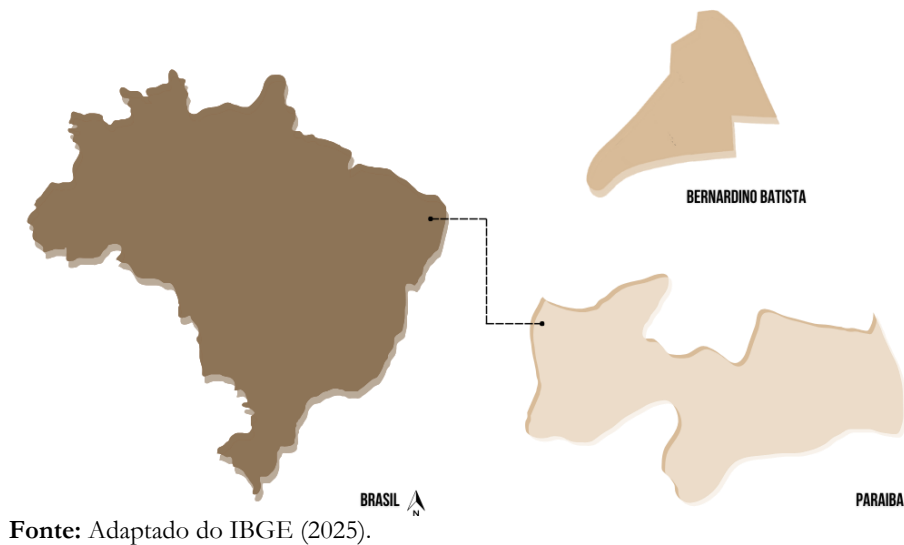
A fundamentação teórica contempla a integração entre lazer, turismo e cultura, abordando autores que exploram a conexão entre espaço, usuário e paisagem. Como enfatiza Gehl (2013), cidades que integram espaços de lazer e convivência promovem não apenas a qualidade de vida, mas também o fortalecimento da identidade local e o aproveitamento do potencial turístico. A combinação de conceitos teóricos com as especificidades do contexto de Bernardino Batista é fundamental para garantir que o projeto do mirante atenda às necessidades da comunidade e ao mesmo tempo potencialize os recursos locais de forma responsável e inovadora.

Ao integrar essas diferentes perspectivas teóricas e normativas, o estudo constrói uma base sólida para o desenvolvimento do projeto, assegurando que ele seja consistente com os objetivos propostos e alinhado às demandas contemporâneas de sustentabilidade, lazer e valorização do patrimônio natural.

2.2 Recorte Espacial

A área escolhida para a implantação do Mirante está situada no município de Bernardino Batista, no estado da Paraíba, em resposta à necessidade de equipamentos urbanos que promovam o lazer e a valorização do patrimônio natural local. Com sua integração à natureza, o mirante contribuirá para a melhoria da qualidade de vida da população, além de fortalecer o município como um destino turístico.

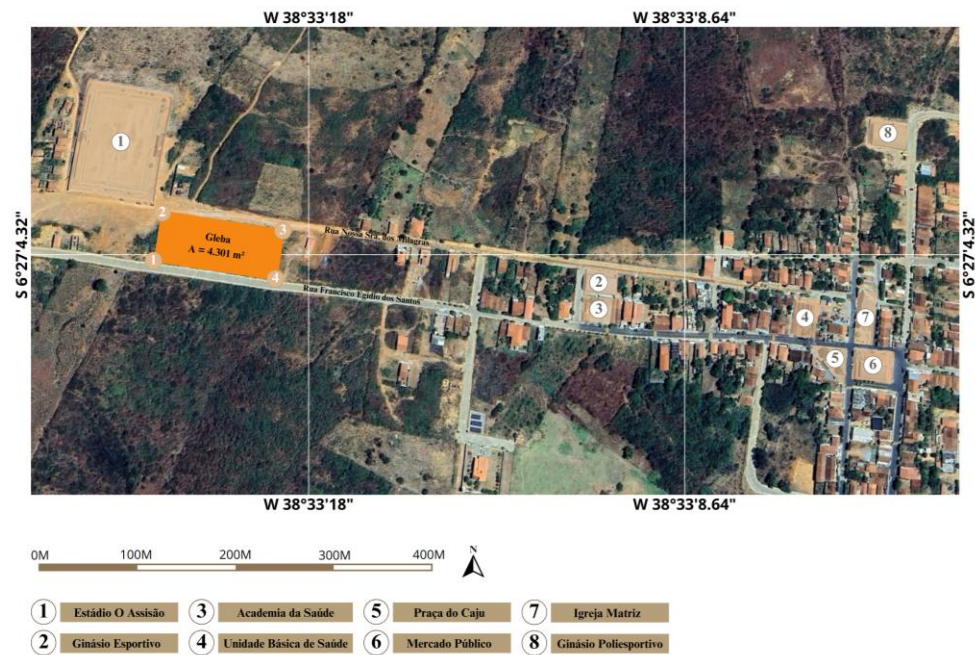
Figura 1 - Recorte espacial ilustrativo: Brasil, Paraíba e Bernardino Batista.



Fonte: Adaptado do IBGE (2025).

O terreno destinado à implantação do mirante está localizado em um ponto estratégico, em uma das áreas mais altas do centro de Bernardino Batista. Conforme ilustrado na Figura 2, o local apresenta uma proximidade significativa com importantes equipamentos públicos, como o Estádio O Assisão (1), o Ginásio Esportivo (2), a Academia Pública de Saúde (3), a Unidade Básica de Saúde (4), a Praça do Caju (5), o Mercado Público (6), a Igreja Matriz (7) e o Ginásio Poliesportivo (8). Essa localização privilegiada facilita o acesso tanto para os moradores quanto para os visitantes, garantindo uma integração eficiente com a comunidade local e destacando a importância dessa área para a implantação do equipamento.

Figura 2 - Vista aérea da localização do terreno com pontos de referência.



Fonte: Adaptado do Google Earth (2025).

A análise da área de estudo foi realizada com a delimitação de um raio de 600 metros, tendo o terreno destinado à implantação do mirante como ponto central. Esse recorte espacial permitiu compreender a configuração do entorno imediato, considerando aspectos como o uso e a ocupação do solo, as características do sistema viário, a topografia local e as relações estabelecidas entre o terreno e os espaços vizinhos. Para isso, foram elaborados mapas que abordarão elementos como a acessibilidade, a visibilidade, os cheios e vazios urbanos, além da integração com o contexto paisagístico e ambiental.

O terreno destinado à intervenção possui uma área total de 4.301,32 m² e perímetro de 267,71 metros lineares, sendo delimitado pelas seguintes coordenadas geográficas: Ponto 1 – 6°27'4.54" S / 38°33'26.97" O; Ponto 2 – 6°27'2.78" S / 38°33'26.61" O; Ponto 3 – 6°27'3.25" S / 38°33'23.80" O; Ponto 4 – 6°27'4.45" S / 38°33'24.80" O (Tabela 1). Localizado em área urbana consolidada, o lote apresenta condições favoráveis à implantação do projeto, com fácil acesso e integração ao tecido urbano existente, contribuindo para a conexão com equipamentos públicos, espaços comunitários e áreas de valor paisagístico.

Tabela 1 - Informações gerais do terreno

INFORMAÇÕES GERAL DO TERRENO		
PONTOS	X (LONGITUDE)	Y (LATITUDE)
Ponto 01	38° 33' 26.97" O	6° 27' 4.54" S
Ponto 02	38° 33' 26.61" O	6° 27' 2.78" S
Ponto 03	38° 33' 23.80" O	6° 27' 3.25" S
Ponto 04	38° 33' 24.80" O	6° 27' 4.45" S
Área: 4.301,32 m ²		
Perímetro: 267,7194		

Fonte: Autoria Própria (2025).

A infraestrutura e a organização espacial serão analisadas, considerando elementos como o traçado urbano, a hierarquia viária, os fluxos de pedestres e veículos, e os potenciais pontos de interesse turísticos e comunitários dentro do perímetro delimitado. Essa abordagem busca identificar como o projeto do mirante poderá contribuir para a valorização do patrimônio natural e urbano, promovendo uma conexão harmoniosa entre o equipamento turístico, a comunidade local e os visitantes, além de assegurar funcionalidade, acessibilidade universal e integração ao contexto paisagístico.

2.3 Estudo de Caso

Como parte da fundamentação projetual, foram selecionados dois estudos de caso com o objetivo de subsidiar a elaboração da proposta arquitetônica. A escolha dos exemplos considerou critérios previamente definidos, como: similaridade programática com o objeto deste trabalho, inserção em contextos naturais e paisagísticos semelhantes ao do município de Bernardino Batista, e relevância em termos de soluções projetuais voltadas à valorização do patrimônio ambiental e ao uso público.

A seleção buscou contemplar diferentes naturezas de iniciativa, uma pública e outra privada, a fim de ampliar a compreensão sobre distintas abordagens de implantação de mirantes ou espaços de contemplação. Ambos os projetos foram obtidos na plataforma ArchDaily, fonte amplamente reconhecida no campo da Arquitetura e Urbanismo por reunir obras de destaque nacional e internacional.

A escolha desses estudos também levou em consideração a disponibilidade de informações técnicas, representação gráfica, descrições de partido arquitetônico e contexto de inserção, de modo a garantir material consistente para posterior análise. As contribuições

extraídas desses estudos serão exploradas em capítulo próprio, com vistas a orientar decisões projetuais no desenvolvimento do anteprojeto.

2.4 Procedimentos Metodológicos Empíricos

A condução do projeto é orientada por uma abordagem prática e detalhada, que envolve levantamentos de campo *in loco*, levantamento topográfico, análises técnicas e o uso de ferramentas digitais. A estrutura metodológica adotada assegura que todas as etapas sejam executadas de forma sistemática, resultando em um projeto arquitetônico alinhado às demandas locais e comprometido com o desenvolvimento sustentável do município de Bernardino Batista.

2.4.1 Levantamento de Campo

O levantamento de campo constitui uma etapa essencial para compreender as características específicas do local de implantação do projeto. Foram realizados levantamentos *in loco* que incluem registros fotográficos para documentar as paisagens e características físicas da área de estudo, com o objetivo de identificar elementos passíveis de valorização na proposta arquitetônica. Além disso, realizou-se medições detalhadas do terreno, abrangendo dimensões, topografia e outros dados técnicos fundamentais para o desenvolvimento do projeto. Aspectos como vegetação, condições de acessibilidade e integração com o entorno urbano e natural também foram analisados, permitindo a identificação de elementos que pudessem ser valorizados e potencializados na proposta.

2.4.2 Público Alvo

O público-alvo do projeto contempla toda a comunidade de Bernardino Batista, considerando a proposta de um espaço de lazer e bem-estar acessível a pessoas de diferentes faixas etárias. O mirante é pensado como um equipamento público integrador, capaz de atender moradores locais, além de atrair visitantes e turistas. A definição desse público considera tanto as demandas cotidianas da população quanto o potencial turístico do município, visando um uso inclusivo, seguro e funcional do espaço projetado.

2.4.3 Tabulação de Dados e Produção do Trabalho

Os dados coletados são organizados e analisados com o apoio de ferramentas digitais, a fim de garantir uma apresentação clara e consistente das informações. Para o desenvolvimento das plantas arquitetônicas e modelagem tridimensional, são utilizados os softwares AutoCAD e

SketchUp. Na elaboração de mapas e análises espaciais, emprega-se o QGIS, enquanto o Enscape ou o V-Ray é utilizado para renderizações de imagens e produção de perspectivas do projeto. A identificação e análise dos dados climáticos são realizadas por meio da Plataforma Projetando Edificações Energeticamente Eficientes (ProjetEEE), assegurando soluções arquitetônicas compatíveis com as condições climáticas locais.

2.5 Integração e Desenvolvimento Final

Com base nas informações coletadas, analisadas e organizadas, desenvolve-se o anteprojeto do mirante. A definição do programa de necessidades, fundamentada na análise das demandas locais, considera áreas de contemplação, espaços de lazer, convivência e serviços de apoio, como alimentação e infraestrutura turística. Todo o processo segue as orientações da NBR 6492/1994, que trata da representação de projetos de arquitetura, e da NBR 9050/2020, referente à acessibilidade. Além disso, os métodos dedutivo e indutivo orientam o planejamento e a concepção do projeto, assegurando uma solução arquitetônica integrada ao contexto local.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Com o objetivo de embasar as estratégias adotadas neste estudo e fundamentar as decisões projetuais, torna-se essencial a exposição das teorias, conceitos e documentações que sustentam a proposta do projeto. Nesse sentido, foi realizada uma análise sobre a importância dos espaços públicos na qualidade de vida urbana, com base nas obras de Jane Jacobs (2011), Kevin Lynch (1960) e Jan Gehl (2013), que discutem a vitalidade urbana, a legibilidade dos espaços e a criação de ambientes urbanos que incentivem o convívio social. A requalificação desses espaços é discutida com base em Almandoz (2018) e Carlos Leite (2012), que destacam a importância de integrar a sustentabilidade e o patrimônio cultural nas intervenções urbanísticas. A relação entre cidade e lazer é abordada por Mascaró (2003), Robba e Macedo (2002) e Macedo e Sakata (2010), que enfatizam a importância das praças e parques como espaços de convivência e lazer, além de sua contribuição para a coesão social. Por fim, João Rua (2012) explora a valorização territorial e paisagística, ressaltando os mirantes como elementos de identidade local e sua contribuição para a construção do território e do turismo.

3.1 Requalificação de Espaços Públicos

A requalificação urbana é um processo que visa adaptar espaços urbanos a novas funções e necessidades contemporâneas, mantendo sua identidade e promovendo melhorias na qualidade de vida. Segundo a Carta de Lisboa (1995), esse procedimento se aplica, sobretudo, a locais funcionais, como áreas residenciais, buscando restabelecer sua utilização de forma adequada ao contexto atual. O conceito envolve a reestruturação de ambientes para torná-los mais acessíveis, funcionais e sustentáveis, respeitando as características culturais e sociais da região.

A intervenção em espaços públicos tem se consolidado como uma estratégia essencial para a melhoria da qualidade de vida urbana, promovendo a inclusão social, a mobilidade e a valorização do patrimônio ambiental e arquitetônico. Com o crescimento das cidades e a intensificação dos processos de urbanização, esses locais frequentemente sofrem com a degradação, a perda de função social e a falta de infraestrutura adequada. Nesse contexto, a revitalização dessas áreas emerge como uma ferramenta para resgatar a vitalidade urbana, tornando as cidades mais habitáveis, sustentáveis e acessíveis.

O conceito de espaço público é amplamente discutido na literatura urbanística e sociológica, sendo considerado essencial para a qualidade de vida e a dinâmica urbana. Jane Jacobs (2011) destaca que um ambiente coletivo urbano de qualidade deve proporcionar

segurança, interação social e diversidade de usos, uma vez que a vitalidade de um bairro depende diretamente da forma como esses espaços são ocupados pelos cidadãos. De maneira complementar, Kevin Lynch (1960) ressalta a importância da imagem da cidade e da legibilidade dos espaços urbanos, garantindo que sejam organizados de forma clara e acessível para favorecer sua apropriação pela comunidade. Nesse sentido, Jan Gehl (2013) enfatiza que o planejamento urbano deve priorizar as pessoas, criando ambientes seguros, confortáveis e estimulantes para o convívio social, incentivando o uso ativo de áreas comuns e promovendo sua atratividade.

A requalificação de espaços públicos pode envolver diferentes abordagens e estratégias, dependendo das características e demandas de cada local. Uma das principais ações é a revitalização física, que incluem melhorias na infraestrutura, como pavimentação, iluminação pública, mobiliário urbano e vegetação. Esses elementos são essenciais para tornar os espaços mais acolhedores e seguros. Almandoz (2018) destaca a necessidade de projetos que integrem o contexto histórico e cultural do local, evitando intervenções que descaracterizem a identidade do espaço.

Adicionalmente, la exploración de las formas de representación parece ser especialmente necesaria cuando, más que investigar los orígenes de la urbanización en su dimensión demográfica o del urbanismo en su sentido técnico, se intenta indagar la formación de la cultura urbana y el despertar de la conciencia sobre la ciudad en una sociedad en proceso de modernización. (Almandoz, 2018, p. 32)

Outro aspecto relevante é a função social das áreas de uso coletivo. Segundo Jacobs (2011), espaços urbanos bem projetados estimulam a interação social e fortalecem o senso de comunidade. A presença de praças, parques, calçadas e áreas de lazer possibilita que as pessoas utilizem esses locais para diversas atividades, como encontros, recreação e exercícios físicos. Assim, a requalificação deve priorizar a multifuncionalidade, garantindo que diferentes grupos possam usufruir dos espaços de maneira equitativa.

A sustentabilidade também é um fator fundamental nesse processo de requalificação. O uso de materiais sustentáveis, a incorporação de vegetação para o conforto térmico, a gestão eficiente da água e a mobilidade ativa são aspectos que contribuem para cidades mais resilientes. Nesse sentido, Carlos Leite (2012) discute a relevância dos projetos de urbanismo sustentável, que buscam minimizar os impactos ambientais e melhorar a qualidade de vida dos habitantes. Estratégias como corredores verdes, infraestrutura para ciclistas e calçadas acessíveis reforçam a conexão entre o tecido urbano e a população.

A implementação de projetos de requalificação requer a participação da sociedade e dos gestores públicos. O envolvimento da comunidade no processo de planejamento é essencial para que as intervenções atendam às reais necessidades dos usuários. Segundo Lefebvre (2011), o direito à cidade pressupõe que os cidadãos tenham voz ativa na transformação dos espaços

urbanos, promovendo uma gestão mais democrática e participativa. Nesse sentido, o autor enfatiza que “o direito à cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada” (Lefebvre, 2011, p. 117-118), reforçando a necessidade de uma participação ativa na construção de espaços urbanos mais inclusivos e dinâmicos.

A revitalização da Orla do Guaíba, em Porto Alegre, é um exemplo de como ações que também são aplicáveis na requalificação de espaços públicos podem transformar a experiência urbana. O projeto ampliou a acessibilidade, diversificou as opções de lazer e estimulou a apropriação do território pela população, fortalecendo o convívio social e aumentando significativamente o número de usuários. No entanto, como ocorre em muitos grandes projetos urbanos, a valorização da área também trouxe desafios, como a gentrificação, que alterou a dinâmica socioespacial e intensificou a especulação imobiliária no entorno. A Figura 3 apresenta uma vista da Orla do Guaíba após o processo de revitalização, ilustrando a nova configuração do espaço público e sua relação com a cidade.

Figura 3 - Vista da Orla do Guaíba, Porto Alegre - RS.



Fonte: GZH (2018).

Diante disso, a requalificação de espaços públicos se apresenta como uma estratégia essencial para o desenvolvimento urbano, desde que equilibrada entre melhorias físicas, sociais e ambientais. Ao integrar acessibilidade, sustentabilidade e identidade cultural, esses espaços podem se tornar elementos centrais na vida urbana, promovendo inclusão e bem-estar. No entanto, é fundamental que essas intervenções sejam planejadas de forma equitativa, garantindo que os benefícios alcancem toda a população e que os espaços públicos continuem cumprindo sua função social.

3.2 A Cidade e os Espaços de Lazer

A cidade pode ser compreendida como um espaço dinâmico e em constante transformação, resultado das interações sociais, econômicas e culturais que nela ocorrem. Para Harvey (2014), em *Cidades Rebeldes*, a cidade não é apenas um espaço físico, mas um território de disputas sociais e econômicas, no qual diferentes grupos buscam apropriar-se do espaço urbano para atender às suas necessidades. Lefebvre (2011), em *O Direito à Cidade*, destaca que a cidade é um espaço de encontro e produção social, onde os indivíduos constroem sua identidade coletiva e exercem seu direito à apropriação do espaço urbano. Já Milton Santos (1993) enfatiza que a urbanização reflete as relações econômicas e sociais de cada sociedade, determinando o modo como os espaços são planejados e ocupados. Nesse contexto, os espaços de lazer desempenham um papel fundamental na qualidade de vida urbana, proporcionando áreas de convívio, recreação e contato com a natureza. A importância do planejamento desses espaços torna-se evidente à medida que as cidades crescem e enfrentam desafios relacionados ao bem-estar social, acessibilidade e preservação ambiental.

A configuração das cidades contemporâneas reflete a necessidade de integração entre urbanização e qualidade de vida. Nesse contexto, os espaços de lazer são essenciais para promover o bem-estar urbano, oferecendo áreas de convívio, recreação e democratização do acesso a atividades. O planejamento urbano deve, portanto, considerar esses espaços como elementos fundamentais para a dinâmica da vida urbana e para o fortalecimento da identidade coletiva.

Segundo Castriota (2003, apud Teixeira, 2020, p. 37), os espaços públicos desempenham um papel de "intermediação das relações sociais, de resoluções das questões coletivas ou juízo entre pendências individuais", refletindo desigualdades e formas de exclusão. No contexto atual, a segregação socioespacial tem levado ao declínio dos espaços urbanos, conforme apontado por Rogers (1997, apud Teixeira, 2020, p. 37), destacando que "os conflitos territoriais levam os cidadãos a se enclausurarem em territórios particulares protegidos, segregando ricos e pobres e contribuindo para a retirada do verdadeiro significado de cidadania".

Mumford (1998), em "A Cidade na História", destaca que as cidades são organismos vivos, cuja evolução está diretamente ligada à capacidade de atender às necessidades humanas, inclusive no que diz respeito ao lazer. Segundo o autor, as cidades devem ser planejadas para integrar a função recreativa ao cotidiano dos habitantes, garantindo a existência de praças, parques e espaços públicos acessíveis. Essa perspectiva também é compartilhada por Gehl (2013), que enfatiza a necessidade de um design urbano voltado às pessoas, no qual o espaço público se torne um local de permanência e interação social, dessa forma, o autor afirma:

Reforçar os convites para permanências mais longas no espaço público, porque algumas pessoas por muito tempo em um local proporcionam a mesma sensação de vitalidade do que muitas pessoas por pouco tempo. De todos os princípios e métodos disponíveis para reforçar a vida nas cidades, o mais simples e o mais eficaz é convidar as pessoas a passar mais tempo no espaço público. (Gehl, 2013, p. 232)

A relevância dos espaços de lazer também é explorada por Carlos Leite (2023), que discute a relação entre planejamento urbano e qualidade de vida. Segundo o autor, os espaços de lazer são fundamentais para o uso adequado do solo urbano, proporcionando ambientes mais harmoniosos e integrados. Da mesma forma, Fábio Robba e Silvio Macedo (2002), em "Praças do Brasil", destacam o papel das praças como espaços de convívio e lazer, enfatizando sua importância para a coesão social e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento.

O planejamento dos espaços de lazer deve considerar não apenas sua localização estratégica dentro da malha urbana, mas também a diversidade de usos que podem oferecer. Fábio Robba e Silvio Macedo (2003) destacam que as praças devem ser concebidas como ambientes dinâmicos, capazes de abrigar simultaneamente atividades culturais, esportivas e de recreação. Além disso, esses locais de uso comum desempenham um papel crucial na promoção da convivência social e na melhoria da qualidade de vida nas cidades.

Outro aspecto relevante é a inclusão de ambientes recreativos em áreas subutilizadas do tecido urbano. Iniciativas de requalificação territorial que integram infraestruturas voltadas ao bem-estar têm demonstrado efeitos positivos na segurança e na valorização do entorno, além de fortalecerem o senso de pertencimento entre os moradores. Carlos Leite (2023) enfatiza que “todo núcleo urbano deve contar com uma rede de equipamentos públicos equitativamente distribuída pelas suas diversas regiões e bairros, de modo que a população possa acessar, de modo equânime, as oportunidades de saúde, transporte, esportes e recreação” (Leite, 2023, p. 128).

A mercantilização das áreas destinadas ao entretenimento tornou-se uma realidade nas metrópoles contemporâneas. Conforme aponta Graça (2006, apud Teixeira, 2020, p. 38), "o cidadão se converteu em um consumidor e a vida urbana em um simples produto imobiliário". Essa lógica reforça a exclusão de parcelas da população do acesso a espaços de qualidade, tornando evidente a necessidade de políticas públicas que garantam a democratização dos espaços recreativos urbanos.

3.2.1 Conceito e Função Social do Esporte e Lazer

Os espaços de lazer são áreas projetadas para a recreação, o descanso e a interação social. No contexto urbano, eles desempenham funções que vão além do entretenimento, contribuindo para o desenvolvimento comunitário, a educação ambiental e a inclusão social.

Segundo Silvio Macedo e Francine Sakata (2010), no livro "Parques Urbanos", esses espaços devem ser projetados de forma a atender às diversas demandas da população, considerando aspectos como acessibilidade, segurança e multifuncionalidade. Conforme os autores, "a população das cidades sempre sente necessidade de espaços públicos abertos, onde possa encontrar um cenário tranquilo que tenha a ação de um antídoto contra as pressões e as tensões do trabalho" (Macedo; Sakata, 2010, p. 12).

A presença de espaços de lazer na cidade também influencia diretamente na qualidade ambiental do meio urbano. Parques, praças e áreas verdes desempenham um papel crucial na mitigação dos impactos da urbanização, auxiliando na regeneração do microclima, na redução da poluição sonora e na ampliação da biodiversidade local.

3.2.2 O caso de Bernardino Batista e a Necessidade de Espaços de Lazer na Cidade

Em cidades menores, como Bernardino Batista, a carência de espaços de lazer é um desafio que impacta diretamente a qualidade de vida da população. A implantação de um mirante, por exemplo, pode representar um avanço significativo no sentido de oferecer um ambiente para contemplação da paisagem, convivência e lazer. Além disso, a valorização da paisagem natural local pode contribuir para o desenvolvimento do turismo e a dinamização da economia municipal. Como apontam Sobrinho e Pires (2018, apud Teixeira, 2020, p. 38 e 39), é necessário refletir sobre "como o ser humano se relaciona com a natureza e com a produção capitalista, compreendendo as mudanças que se processaram no modo de pensá-la, interagir com ela e produzi-la".

Dessa forma, a discussão sobre áreas de convivência nas cidades não deve se restringir apenas a grandes centros urbanos, mas também contemplar contextos locais específicos, onde tais locais são fundamentais para a construção de uma cidade mais inclusiva e acolhedora. O planejamento urbano deve, portanto, integrar a criação dessas zonas recreativas como parte essencial do desenvolvimento das cidades, garantindo que a população possa usufruir de ambientes que favorecem o bem-estar e a interação social.

3.3 Paisagem, Turismo e Valorização do Território

A paisagem, enquanto construção social e territorial, é um elemento essencial na identidade e no desenvolvimento das localidades. Para Milton Santos (1988), ela representa tudo o que a visão alcança, indo além das formas visíveis para abranger cores, movimentos, odores e sons. Mais do que um simples cenário, a paisagem reflete as dinâmicas sociais, culturais e econômicas que nela se desenrolam. Essa perspectiva reforça a importância da relação entre

paisagem e turismo, evidenciando seu papel na valorização territorial e na construção da identidade cultural.

Berque (1984, apud Holzer, 2004) argumenta que a paisagem é uma manifestação simbólica das relações entre sociedade e natureza. Ela funciona simultaneamente como marca, ao refletir a identidade de uma civilização, e como matriz, ao influenciar a percepção e a relação coletiva com o espaço. Assim, sua valorização vai além do aspecto visual, conectando-se às dinâmicas culturais e territoriais. No turismo, essa dimensão se torna essencial, pois a paisagem não é apenas um atrativo, mas também um meio de reforço da identidade local. Andrade e Garrocin (s.d.), em *Paisagem como cenário: mirante, memória e intervenção*, destacam que os mirantes funcionam como elementos estruturadores da paisagem, proporcionando uma leitura do espaço e promovendo a valorização da memória e do território.

O turismo, enquanto fenômeno social e econômico, tem uma forte relação com a valorização e preservação da paisagem, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento local e na construção da identidade territorial, ao promover o reconhecimento das qualidades naturais e culturais. Nesse contexto, a paisagem, como recurso turístico, assume um papel fundamental no imaginário dos turistas, sendo moldada pela percepção estética de quem a observa, conforme destaca Castrogiovanni (2001, apud Gastal, 2013). A construção da paisagem turística, influenciada pelos conceitos de sublime e pitoresco dos séculos XVIII e XIX, reflete uma natureza idealizada, transformando montanhas, campos e praias em espaços a serem consumidos esteticamente. Com o tempo, esse conceito se expandiu para o urbano, fazendo com que cidades e centros históricos também se tornassem destinos turísticos, agora apresentados através de experiências sensoriais e tecnológicas que complementam a ausência da natureza física.

Rua (2012), em *Paisagem, espaço e sustentabilidade: uma perspectiva multifuncional da geografia*, amplia essa discussão ao destacar a relação entre paisagem e sustentabilidade. Segundo o autor, a preservação e o uso consciente da paisagem são fundamentais para garantir sua continuidade enquanto recurso turístico e territorial. A valorização sustentável do território, portanto, exige uma abordagem multifuncional, que integre aspectos econômicos, culturais e ambientais. Nesse sentido, destaca-se:

A paisagem geográfica apresenta um papel fundamental na compreensão do espaço, constituindo uma marca, uma (Geo)grafia, que o homem imprime na superfície da Terra em seus locais de vivência e em suas práticas espaciais, e essa marca reflete a natureza da sociedade que realiza a grafia em seus aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais. (Rua, 2012, p. 13)

Essa perspectiva reforça a importância da paisagem como elemento estruturante do território, evidenciando sua influência na identidade local e na dinâmica socioespacial. Assim, ao

considerar a paisagem como um recurso multifuncional, é possível desenvolver estratégias que aliem conservação ambiental, desenvolvimento econômico e fortalecimento cultural.

3.3.1 Mirantes e a Valorização da Paisagem

Os mirantes são elementos arquitetônicos e urbanos que potencializam a experiência da paisagem. Kevin Lynch (1960), em *A Imagem da Cidade*, ressalta a importância dos pontos de referência visuais na construção da percepção urbana, sendo os mirantes elementos que enriquecem essa experiência. Eles funcionam como marcos territoriais, proporcionando vistas privilegiadas e promovendo a contemplação do ambiente.

Cullen (1971), em *A Paisagem Urbana*, destaca a importância da composição visual dos espaços e como a sequência de vistas influencia a experiência do observador. Para ele, a cidade deve ser projetada de modo a criar uma sucessão de cenários que despertem o interesse e a contemplação. Nesse contexto, os mirantes desempenham um papel essencial, pois proporcionam pontos estratégicos de observação, permitindo a apreciação da paisagem urbana e natural. Além disso, Cullen enfatiza que a disposição dos elementos urbanos, como edifícios e espaços livres, pode valorizar a identidade local ao criar narrativas visuais que conectam o espectador ao ambiente.

O livro *Paisagem como cenário: mirante, memória e intervenção*, de Evandro Andrade e Cláudia Garrocini (s.d.), aborda a importância da elaboração de espaços que considerem o potencial da paisagem na qual estão inseridos. Os autores destacam que a criação desses espaços deve não apenas valorizar a estética do ambiente, mas também promover uma elevação na qualidade de vida dos cidadãos.

A elaboração de espaços que considera a criação potencial do cenário e proporcione uma elevação de qualidade através das paisagens naturais, não somente dos ambientes, mas também da qualidade de vida dos cidadãos, alimenta o potencial de concepções e tratamento dos lugares com conceito artístico relacionado com os projetos de arquitetura, urbanos e de paisagismo. Dessa forma, os lugares difundem e caracterizam a cultura de um local e de um povo com ambiente de imersão criativa. (Andrade; Garrocini, s.d., p. 50).

Essa perspectiva reforça a necessidade de projetar espaços que promovam não apenas a valorização estética, mas também o bem-estar social e a conexão cultural com o território. No contexto urbano, os mirantes desempenham um papel essencial na composição do cenário e na interação entre a paisagem e seus usuários. Eles permitem a contemplação das transformações da paisagem ao longo do tempo e podem se tornar referências visuais que agregam novos significados culturais e simbólicos ao espaço.

Os mirantes são locais de grande importância na composição do cenário urbano. É bastante eficiente para o uso do lugar por meio da contemplação, que permite a observação da metamorfose da paisagem através dos tempos e também pode sinalizar a

paisagem a partir dos elementos do projeto aglutinador, tornando o próprio desenho do mirante uma referência visual do lugar e gerando outros significados para os aspectos visuais e aos sentidos e sensações das relações culturais. (Andrade; Garrocini, s.d., p. 50).

Exemplos notáveis de mirantes ao redor do mundo evidenciam sua relevância na valorização da paisagem e no fortalecimento da identidade territorial. O Mirante Dona Marta (Figura 4), no Rio de Janeiro, por exemplo, oferece uma vista panorâmica da cidade e do Pão de Açúcar, consolidando-se como um ícone turístico e cultural (Tripadvisor, 2025). Além de proporcionar uma experiência visual única, mirantes como esse tornam-se pontos de referência, atraindo visitantes e impulsionando o turismo. Sua presença fortalece a identidade local e valoriza o patrimônio paisagístico, promovendo uma conexão mais profunda entre as pessoas e o território.

Figura 4 - Mirante Dona Marta, Rio de Janeiro – RJ.



Fonte: Tripadvisor (2025).

Dessa maneira, o mirante proposto busca integrar a valorização da paisagem com o fortalecimento do turismo local. Sua localização estratégica permitirá uma visão panorâmica do município de Bernardino Batista, promovendo a contemplação da paisagem natural e urbana. Além disso, ao atuar como um espaço de lazer e apreciação, o mirante contribuirá para a construção da identidade territorial e para o desenvolvimento econômico da região.

4 ESTUDO DE REFERÊNCIAS

Apresenta-se a análise de dois projetos exemplares que exploram a integração entre arquitetura, paisagem e contexto sociocultural: o Mirante das Mangabeiras, em Belo Horizonte/MG, e o Mirante do Gavião Amazon Lodge, no Amazonas. A investigação destaca aspectos como acessibilidade, sustentabilidade, uso de materiais locais, valorização da vegetação nativa e envolvimento comunitário, evidenciando estratégias adaptadas a diferentes realidades territoriais. A análise comparativa permite extrair princípios essenciais que fundamentam a concepção do anteprojeto, com foco na aplicabilidade em cidades de porte menor, como Bernardino Batista.

4.1 Mirante das Mangabeiras

O Mirante das Mangabeiras é um dos principais pontos turísticos de Belo Horizonte/MG e um exemplo notável de como a arquitetura pública pode promover a requalificação urbana com acessibilidade, integração paisagística e respeito ao meio ambiente. Localizado na Serra do Curral, área de grande valor ambiental e simbólico para a capital mineira, o mirante ocupa aproximadamente 5.000 m² e foi projetado pelo Grupo Arquitetos e Urbanistas, tendo sido inaugurado em 2012 (Figura 5). A intervenção urbanística buscou transformar uma área anteriormente subutilizada em um espaço de convivência, lazer e contemplação, acessível a toda a população.

Figura 5 - Vista Aérea do Mirante das Mangabeiras.

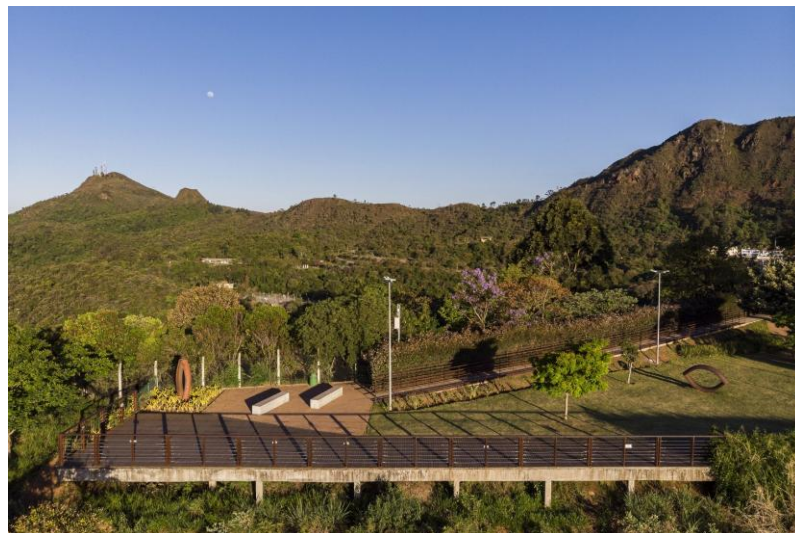


Fonte: ArchDaily (2025).

O projeto arquitetônico é marcado pela valorização da topografia natural e pela integração entre paisagem construída e paisagem natural. Um dos pontos centrais da proposta é a implantação de dois decks principais, um voltado para o nascer e outro para o pôr do sol, conectados por passarelas de madeira e rampas de leve inclinação, que respeitam a acessibilidade universal. Esses elementos garantem não apenas a mobilidade de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, como também criam uma circulação fluida que valoriza a experiência do percurso até os pontos de observação.

O mirante apresenta ainda elementos de arte e design que enriquecem a vivência do visitante, como o “Monumento à Visão”, do artista Ricardo Carvão. Essa estrutura em aço convida o usuário a refletir sobre o olhar para a cidade e sobre sua relação com o espaço urbano e natural. Além disso, o equipamento conta com lunetas para observação do horizonte, bancos, áreas de descanso e sombreamento natural, promovendo momentos de pausa e contemplação.

Figura 6 - Mirante das Mangabeiras.



Fonte: ArchDaily (2025).

O paisagismo do mirante foi inspirado nas propostas de Roberto Burle Marx e prioriza o uso de espécies nativas e adaptadas ao clima do cerrado mineiro, o que favorece a biodiversidade local, reduz custos de manutenção e reforça o caráter sustentável do projeto. A vegetação funciona como elemento de conexão entre o espaço urbano e o ecossistema do entorno, promovendo uma estética orgânica e acolhedora.

Outro ponto de destaque é a presença de uma tirolesa, que conecta o mirante ao Parque das Mangabeiras, ampliando o alcance do equipamento e criando um circuito integrado de lazer.

Essa solução exemplifica como um projeto urbano pode ir além da função contemplativa, incorporando atividades interativas que reforçam o vínculo entre o cidadão e o território.

O Mirante das Mangabeiras representa, portanto, uma síntese bem-sucedida entre arquitetura, arte, acessibilidade e natureza. Sua concepção reforça o papel dos espaços públicos como dispositivos de inclusão e pertencimento, ao mesmo tempo em que valoriza o patrimônio natural e cultural. Para o desenvolvimento de projetos similares em contextos interioranos como o de Bernardino Batista, este exemplo oferece referências essenciais de intervenção paisagística respeitosa, uso democrático do espaço e articulação entre lazer e contemplação.

4.2 Mirante do Gavião Amazon Lodge

O Mirante do Gavião Amazon Lodge, localizado em Novo Airão, no estado do Amazonas, é um empreendimento turístico que se destaca por seu compromisso com a sustentabilidade, pela valorização da arquitetura vernacular amazônica e pelo envolvimento da comunidade local. Projetado pelo Atelier O'Reilly e inaugurado em 2014, o lodge está situado às margens do Rio Negro, em frente ao Parque Nacional de Anavilhanas, formando uma composição única com a paisagem fluvial e florestal da região (figura 7).

Figura 7 - Mirante do Gavião Amazon Lodge.



Fonte: ArchDaily (2025).

Inicialmente concebido como ponto de apoio às operações de ecoturismo da Expedição Katerre, o lodge evoluiu para um espaço de hospedagem e observação da natureza que une conforto e responsabilidade ambiental. A estrutura do mirante e dos demais ambientes é

inspirada na forma de um barco invertido, referência direta à construção naval amazônica, o que confere identidade local ao projeto e favorece o diálogo com os saberes tradicionais da região.

Elevado sobre pilotis, o edifício permite a permeabilidade do solo e a preservação da vegetação nativa, além de facilitar a circulação de ar sob as estruturas, promovendo conforto térmico sem o uso de equipamentos energéticos intensivos. A construção utilizou principalmente madeira de reflorestamento, respeitando o ciclo ecológico da floresta e garantindo resistência e integração estética ao contexto. Vale destacar que cerca de 60 moradores de Novo Airão foram capacitados durante o processo construtivo, dos quais 20 passaram a integrar a equipe do lodge após a conclusão da obra, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico local.

No quesito sustentabilidade, o Mirante do Gavião se apresenta como um modelo exemplar. O projeto adota soluções ativas, como sistemas de captação e reuso de águas pluviais, geração de energia solar, aquecimento solar da água, compostagem de resíduos orgânicos e tratamento de efluentes por sistemas de fossa séptica ecológica. Essas estratégias reforçam o compromisso com a preservação ambiental e demonstram a viabilidade de se construir em áreas sensíveis sem comprometer seus ecossistemas.

O paisagismo, assinado por Clariça Lima, foi cuidadosamente planejado para recuperar áreas degradadas com espécies nativas e frutíferas da floresta, favorecendo a biodiversidade e promovendo a regeneração do bioma. Além disso, plantas ornamentais foram utilizadas para camuflar instalações técnicas, garantindo a integração estética entre o construído e o natural. O resultado é um espaço acolhedor, silencioso e sensorial, que convida à introspecção e ao respeito pela natureza.

Figura 8 - Mirante do Gavião Amazon Lodge.



Fonte: ArchDaily (2025).

A experiência proporcionada pelo Mirante do Gavião vai além da hospedagem tradicional: ela envolve o visitante em uma imersão cultural e ambiental, oferecendo uma relação autêntica com a Amazônia. O projeto se consolida, assim, como uma referência para iniciativas arquitetônicas em áreas naturais, especialmente quando há intenção de combinar turismo de experiência, conservação ambiental e fortalecimento de comunidades locais.

O projeto serve de referência ao demonstrar como é possível conciliar arquitetura, natureza e comunidade de forma equilibrada. O uso de materiais locais, a harmonia com o ambiente e o envolvimento dos moradores tornam-se pontos-chave para propostas em contextos semelhantes. Mais do que uma estrutura física, trata-se de criar um espaço significativo, funcional e socialmente enraizado, capaz de gerar pertencimento e valorizar o território onde se insere.

4.3 Análise Comparativa dos Estudos de Referência

Repensar a relação entre arquitetura e paisagem é um desafio cada vez mais presente em projetos contemporâneos. Em diferentes contextos do Brasil, alguns exemplos mostram como essa conexão pode resultar em espaços que acolhem, integram e valorizam tanto o ambiente quanto as pessoas. Dois desses casos se destacam: um situado em pleno tecido urbano, outro imerso na floresta amazônica, ambos revelam soluções criativas e sensíveis ao território. Em Belo Horizonte/MG, uma área antes subutilizada foi transformada em um espaço público acessível, com percursos integrados à topografia, paisagismo com espécies nativas e elementos culturais que enriquecem a experiência do visitante. No Amazonas, um mirante voltado ao ecoturismo se insere de forma respeitosa na mata, com estrutura elevada, uso de madeira de reflorestamento e tecnologias sustentáveis que dialogam com os saberes tradicionais da região.

Mais do que mirantes, esses projetos se consolidam como referências de como arquitetura, meio ambiente e comunidade podem caminhar juntos. Enquanto um promove inclusão e lazer no ambiente urbano, o outro oferece imersão e consciência ambiental em meio à natureza. Ambos, no entanto, apontam caminhos possíveis para intervenções em pequenas cidades, como Bernardino Batista, ao reforçarem a importância de criar espaços significativos, acessíveis e conectados com o lugar onde se inserem.

5 TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS: HISTÓRIA E CULTURA DE BERNARDINO BATISTA

Este capítulo tem como objetivo apresentar a contextualização territorial e socioespacial do município de Bernardino Batista, com ênfase em dados gerais como localização, área, população, aspectos físicos e o enquadramento regional do território. Além dessas informações, serão analisadas a formação histórica e às manifestações culturais locais, com o intuito de compreender os elementos identitários que estruturam o município e influenciam diretamente nas estratégias de valorização urbana e turística propostas neste trabalho.

Localizado no extremo oeste da Paraíba, na microrregião de Cajazeiras, o município de Bernardino Batista limita-se com o estado do Ceará e possui uma área de 57,453 km². Situado a aproximadamente 553 km da capital paraibana, João Pessoa, o município abriga uma população estimada em 3.504 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Inserido em área de clima tropical semiárido (Aw), com vegetação predominante de caatinga, o território apresenta baixa densidade demográfica e uma dinâmica rural marcante. Diante desse cenário, a análise integrada dos aspectos históricos, culturais e geográficos é essencial para fundamentar diretrizes de intervenção sensíveis à identidade local e ao contexto ambiental.

5.1 Caracterização Histórica de Bernardino Batista

A história de Bernardino Batista, antiga Serra do Padre, pode ser dividida em duas fases distintas. A primeira remonta ao início do século XIX, quando, por volta de 1815, o Padre José Dantas Rothéa chegou à região com a missão de evangelizar. Atraído pelas características naturais e climáticas do local, o sacerdote fixou residência na área, onde construiu sua morada e passou a administrar vastas extensões de terras. Essa presença marcante deu origem à denominação "Serra do Padre", nome que permaneceu por décadas como referência à localidade. Após o falecimento do padre, sua antiga residência (Figura 9), foi ocupada por Francisco Egídio dos Santos, que encontrou diversos pertences preservados do religioso, incluindo moedas e utensílios domésticos. A memória do padre permanece viva, tanto nos relatos locais quanto na própria edificação que ainda existe. Com o tempo, as terras originalmente ocupadas pelo padre foram transmitidas informalmente entre famílias da região, sem registros oficiais.

Figura 9 - Primeira casa da cidade.



Fonte: Santos Sobrinho (2003).

A segunda fase da história da antiga Serra do Padre teve início em 1928, com a chegada de Bernardino José Batista, casado com Maria da Glória da Conceição, filha do coronel Manoel Egídio dos Santos. Naquele período, a região contava com poucas moradias, entre elas as de Manoel Egídio Filho e Manoel Cláudio. Ao se estabelecer na localidade, Bernardino construiu uma residência que ainda hoje é parcialmente preservada por seus descendentes. Com o desbravamento do território, antigas ruínas foram sendo soterradas ou substituídas por novas edificações, marcando um processo de ocupação mais estruturado. Figura central nesse desenvolvimento, Bernardino Batista tornou-se o primeiro político eleito da comunidade, exercendo o cargo de vereador por São João do Rio do Peixe/PB. Em reconhecimento à sua importância, a localidade passou a ser identificada com o seu nome, consolidando sua contribuição na construção da identidade política e territorial do município.

Um marco importante na história da comunidade foi a construção da primeira capela da localidade, erguida no ano de 1945. O idealizador do projeto foi o próprio Bernardino José Batista, que alimentava o desejo de ver o povoado contar com um espaço dedicado à fé e à celebração religiosa. Para concretizar esse objetivo, uniu esforços com Manoel Egídio dos Santos, Vicente Egídio e o padre Antônio Anacleto, formando uma corrente de fé que mobilizou a população local. A construção foi um grande desafio, principalmente devido às dificuldades de acesso à época, quando o trajeto era composto por veredas estreitas, de difícil passagem até mesmo para pedestres. A capela, dedicada à Nossa Senhora dos Milagres (Figura 10), tornou-se um importante símbolo da religiosidade da comunidade e, posteriormente, deu origem à atual Igreja Matriz, que passou por diversas reformas ao longo dos anos. A evolução dessa edificação pode ser observada nas imagens a seguir, que retratam a igreja em três momentos distintos: sua

construção original, uma fase intermediária de reforma, e sua configuração mais recente, ainda em processo de requalificação.

Figura 10 - Primeira versão da Capela de Nossa Senhora dos Milagres, construída em 1945.



Fonte: Santos Sobrinho (2003).

A imagem retrata a construção original da capela dedicada à Nossa Senhora dos Milagres, edificada em 1945. Com proporções modestas e arquitetura simples, a edificação apresentava elementos típicos das construções religiosas rurais do período, como volumetria básica, cobertura de duas águas e pouco uso de ornamentação. Esse primeiro exemplar reflete a forte ligação da comunidade com a fé e marca o início da conformação do espaço central do povoado.

Figura 11 - Etapa intermediária de reforma da igreja.



Fonte: Prefeitura Municipal de Bernardino Batista (2021).

Neste segundo momento, observa-se a evolução da edificação com a adição de uma pequena torre frontal e a requalificação da fachada, conferindo maior presença urbana ao templo. A criação da Praça da Igreja Matriz em frente da edificação reforça sua centralidade e amplia sua função como ponto de encontro e convivência comunitária. A intervenção valoriza o caráter simbólico da igreja e reflete a consolidação do núcleo urbano da localidade.

Figura 12 - Igreja Matriz em sua versão mais recente, ainda em processo de reforma.



Fonte: Prefeitura Municipal de Bernardino Batista (2021).

A registro mais recente evidencia a transformação arquitetônica da Igreja Matriz, atualmente em fase final de reforma. A nova torre, de maior porte e com linhas mais definidas, reforça a verticalidade e a imponência do conjunto. A reconfiguração da fachada acompanha a modernização da estrutura, sem perder os vínculos simbólicos e religiosos da comunidade. Com conclusão prevista para 2025, a intervenção reafirma o papel do edifício como referência espiritual e paisagística da cidade.

Paralelamente à consolidação de símbolos religiosos e culturais, o processo de organização político-administrativa do território também avançava. A trajetória administrativa do município teve início com a criação do distrito de Bernardino Batista, instituído pela Lei Estadual nº 4.367, de 18 de dezembro de 1981, vinculado ao município de Triunfo. Posteriormente, foi elevado à categoria de município independente pela Lei Estadual nº 5.929, de 29 de abril de 1994, com a instalação oficial ocorrida em 1º de janeiro de 1997. O primeiro prefeito constitucional foi Assis Gomes dos Santos, natural do próprio território, cuja gestão foi marcada por uma visão jovem e comprometida com o desenvolvimento local.

Localizado no extremo oeste da Paraíba, Bernardino Batista está inserido na região semiárida do Brasil, segundo critérios estabelecidos pelo Ministério da Integração Nacional. O clima predominante é o tropical semiárido (Aw), com média pluviométrica anual de aproximadamente 919 mm, embora eventos de alta precipitação já tenha sido registrados, como os 605,3 mm acumulados em abril de 2009. A vegetação típica da caatinga xerofítica, com presença de cactáceas e arbustos de pequeno porte, domina a paisagem natural.

Geograficamente, o município está situado na unidade da Depressão Sertaneja, com ocorrência de superfícies erosivas. Está inserido ainda nos domínios da bacia hidrográfica do Rio

Piranhas, especificamente na sub-bacia do Rio do Peixe, que, juntamente com o riacho Miranda, compõe os principais cursos d'água locais, todos de caráter intermitente.

A formação histórica e territorial de Bernardino Batista revela a importância das lideranças locais na construção da identidade municipal, marcada por uma trajetória de fé, resistência, vínculos familiares e desejo de emancipação. A memória do passado permanece como base para compreender o presente e projetar o futuro da cidade.

5.2 Aspectos Culturais de Bernardino Batista

A cultura do município está profundamente enraizada na identidade simbólica e econômica do caju, fruta que se tornou referência local e marca registrada da cidade. Conhecida como “Terra do Caju”, Bernardino Batista carrega esse título não apenas pela produção da fruta, mas também pelo forte vínculo cultural que se manifesta em eventos, espaços públicos e monumentos. Essa ligação com o caju também se expressa de forma marcante na paisagem urbana da cidade, especialmente na entrada principal de Bernardino Batista, onde está localizado um pórtico com formato que remete ao contorno de uma casa (Figura 13). A estrutura simboliza acolhimento e reforça a identidade local, com elementos visuais que fazem referência ao caju, associando a imagem arquitetônica ao símbolo mais representativo da cultura batistense.

Figura 13 - Pórtico de entrada da cidade.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Já nas proximidades do pórtico, encontra-se a Praça de Eventos da cidade, onde um totem simbólico reforça essa identidade cultural (Figura 14). A peça exibe a frase “BERNARDINO BATISTA – terra do caju” em destaque, acompanhada de um coração estilizado que incorpora sutilmente o desenho da castanha. O conjunto gráfico do totem, além de

funcionar como marco visual e ponto de recepção, reafirma a presença do caju como elemento central na construção da memória afetiva e da imagem urbana do município.

Figura 14 - Totem “Bernardino Batista – Terra do Caju”.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

No centro da cidade, há ainda a Praça do Caju (Figura 15), localizada ao lado da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Milagres e do Mercado Público Municipal. O espaço, além de servir como ponto de encontro e convivência da população, é mais um exemplo da valorização do caju no cotidiano dos moradores. Com isso, percebe-se que a fruta não é apenas uma referência econômica ou agrícola, mas um símbolo de identidade coletiva, presente tanto nas festas quanto nos espaços públicos e na memória afetiva da população.

Figura 15 - Praça do Caju.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Ao longo do ano, diversas festividades tradicionais reforçam esse sentimento de pertencimento e valorização da cultura local. A primeira delas é o Forropad, realizado durante o

mês de junho, inserido no contexto das festas juninas nordestinas. O evento reúne apresentações culturais, quadrilhas, shows musicais e atividades voltadas à celebração do São João, sendo uma das mais expressivas manifestações populares do município.

No mês de setembro, acontecem duas celebrações de grande importância para a comunidade batistense. No dia 6, é comemorada a emancipação política do município, com uma programação composta por atos cívicos, manifestações culturais e atividades festivas que reúnem a população em torno da valorização da história local. Na mesma época, realizam-se as festividades religiosas em homenagem à padroeira Nossa Senhora dos Milagres, que incluem missas, procissões e celebrações que expressam a fé e a tradição do povo batistense, com encerramento no dia 8 de setembro. Ambas as comemorações movimentam intensamente a cidade, fortalecendo os vínculos sociais, culturais e espirituais entre os moradores.

Já no mês de novembro, acontece a tradicional Festa do Caju, que integra o calendário cultural do município e carrega forte valor simbólico para a população. O evento reúne shows, apresentações artísticas, concursos e ações de incentivo à agricultura familiar, promovendo o cultivo do caju como elemento representativo da economia local e da memória coletiva batistense.

A leitura do território de Bernardino Batista revela muito mais que sua configuração geográfica ou estrutura urbana, evidencia um lugar construído por histórias, vínculos afetivos e símbolos que fortalecem o sentimento de pertencimento coletivo. Cada elemento, do patrimônio edificado às celebrações populares, contribui para a construção de uma paisagem cultural singular, que expressa as raízes e aspirações da comunidade. Compreender essas camadas é essencial para propor estratégias de valorização que dialoguem com as particularidades locais e respeitem a trajetória de um povo que transforma memória em identidade viva.

6 ANÁLISES URBANAS DE BERNARDINO BATISTA

Neste capítulo, são apresentados os fundamentos técnicos que sustentam a proposta de implantação do mirante no município de Bernardino Batista, por meio da análise integrada de aspectos bioclimáticos, diretrizes de acessibilidade e diagnósticos territoriais baseados em mapas temáticos. Inicialmente, aborda-se o contexto ambiental local, considerando variáveis como insolação, ventilação e temperatura, essenciais para o conforto térmico e a sustentabilidade do espaço, especialmente diante das condições do semiárido paraibano. Paralelamente, são analisadas as normas técnicas e legislações vigentes, com destaque para a ABNT NBR 9050:2020, que orientam o projeto quanto à acessibilidade universal, garantindo autonomia, segurança e inclusão para todos os usuários, desde o dimensionamento das circulações e manobras em cadeiras de rodas até a configuração de sanitários e vagas de estacionamento acessíveis. A complementação dessas diretrizes pelas normas municipais e regionais assegura a adequação do equipamento às especificidades locais e ao ordenamento territorial vigente.

Realiza-se também um diagnóstico territorial detalhado por meio da análise de mapas temáticos que representam o uso e ocupação do solo, os gabaritos das edificações, o sistema viário e a vegetação existente na área urbana. Essa abordagem permite compreender as características físicas, sociais e ambientais do território, identificando áreas com potencial para a implantação do mirante, especialmente terrenos livres ou subutilizados que favorecem a integração com a paisagem e a infraestrutura existente. A consideração desses aspectos assegura que o projeto respeite a escala do entorno, valorize os elementos naturais e urbanos presentes, e esteja adequadamente conectado à malha viária e aos equipamentos públicos locais. A articulação entre as dimensões ambiental, social e urbanística fundamenta a proposta de um projeto sustentável, acessível e integrado à identidade do município, promovendo o uso equitativo e o fortalecimento do espaço público.

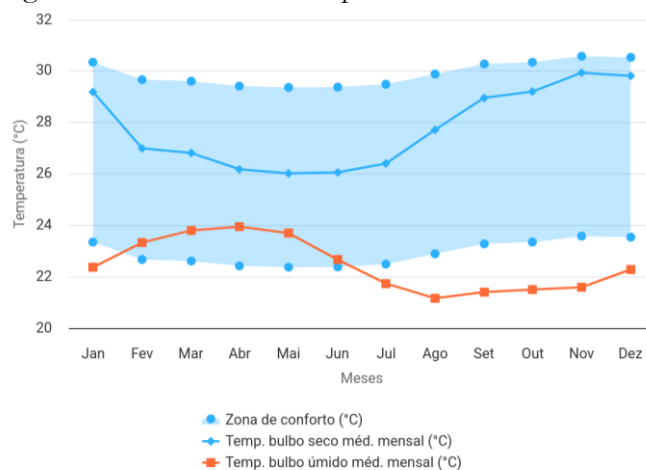
6.1 Aspectos Bioclimáticos

A consideração dos fatores climáticos no desenvolvimento de projetos arquitetônicos e urbanos é essencial para garantir conforto ambiental, eficiência energética e qualidade de vida. Em regiões com condições ambientais marcadas por variações sazonais significativas, como o semiárido nordestino, elementos como temperatura, umidade relativa do ar, radiação solar, precipitação e ventilação predominante devem ser analisados com rigor. Essas variáveis orientam diretamente decisões sobre implantação, materiais, aberturas e estratégias de sombreamento e ventilação natural.

Para subsidiar esta análise, recorreu-se à plataforma ProjetEEE (LabEEE/UFSC). Considerando a ausência de dados climáticos específicos para o município de Bernardino Batista/PB, optou-se por utilizar os dados da cidade de Jaguaribe/CE, localizada em zona bioclimática semelhante (ZB 7 segundo a NBR 15220), com características ambientais compatíveis.

O gráfico de temperaturas médias mensais (Figura 16) apresenta as variações de temperatura de bulbo seco e bulbo úmido ao longo do ano, comparadas à zona de conforto térmico para edificações naturalmente ventiladas. A temperatura de bulbo seco atinge seu ponto máximo em dezembro, com valores próximos a 30 °C, e mínimo em julho, com cerca de 26 °C. Observa-se uma elevação gradual das temperaturas entre agosto e novembro, e uma leve oscilação entre dezembro e maio. As médias permanecem, de forma geral, dentro ou próximas da faixa de conforto térmico, o que favorece estratégias passivas de ventilação e sombreamento. Já a temperatura de bulbo úmido, que representa a sensação térmica em condições de umidade e ventilação, varia entre aproximadamente 22 °C e 24 °C, com valores mais altos entre março e maio. Em períodos de maior umidade, esse parâmetro pode indicar sensação de desconforto térmico.

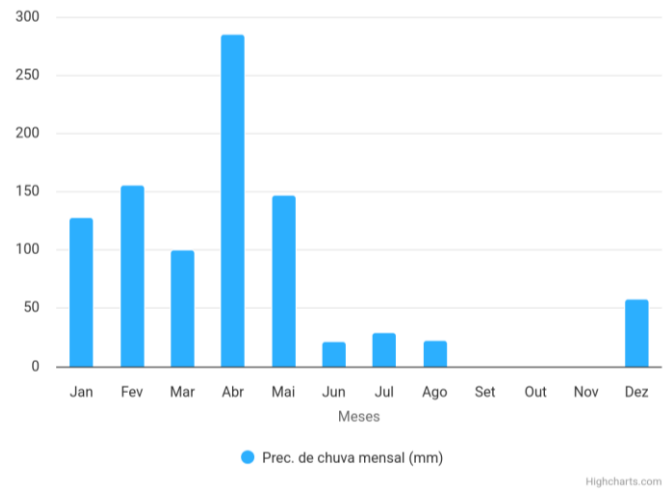
Figura 16 - Gráfico das temperaturas.



Fonte: ProjetEEE (2016).

A precipitação mensal (Figura 17) demonstra um padrão climático tipicamente sazonal. O maior volume de chuvas ocorre em abril, com mais de 280 mm, seguido por uma expressiva redução entre junho e novembro, com os menores índices observados em setembro e outubro. A distribuição das chuvas evidencia a presença de uma estação seca prolongada, o que exige atenção especial ao uso de técnicas de aproveitamento de água pluvial e dimensionamento adequado de reservatórios, contribuindo para a sustentabilidade hídrica do projeto.

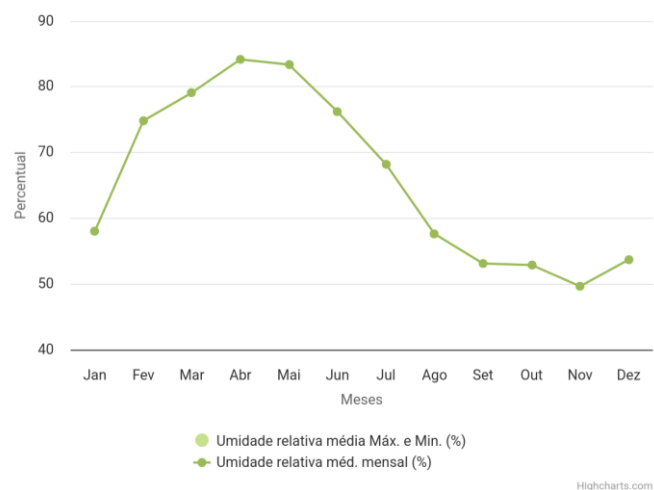
Figura 17 - Gráfico de chuvas.



Fonte: ProjetEEE (2016).

No que se refere à umidade relativa do ar (Figura 18), os valores variam de forma significativa ao longo do ano. Os maiores índices são registrados entre abril e junho, com picos superiores a 80%, enquanto os menores ocorrem entre setembro e novembro, atingindo cerca de 50%. Essa oscilação está diretamente relacionada ao regime de chuvas, influenciando a percepção térmica e reforçando a necessidade de estratégias que promovam ventilação cruzada e ambientes sombreados nos períodos mais secos e quentes.

Figura 18 - Gráfico de umidade relativa.

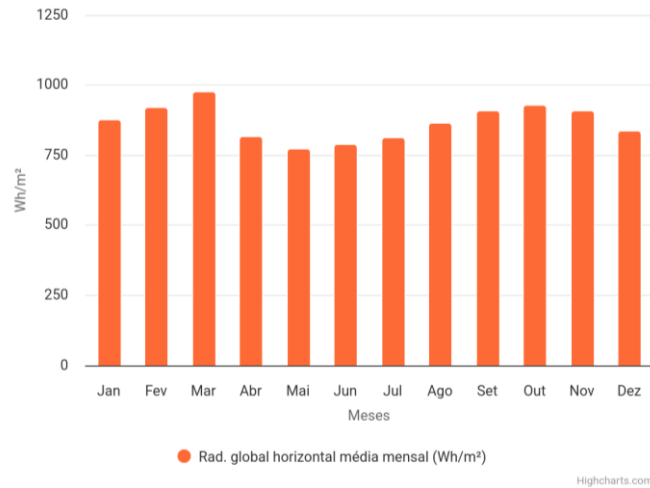


Fonte: ProjetEEE (2016).

A análise da radiação solar média mensal (Figura 19) revela que os maiores índices de radiação global horizontal ocorrem entre setembro e novembro, com valores acima de 950 Wh/m². Já os menores níveis são registrados entre maio e julho, em torno de 780 a 820 Wh/m². Essa informação é essencial para o posicionamento do mirante e para o planejamento de dispositivos de sombreamento, garantindo o aproveitamento da luz natural sem comprometer o

conforto térmico. A regularidade da radiação ao longo do ano permite o uso eficiente de estratégias passivas e o aproveitamento da energia solar.

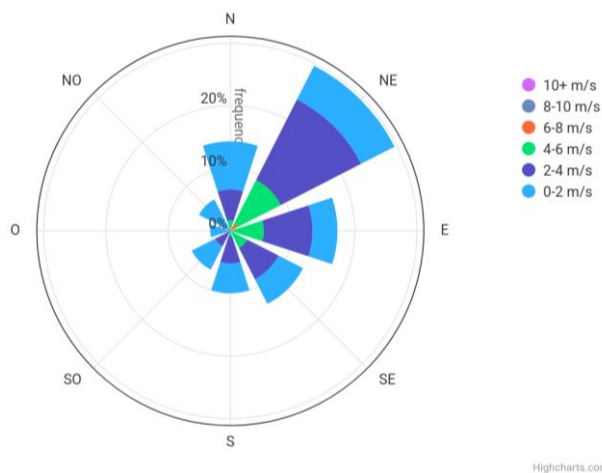
Figura 19 - Gráfico de radiação média mensal.



Fonte: ProjetEEE (2016).

Por fim, a rosa dos ventos (Figura 20) indica predominância de ventos provenientes do setor leste (E e NE), com frequências superiores a 20% em determinados períodos. Também há atuação secundária de ventos vindos do sul e sudeste, embora em menor intensidade. Essas informações são determinantes para a orientação do projeto, especialmente para o posicionamento das aberturas e dos espaços de permanência, a fim de potencializar a ventilação natural e garantir o conforto térmico. Além disso, a direção dos ventos deve ser considerada para a proteção das fachadas contra chuvas oblíquas, podendo-se adotar beirais largos, varandas e paredes de proteção nos setores mais expostos.

Figura 20 - Gráfico Rosa dos Ventos.



Fonte: ProjetEEE (2016).

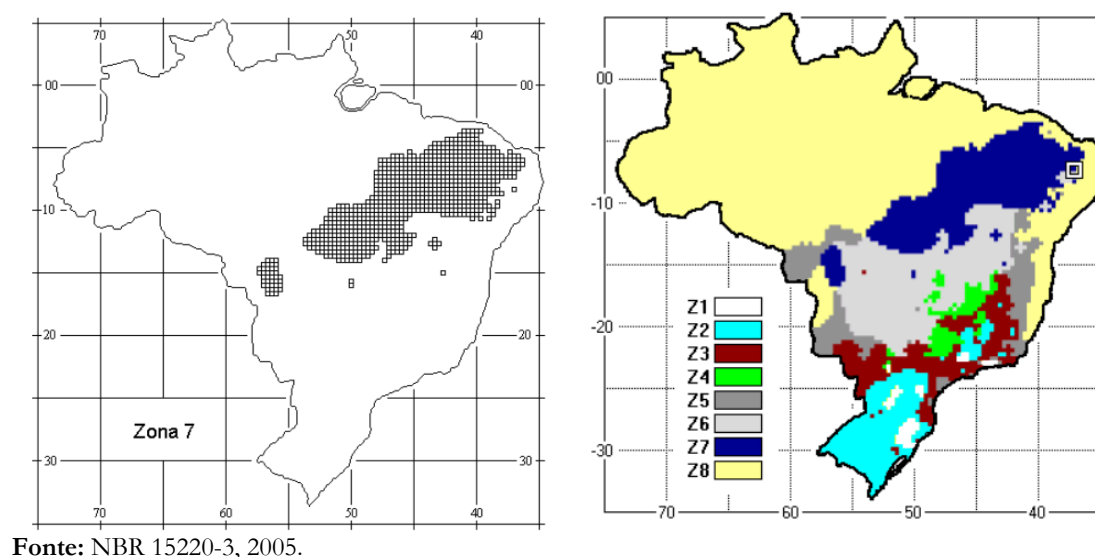
Portanto, o estudo dos dados bioclimáticos de Jaguaribe/CE oferece subsídios fundamentais para decisões projetuais no mirante de Bernardino Batista. A compreensão e

integração desses elementos resultam em um espaço arquitetônico mais adaptado às condições climáticas locais, promovendo conforto, economia de recursos e harmonia com o meio ambiente.

A NBR 15220-3 (ABNT, 2005) orienta o desenvolvimento de projetos arquitetônicos considerando as particularidades climáticas do Brasil, sobretudo em construções de interesse social. Seu principal foco está na busca por maior eficiência energética por meio de soluções arquitetônicas adaptadas às diversas zonas bioclimáticas do país. No caso específico deste estudo, o município analisado encontra-se inserido na Zona Bioclimática 7, conforme o mapa de zoneamento térmico brasileiro (Figura 21).

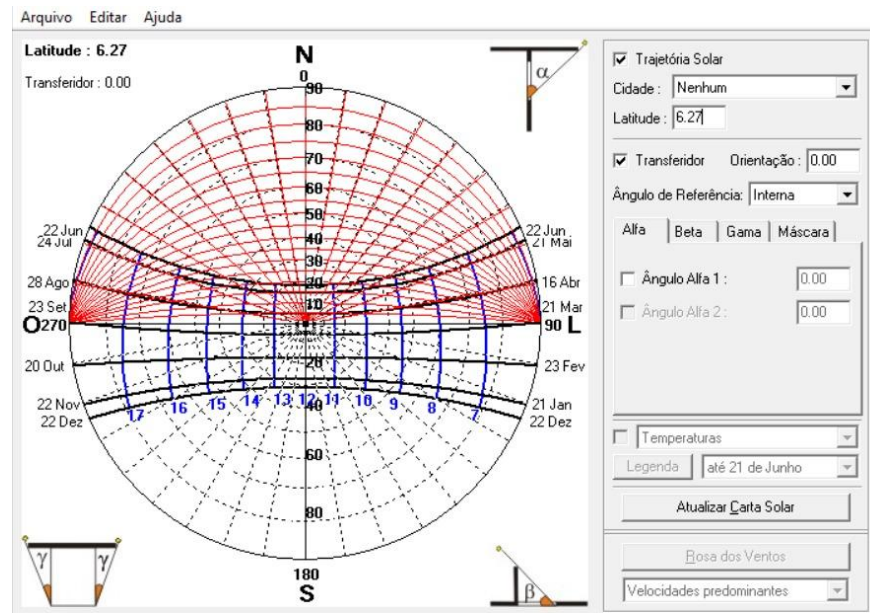
Essa zona se caracteriza por apresentar clima quente e seco durante boa parte do ano, exigindo estratégias construtivas que garantam conforto térmico de forma passiva. A norma recomenda aberturas menores e protegidas do sol direto, permitindo o controle da entrada de calor e favorecendo a ventilação em horários de menor incidência solar. Além disso, a utilização de elementos construtivos com maior massa térmica é indicada, pois ajuda a reduzir variações bruscas de temperatura no interior dos ambientes, garantindo maior estabilidade térmica e eficiência no desempenho da edificação.

Figura 21 - Zonas bioclimáticas do Brasil.



Com o auxílio do software SOL-AR, foi gerada a carta solar de Bernardino Batista (Figura 22), representando graficamente o percurso aparente do sol ao longo do ano. Essa representação é fundamental para a análise dos aspectos solares do terreno, contribuindo para decisões projetuais voltadas à eficiência térmica e ao conforto ambiental da proposta arquitetônica.

Figura 22 - Carta solar de Bernardino Batista/PB.



Fonte: ProjEEE (2016).

A carta solar do município, elaborada com base na latitude local de 6,27° Sul, apresenta a trajetória aparente do sol ao longo do ano e durante o dia. Essa ferramenta gráfica permite uma leitura precisa dos ângulos solares em diferentes períodos, sendo essencial para a formulação de estratégias bioclimáticas no projeto. Observa-se que a região apresenta elevada exposição à radiação solar durante todo o ano, com ângulos altos de insolação especialmente nos meses de verão. A compreensão dessas variações possibilita a adequada orientação das edificações e a definição de dispositivos de sombreamento eficientes, com o objetivo de controlar a entrada de calor excessivo e promover conforto térmico nas áreas de permanência. Dessa forma, a análise da carta solar contribui diretamente para decisões projetuais que otimizam o aproveitamento da luz natural, reduzem a carga térmica interna e favorecem o desempenho ambiental do mirante, em consonância com os demais parâmetros climáticos do local.

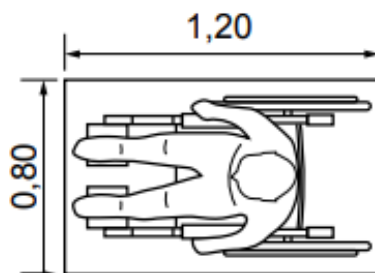
6.2 Diretrizes de Acessibilidade

A acessibilidade é um dos pilares fundamentais do projeto do mirante proposto para o município de Bernardino Batista. Como se trata de um equipamento urbano voltado ao uso público e coletivo, a adoção das normas técnicas que promovem o acesso universal é essencial para garantir a inclusão e o direito à cidade, conforme discutido por Lefebvre (2008). Neste contexto, a norma ABNT NBR 9050:2020 — Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos — foi adotada como referência principal para o desenvolvimento do

estudo preliminar, orientando decisões projetuais com base na diversidade de corpos, condições e modos de deslocamento.

A norma estabelece parâmetros técnicos que buscam assegurar condições de uso com autonomia e segurança para todas as pessoas, incluindo aquelas com deficiências físicas, visuais, auditivas ou com mobilidade reduzida temporária ou permanente. Entre as orientações fundamentais aplicadas ao projeto do mirante, destaca-se o uso do módulo de referência para cadeiras de rodas, cujas dimensões mínimas no deslocamento linear são de 0,80 m x 1,20 m (Figura 23), como apresentado na NBR 9050 (2020).

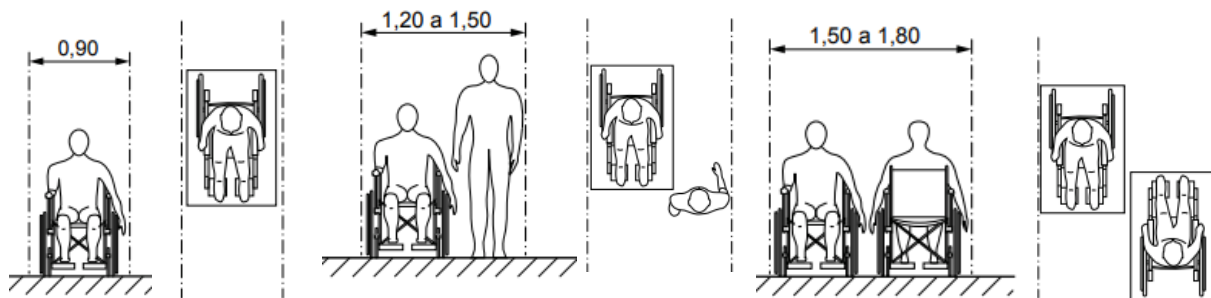
Figura 23 - Dimensões do Módulo de Referência.



Fonte: NBR 9050/2020.

Esse módulo foi utilizado para dimensionar os espaços de circulação no platô de observação e nos percursos de acesso ao mirante.

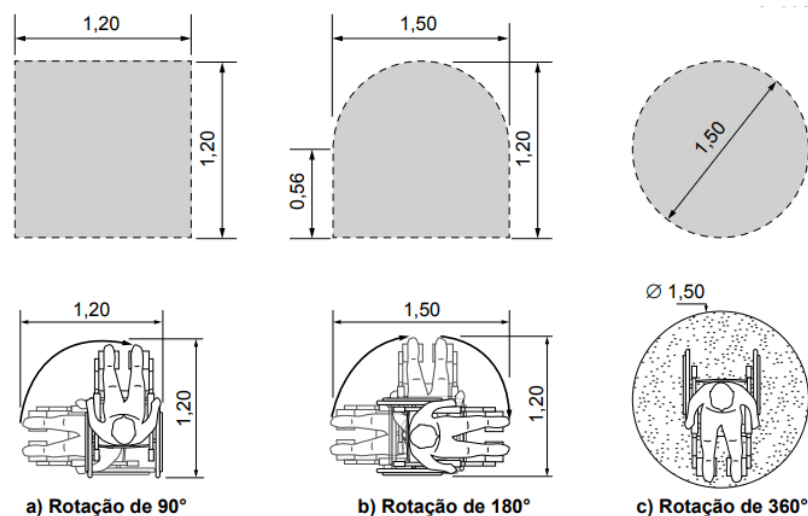
Figura 24 - Largura para deslocamento em linha reta de pessoas em cadeira de rodas.



Fonte: NBR 9050/2020.

A norma também define os espaços necessários para manobras de cadeiras de rodas, como mostrado na figura 25. Para giros de 90°, exige-se uma área de 1,20 m x 1,20 m; para 180°, 1,50 m x 1,20 m; e, para giros completos de 360°, um círculo de 1,50 m de diâmetro. Esses espaços foram cuidadosamente aplicados em diversos pontos do projeto do mirante, incluindo os principais espaços de circulação interna e externa, rampas de acesso, sanitários, áreas de lazer e convivência, assim como nos espaços destinados à contemplação da paisagem. Também foram respeitadas as áreas mínimas de manobra nas vagas de estacionamento acessíveis, assegurando total autonomia e segurança aos usuários com mobilidade reduzida em todas as etapas do percurso pelo equipamento urbano.

Figura 25 - Área para manobra de cadeira de rodas sem deslocamento.



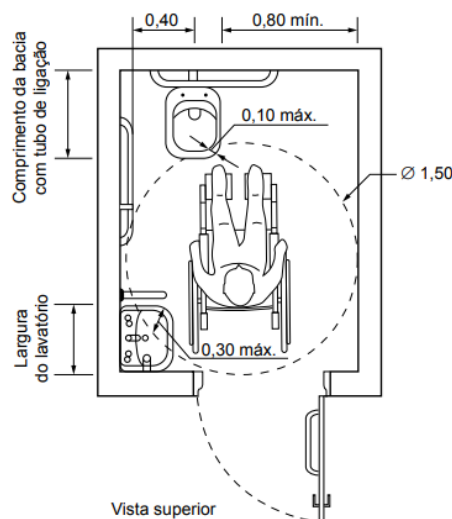
Fonte: NBR 9050/2020.

As rampas de acesso, elemento crucial do projeto, foram dimensionadas com inclinação máxima de 8,33%, conforme a norma (NBR 9050, p. 42). Embora os comprimentos das rampas variem ao longo do projeto, todas elas seguem o critério normativo de inserção de patamares de descanso a cada 50 metros de percurso contínuo, quando necessário.

As calçadas e caminhos externos foram projetados com base na subdivisão recomendada pela norma: faixa de serviço (mínimo de 0,70 m), faixa livre de circulação (1,20 m de largura e altura livre de 2,10 m) e, quando possível, faixa de acesso (para rampas e ligações ao lote). Esses critérios visam assegurar o fluxo contínuo e seguro de pedestres em todas as condições.

O projeto do mirante também contempla sanitários acessíveis, cuja área mínima é de 1,50 m x 2,00 m, possibilitando manobras de 360°. Os vasos sanitários estão posicionados com altura entre 0,43 m e 0,45 m e os lavatórios entre 0,78 m e 0,80 m, todos acompanhados de barras de apoio horizontais e verticais, instaladas conforme as alturas indicadas pela norma. As portas desses sanitários abrem para fora ou utilizam sistemas de correr, garantindo a evacuação segura em caso de emergência.

Figura 26 - Medidas mínimas de um sanitário acessível.



Fonte: NBR 9050/2020.

Para o estacionamento, foram destinadas vagas reservadas com largura mínima de 3,50 m, localizadas próximas às entradas principais e devidamente sinalizadas com elementos verticais e horizontais, conforme a NBR 9050/2020.

Além da NBR 9050/2020, também foi utilizado como instrumento de referência o Código de Obras e Posturas Urbanas do Município de Bernardino Batista, instituído pela Lei nº 231/2005. Essa legislação municipal estabelece diretrizes importantes para a conformidade das edificações quanto à largura mínima de rampas e corredores (mínimo de 1,20 m), inclinações máximas de rampas (15%), regras sobre calçadas e pisos antiderrapantes, instalação de equipamentos sanitários, afastamentos mínimos e acessibilidade em prédios públicos (Art. 64 e 65). Tais diretrizes complementam as exigências normativas nacionais e garantem que o projeto esteja adaptado às especificidades locais.

Como o município ainda não dispõe de Plano Diretor próprio, adotou-se como referência complementar o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Patos/PB, estabelecido pela Lei nº 3.503/2006. Por sua abrangência e pela semelhança regional e socioambiental com Bernardino Batista, o documento oferece diretrizes estratégicas para o ordenamento territorial, uso e ocupação do solo e desenvolvimento urbano sustentável. Embora o Plano Diretor de Patos defina apenas os princípios gerais da política urbana, ele prevê, em seu §1º do Art. 1º, que os parâmetros técnicos específicos devem ser detalhados em legislações complementares, como o Código de Urbanismo e Obras, o Código de Edificações, o Código de Posturas e o Código do Meio Ambiente.

A integração das orientações da NBR 9050/2020, somada à observância do Código de Obras e Posturas de Bernardino Batista e ao embasamento técnico fornecido pelo Plano Diretor

de Patos, assegura que o projeto atenda aos critérios de acessibilidade, segurança e inclusão. Essa abordagem evidencia o compromisso com um espaço público acessível, acolhedor e equitativo, reafirmando o papel do mirante como um ponto de convivência e contemplação voltado a todas as pessoas, independentemente de suas condições físicas ou sociais.

Com o intuito de reunir os principais parâmetros técnicos adotados no projeto, apresenta-se a seguir uma tabela referente aos índices urbanísticos mínimos recomendados pelo Código de Obras de Bernardino Batista e pelo Plano Diretor de Patos. Essa organização facilita a visualização das normas aplicáveis, orientando de forma clara as decisões relacionadas à acessibilidade, dimensionamento e adequação técnica da proposta.

Tabela 2 - Resumo das legislações.

INDICES URBANOS	DIRETRIZES ESTABELECIDAS
Circulação de corredores	Largura mínima de 0,90 m
Largura mínima de rampas	1,20 m
Inclinação máxima de rampas	8,33% (1:12) para acessibilidade
Pé-direito mínimo	2,60 m em áreas de permanência
Escadas	Espelho até 19 cm e piso mínimo de 25 cm
Calçadas	Largura mínima de 2,00 m

Fonte: Autoria Própria (2025).

6.3 Diagnóstico Urbano do Município

A análise territorial por meio de mapas temáticos é uma etapa essencial no processo de diagnóstico urbano, pois permite compreender a organização espacial e funcional da área de estudo. No caso do município de Bernardino Batista, foram elaborados diversos mapas a partir do recorte urbano selecionado, com o intuito de subsidiar tecnicamente a proposta de implantação de um mirante. A leitura conjunta desses mapas possibilita identificar características físicas, sociais e ambientais relevantes, além de revelar oportunidades e limitações que influenciam diretamente na tomada de decisão projetual. A seguir, são apresentados e interpretados os mapas de uso e ocupação do solo, cheios e vazios, gabaritos, sistema viário e vegetação, cada um contribuindo de forma complementar para o embasamento da proposta.

Mapa 1 - Uso e ocupação do solo

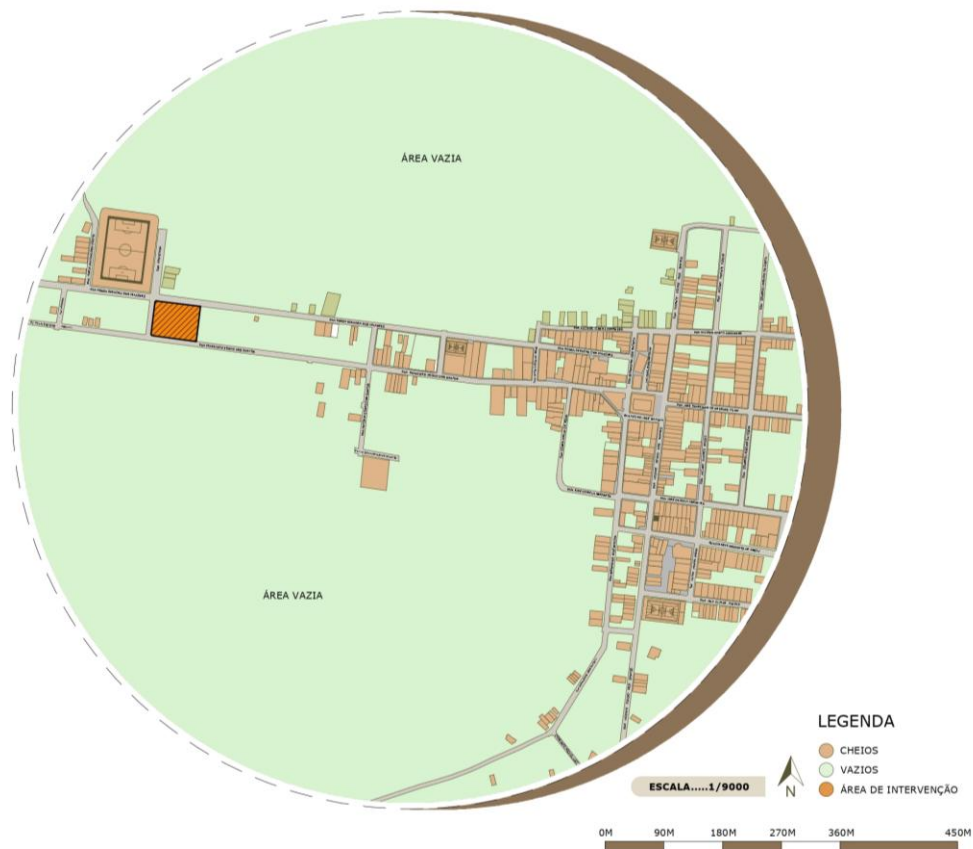


Fonte: Autoria Própria (2025).

O mapa de uso e ocupação do solo (Mapa 1) oferece uma representação clara das diferentes funções atribuídas aos espaços urbanos dentro do recorte analisado. Em Bernardino Batista, o mapeamento evidencia a predominância de uso residencial, caracterizando uma área essencialmente habitacional, com ocupações de baixa densidade. Além disso, são observadas outras categorias de uso, como áreas comerciais, mistas (residencial/comercial), institucionais, religiosas, de serviços, e terrenos subutilizados ou não edificadas.

Essa diversidade de usos revela uma dinâmica urbana simples, porém funcional, com centralidades pontuais voltadas à oferta de serviços e apoio comunitário. A leitura desse mapa é fundamental para identificar as interações entre os diferentes tipos de uso, permitindo avaliar como o novo equipamento poderá ser inserido de forma a complementar e fortalecer essas relações. A presença de lotes vagos também indica possibilidade de expansão ou requalificação urbana, ampliando as alternativas de localização e integração do projeto.

Mapa 2 - Cheios e vazios

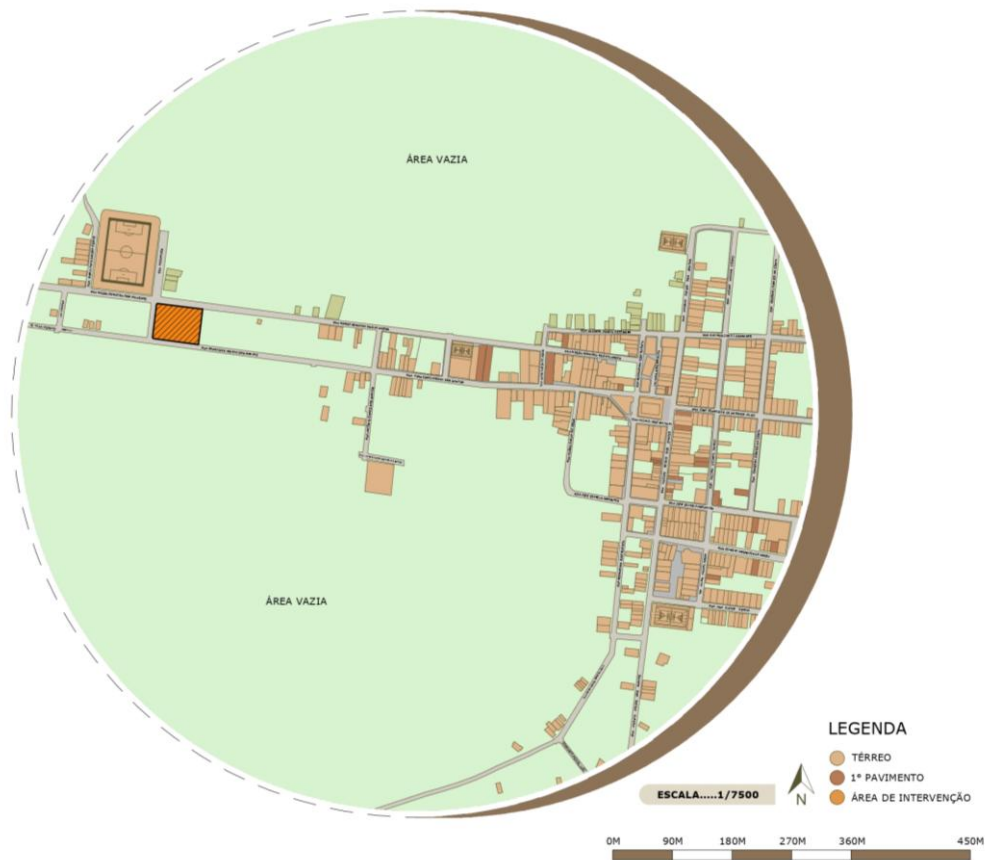


Fonte: Autoria Própria (2025).

A leitura do mapa de cheios e vazios (Mapa 2) permite compreender a estrutura espacial do tecido urbano, evidenciando a alternância entre áreas edificadas (cheios) e terrenos livres (vazios). No recorte de Bernardino Batista, a análise mostra uma ocupação descontínua, com significativa presença de vazios urbanos, sobretudo nas imediações da área destinada ao projeto do mirante. Esses vazios, muitas vezes subutilizados, representam potenciais zonas de intervenção para fins públicos ou coletivos.

Essa configuração territorial oferece vantagens relevantes para a implantação do mirante, pois possibilita a inserção do equipamento em uma área livre de grandes interferências construídas, reduzindo o impacto sobre estruturas consolidadas e minimizando conflitos de uso. Além disso, a presença desses vazios favorece a valorização da paisagem, garantindo visadas amplas e integração visual com o entorno natural. O mapa, portanto, revela uma oportunidade estratégica para ocupar de forma qualificada um espaço urbano que, até então, encontra-se ocioso ou com baixa funcionalidade social.

Mapa 3 - Gabaritos



Fonte: Autoria Própria (2025).

O mapa de gabaritos (Mapa 3) revela a altura predominante das edificações dentro do recorte urbano analisado. Em Bernardino Batista, observa-se uma clara predominância de construções térreas ou com, no máximo, um pavimento, demonstrando um padrão de baixa verticalização. Essa característica confere ao espaço urbano maior leveza visual, menor densidade construtiva e ampla abertura paisagística.

Essa condição é extremamente favorável para a implantação do mirante, já que a ausência de edificações altas permite a preservação e o aproveitamento das visadas naturais a partir do ponto de implantação. A baixa altura do entorno garante que o mirante se torne um elemento de destaque na paisagem, atuando como referência visual e ponto de contemplação. Além disso, a escala reduzida das construções contribui para uma integração mais suave do mirante com o tecido urbano, respeitando a identidade local e evitando contrastes abruptos na paisagem.

Mapa 4 - Sistema viário

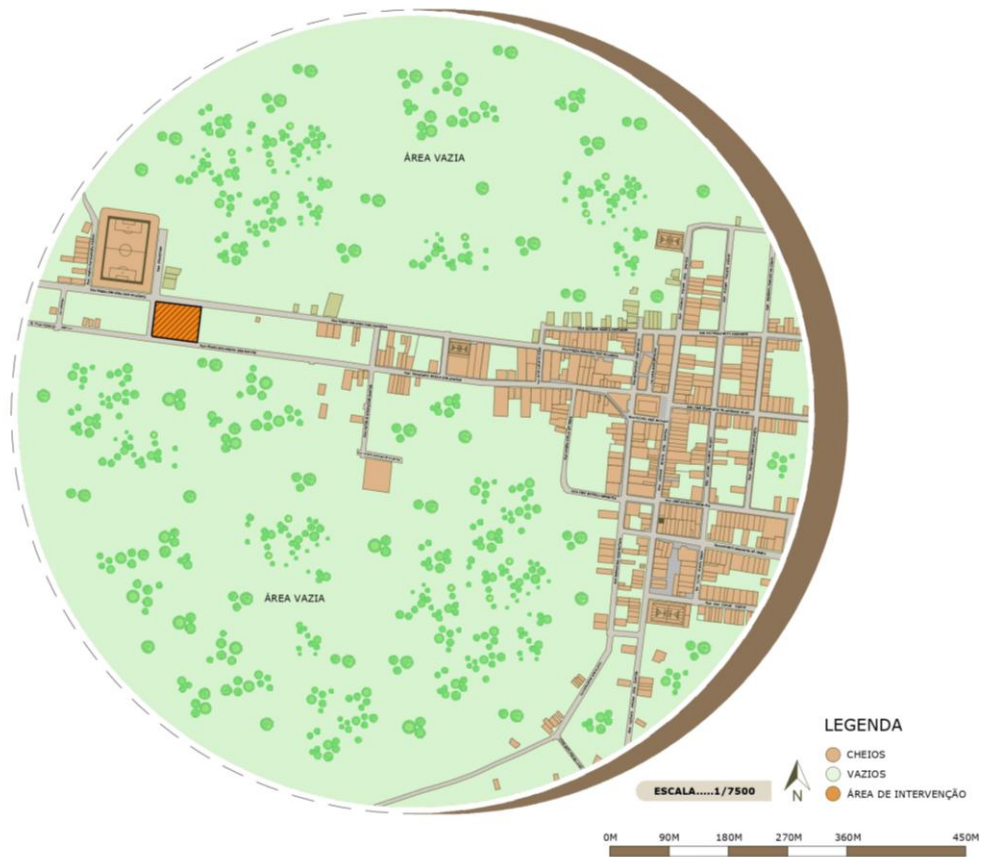


Fonte: Autoria Própria (2025).

O mapa do sistema viário (Mapa 4) evidencia a estrutura de circulação que organiza o deslocamento de pessoas e veículos no recorte urbano. A malha viária de Bernardino Batista apresenta uma hierarquia clara, composta por uma via arterial principal, vias coletoras e locais. Dentre elas, destacam-se as Ruas Vicente Egídio dos Santos, Bernardino José Batista e Nossa Senhora dos Milagres, que garantem boa conectividade e acessibilidade à área destinada ao mirante.

Essa organização viária é um fator determinante para a viabilidade do projeto, pois assegura facilidade de acesso tanto para pedestres quanto para veículos, o que é fundamental para o funcionamento e atratividade do mirante como espaço público. A proximidade com vias de maior fluxo e alcance regional também reforça o potencial do equipamento como ponto de encontro, lazer e contemplação. O mapa demonstra, portanto, que a área selecionada possui infraestrutura viária suficiente para suportar a implantação do novo espaço, com boas condições de mobilidade urbana.

Mapa 5 - Vegetação

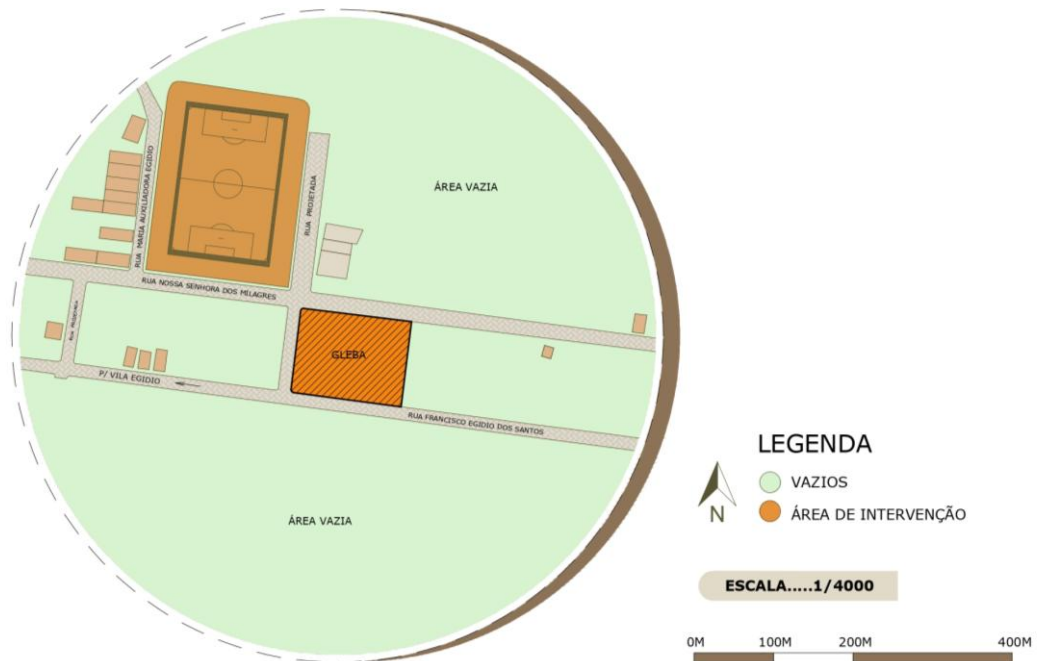


Fonte: Autoria Própria (2025).

O mapa de vegetação (Mapa 5) do recorte urbano permite identificar as áreas verdes existentes e os fragmentos de cobertura vegetal remanescente. Em Bernardino Batista, observa-se a presença de vegetação esparsa ao longo do perímetro urbano, com maior concentração nas proximidades da área destinada ao mirante. Esses elementos verdes, muitas vezes formados por árvores isoladas, pequenos bosques ou vegetação nativa preservada, têm papel essencial na qualidade ambiental e na estética do espaço urbano.

A presença desses fragmentos vegetais oferece vantagens para o projeto do mirante, pois permite a integração com o ambiente natural, promovendo conforto térmico, sombreamento e reforço da identidade paisagística do local. Além disso, a vegetação existente pode ser incorporada ao projeto arquitetônico e paisagístico, fortalecendo o caráter contemplativo e ecológico do mirante. O mapa reforça, assim, o potencial ambiental da área, destacando a importância da preservação e do uso qualificado dos recursos naturais no desenvolvimento urbano.

Mapa 6 - Ampliação da área de implantação



Fonte: Autoria Própria (2025).

O mapa referente a ampliação da área de implantação (Mapa 6) evidencia a expressiva presença de áreas verdes no entorno imediato do terreno, com predominância de vegetação nativa e baixa densidade de ocupação. Essa configuração espacial favorece a proposta do mirante, ao possibilitar maior conexão com o ambiente natural e ampliar as potencialidades cênicas da área.

A análise dos mapas temáticos revelou aspectos fundamentais da estrutura urbana de Bernardino Batista, destacando tanto os elementos já consolidados quanto as oportunidades para futuras intervenções. A compreensão integrada do uso e ocupação do solo, dos vazios urbanos, dos gabaritos das edificações, do sistema viário e da vegetação oferece subsídios essenciais para um planejamento eficiente do mirante. Ao identificar áreas com maior potencial e limitações existentes, o projeto poderá valorizar o espaço público, preservar o meio ambiente e contribuir para a melhoria da qualidade de vida local. Dessa forma, os mapas funcionam como uma base técnica sólida que orienta a inserção harmoniosa e contextualizada do novo equipamento urbano no tecido da cidade.

7 PROPOSTA ARQUITETÔNICA DO MIRANTE

Aqui, apresentam-se as principais orientações e soluções que guiaram o desenvolvimento do mirante, com foco na valorização da paisagem natural, na oferta de espaços para lazer e na potencialização do turismo local. A proposta busca harmonizar arquitetura e meio ambiente, garantindo conforto, acessibilidade e respeito às características culturais da região. Serão destacados os aspectos do projeto que promovem a integração com a vegetação nativa e favorecem a experiência de contemplação, além das estratégias que estimulam o uso democrático do espaço e a conexão entre moradores e visitantes. A ideia central é criar um ambiente multifuncional que fortaleça a identidade do município e contribua para um desenvolvimento urbano sustentável, ao mesmo tempo em que oferece uma nova perspectiva para o lazer e a convivência social.

7.1 Conceito e Partido Arquitetônico

O projeto tem como princípio fundamental a valorização da paisagem natural e o respeito às formas do relevo existente, utilizando a topografia de maneira estratégica para criar pontos de contemplação privilegiados. Para isso, a estrutura foi dividida em três platôs que acompanham os diferentes níveis do terreno, promovendo um jogo de volumes que dialoga e se harmoniza com a paisagem local. Essa fragmentação em patamares possibilita uma inserção mais suave do mirante no ambiente, evitando impactos visuais e ambientais, e reforçando a ideia de integração entre o espaço construído e o natural. A proposta se ancora na identidade local, incorporando elementos que dialogam com a cultura, a história e as características ambientais de Bernardino Batista, reforçando o sentido de pertencimento dos usuários. O espaço busca proporcionar uma experiência sensorial e acolhedora, que estimule a reflexão, o descanso e o contato direto com a natureza, promovendo uma vivência que transcende a mera observação, transformando-se em um convite à imersão no contexto regional.

O partido adotado para o desenvolvimento do mirante tem a topografia natural como guia principal para sua implantação e organização espacial. A estrutura é distribuída em três platôs, posicionados nos pontos mais altos do terreno e conectados por percursos orgânicos que acompanham os desníveis naturais, explorando as variações do relevo para maximizar as vistas panorâmicas. Esse arranjo cria um jogo de volumes que se integra visualmente ao entorno, evitando barreiras ou elementos que destoem da paisagem. Os acessos são planejados de forma clara e acessível, promovendo uma circulação fluida e confortável, enquanto os espaços de permanência são estrategicamente localizados nos platôs para favorecer a contemplação e o

contato com a vegetação nativa. O partido reforça a conexão funcional e visual entre o construído e o ecossistema, estabelecendo uma relação sustentável e duradoura entre o projeto e o território.

7.2 Identidade Visual do Projeto

A identidade visual do mirante foi cuidadosamente concebida para refletir e reforçar os valores centrais da proposta, estabelecendo uma conexão simbólica direta com a essência do território e com a experiência que o espaço pretende proporcionar aos seus usuários. Inspirado na relação entre o sol e natureza, o projeto gráfico busca representar o equilíbrio entre a importância do sol como elemento fundamental para o clima e o ecossistema local e o ambiente natural que caracteriza Bernardino Batista, criando um símbolo que traduz a ideia de acolhimento, vida e pertencimento.

O conceito de “sol e natureza” presente na identidade visual evoca não apenas a luminosidade e o calor característicos do clima semiárido da região, mas também a influência direta desse elemento na paisagem, na fauna, na flora e no cotidiano da população. A energia irradiada representa renovação e movimento contínuo, enquanto a natureza simboliza a riqueza ecológica local, com destaque para a vegetação típica da caatinga, que resiste e floresce em meio às adversidades. Essa união inspira um olhar sensível voltado à sustentabilidade e ao respeito ambiental, fundamentos que permeiam todo o desenvolvimento do projeto.

Paralelamente, a identidade incorpora a ideia de “sol e lar” (Figura 27), que remete ao sentimento de pertencimento e à valorização do espaço como um lugar seguro, acolhedor e familiar para a comunidade. O mirante não é apenas um ponto turístico, mas um espaço de convivência que fortalece os vínculos sociais, celebra a cultura local e oferece um refúgio para o lazer e a contemplação. A referência ao “lar” reforça a dimensão afetiva da proposta, buscando transformar o ambiente em um local onde moradores e visitantes possam se sentir em casa, em comunhão com o território e suas histórias.

Figura 27 - Logomarca do projeto



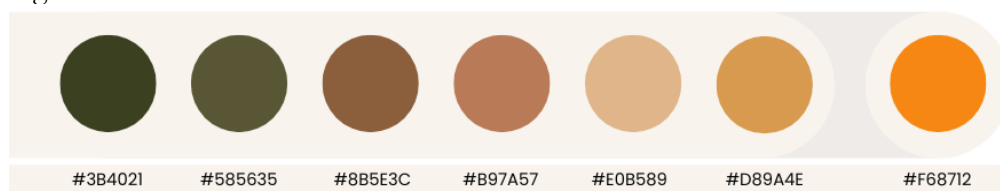
Fonte: Autoria Própria (2025).

Visualmente, a identidade adota uma linguagem minimalista, com formas simples e orgânicas que remetem aos elementos naturais do sertão. A tipografia da palavra “solar” transmite leveza e sofisticação, enquanto o "O" estilizado, cortado ao meio e rotacionado, faz alusão ao movimento cíclico entre a Terra e o Sol, simbolizando renovação e continuidade. Ao fundo, o círculo laranja reforça a presença do astro e remete aos tons quentes do nascer e do pôr do sol, estabelecendo uma conexão direta com a paisagem local.

7.2.1 Paleta de Cores

A paleta de cores adotada no projeto (Figura 28) foi cuidadosamente selecionada para reforçar a conexão com o território e traduzir, de forma sensível, os elementos naturais e simbólicos que compõem a identidade do mirante. Os tons terrosos fazem alusão ao solo árido e à rusticidade do sertão paraibano, expressando a força e a resistência do ambiente. Os verdes remetem à vegetação da caatinga, evidenciando a resiliência da flora local, que prospera mesmo diante de condições climáticas desafiadoras. Já o laranja, aplicado com destaque na identidade visual, transmite a energia, o calor e a luminosidade do sol, presença constante na vivência cotidiana da região. Essa composição cromática não apenas dialoga com a paisagem, como também traduz valores essenciais do projeto, como pertencimento, sustentabilidade e respeito ao meio ambiente.

Figura 28 - Paleta de cores



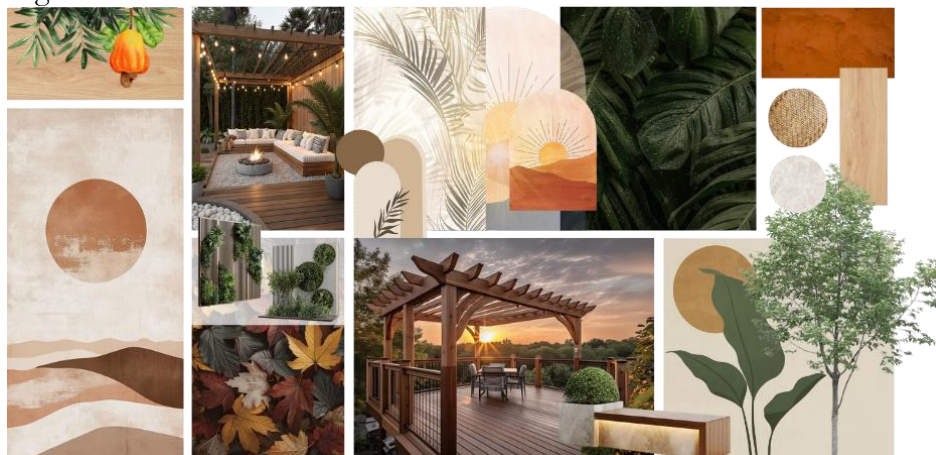
Fonte: Autoria Própria (2025).

7.2.2 Painel Semântico e Referências Visuais

O painel semântico (Figura 29), também conhecido como moodboard, reúne as referências que orientaram a concepção do projeto, influenciando tanto sua volumetria quanto a escolha de cores e materiais. Nele, são apresentadas imagens que ilustram elementos como vegetação nativa, estruturas em madeira e pergolados, além da paleta de cores inspirada nos tons terrosos e no laranja vibrante, que remetem ao ambiente natural e à identidade local. Destacam-se também referências ao uso do tijolo vazado, material que compõe parte das fachadas, conferindo textura e resgate às tradições construtivas da região. A presença do caju, símbolo emblemático do município, e imagens do sol reforçam a conexão com a cultura e o conceito do mirante. Esses

elementos se combinam para estabelecer uma base visual coerente, que traduz os valores e a atmosfera que o projeto busca expressar.

Figura 29 - Moodboard.



Fonte: Autoria Própria (2025).

7.3 Programa de Necessidades

O programa de necessidades do mirante, como mostra a tabela 3, foi cuidadosamente pensado para atender diferentes perfis de usuários, promovendo acessibilidade, lazer, cultura e contemplação em harmonia com o ambiente natural. No primeiro nível, concentra-se a área de acolhimento e convívio, com espaço infantil com playground, comércio local voltado à produção e venda de artesanato, sala multiuso para atividades culturais e encontros, recepção, sala de apoio técnico, banheiros acessíveis e estacionamento. Essa base serve como ponto de integração comunitária e valorização da identidade local. No segundo platô, encontra-se a área de alimentação, composta por quiosque/restaurante com banheiros acessíveis, além de ampla área verde que convida ao descanso e à contemplação. No nível superior está o mirante, com praça central arborizada, bancos e duas passarelas de madeira em formato curvo, que funcionam como caminhos de transição e experiência sensorial. A circulação entre os platôs é garantida por rampas acessíveis e escadarias com degraus largos, intercalados por bancos e vegetação, que oferecem pausas e valorizam a travessia. O conjunto dos espaços cria uma experiência fluida e inclusiva, conectando natureza, cultura e lazer em um projeto que respeita a topografia e convida à permanência.

Tabela 3 - Programa de necessidades do projeto

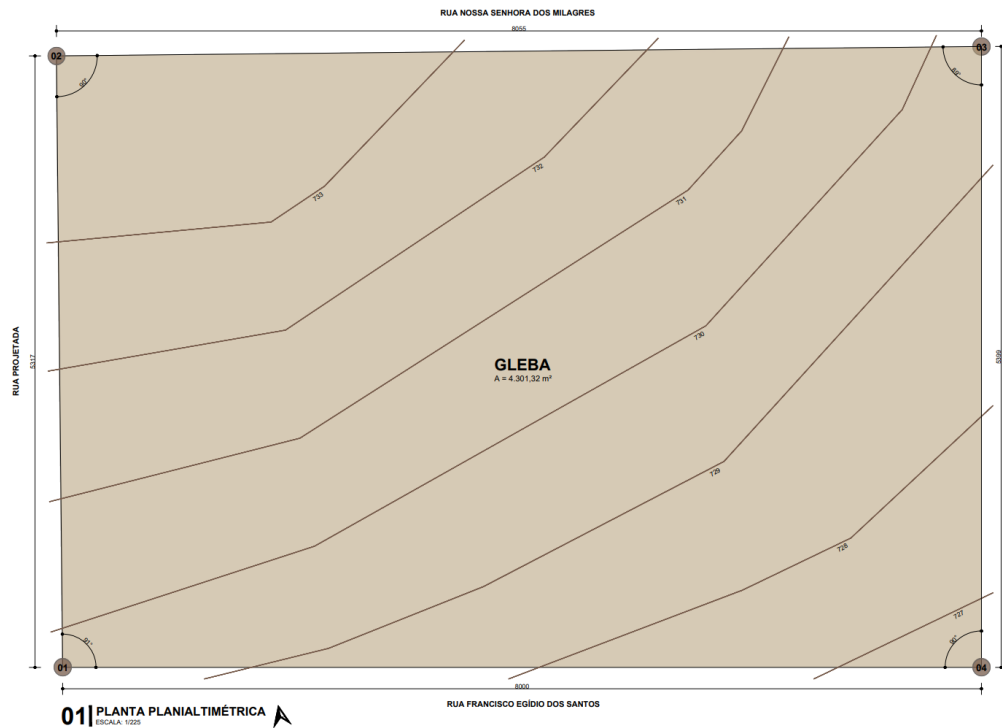
PROGRAMA DE NECESSIDADES	
CATEGORIA FUNCIONAL	AMBIENTES PROGRAMÁTICOS
Acesso e Mobilidade	Pórtico de entrada, estacionamento, calçadas acessíveis
Recepção e Apoio	Recepção, administração, banheiros acessíveis e apoio técnico
Local de Contemplação	Mirantes, bancos e áreas de sombra
Espaço de Convivência	Praça central, espaço para eventos, quiosques para descanso e alimentação
Cultura e Identidade	Loja de artesanato e espaço para mesas
Comercio Local	Espaço para produção e venda local
Espaço Infantil	Playground e área interativa sensorial

Fonte: Autoria Própria (2025).

7.4 **Desenvolvimento Espacial da Proposta**

O desenvolvimento do projeto teve início com a análise técnica e física do terreno, por meio de medições in loco e levantamento topográfico. Esse processo foi fundamental para compreender as características naturais da área e direcionar a concepção arquitetônica de forma integrada ao relevo existente. O terreno em questão encontra-se em uma cota elevada, com altitudes que variam entre 727 e 733 metros, sendo este o ponto mais alto da área. A partir dessa leitura do espaço, iniciaram-se os primeiros esboços da implantação, respeitando as condições naturais e buscando a melhor adaptação ao contexto. Para isso, foram utilizados softwares como QGIS e AutoCAD, que auxiliaram na extração e no detalhamento da topografia do local. A figura 27, apresentada a seguir, mostra a representação topográfica do terreno, evidenciando seus desníveis e servindo de base para o posicionamento do mirante.

Figura 30 - Planta Planialtimétrica.

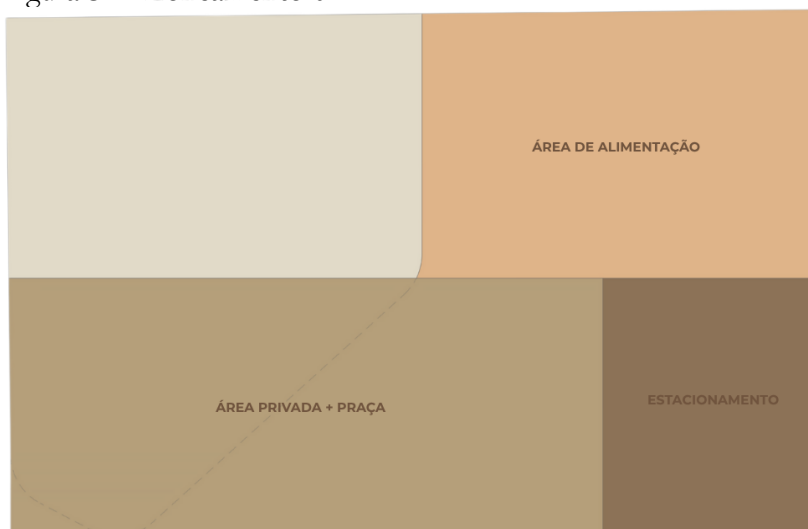


Fonte: Autoria Própria (2025).

A leitura da topografia permitiu identificar os pontos estratégicos para a implantação da edificação, considerando fatores como vistas privilegiadas, facilidade de acesso, orientação solar e menor impacto ambiental. A análise das curvas de nível foi fundamental para entender o relevo e orientar decisões que respeitam a conformação natural do terreno. Com essas informações, foi possível definir as áreas destinadas a diferentes usos, estabelecendo os limites para a ocupação do espaço. Essa organização preliminar serviu de base para a elaboração dos volumes arquitetônicos, possibilitando a distribuição adequada das formas no terreno, em harmonia com suas características e valorizando os aspectos paisagísticos e ambientais do local.

A partir da análise topográfica e das características do terreno, foi realizado o zoneamento dos espaços conforme o programa de necessidades do projeto. Na primeira imagem (Figura 28), apresenta-se uma visão geral do zoneamento do terreno, destacando a área privada integrada, a praça, o estacionamento e o quiosque localizado no platô dois. Essa divisão inicial organiza os espaços de acordo com suas funções, separando as áreas de convivência, acesso e lazer.

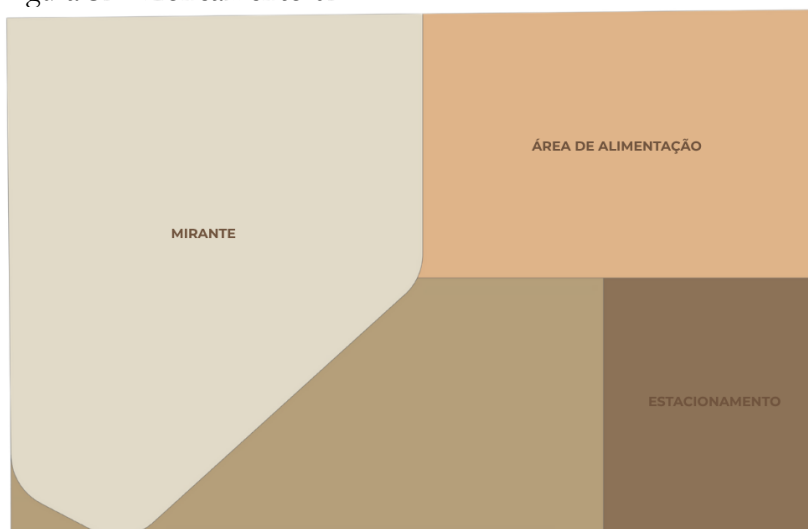
Figura 31 - Zoneamento 01.



Fonte: Autoria Própria (2025).

Já na segunda imagem (Figura 29), a atenção concentra-se em detalhes específicos do projeto, evidenciando o estacionamento, o platô dois, que abriga a área de alimentação, e o platô três, onde está localizado o mirante, no ponto mais alto da edificação. Essa segmentação detalhada permite compreender melhor a disposição dos principais elementos do projeto e como eles se relacionam entre si, respeitando a topografia e favorecendo a circulação.

Figura 32 - Zoneamento 02.



Fonte: Autoria Própria (2025).

Essas delimitações foram essenciais para orientar a conformação do volume arquitetônico, definindo a composição espacial e o jogo de formas que caracterizam a proposta. A distribuição dos ambientes respeita a lógica do zoneamento, atendendo às necessidades funcionais e integrando a edificação à paisagem natural de forma harmoniosa.

Com o zoneamento definido, o projeto evolui para a planta de implantação (Figura 30), etapa em que se consolida a disposição dos elementos no terreno. A imagem a seguir ilustra essa

organização, evidenciando como os setores foram distribuídos de acordo com a topografia e o programa de necessidades. É possível perceber a relação entre os espaços, como o mirante, a área de alimentação e os acessos, e como essa implantação respeita as características naturais do local, garantindo funcionalidade e integração com a paisagem.

Figura 33 - Planta de Implantação.



Fonte: Autoria Própria (2025).

Na área destinada ao mirante, localizada no ponto mais elevado do terreno, foi reservada uma superfície total de 1.388,30 m², aproveitando as vistas panorâmicas e favorecendo o contato direto com o ambiente natural. Já a parte coberta destinada à alimentação, implantada no platô intermediário, ocupa 274,52 m², com estrutura leve, de fácil acesso, voltada para o conforto dos visitantes.

A implantação dos elementos foi cuidadosamente organizada para garantir um diálogo harmônico entre edificação e natureza. O terreno, que possui uma área total de 4.301,32 m², dos quais 832,45 m² correspondem à área construída, apresenta uma área verde organizada em jardins idealizados em formas orgânicas que percorrem todo o projeto, totalizando 558,76 m². Além disso, a área permeável do terreno atinge 1.738,62 m², conforme indicado na tabela de dados gerais apresentada abaixo.

Tabela 4 - Informações gerais do projeto

INFORMAÇÕES GERAIS DO PROJETO	
DESCRIÇÃO	VALOR
Área Total de Terreno	4.301,32 m ²
Área Construída Total	832,45 m ²
Área Verde	558,76 m ²
Área Permeável Total	1.738,62 m ²
Coefficiente de Aproveitamento	0,19
Taxa de Ocupação	19,35%

Fonte: Autoria Própria (2025).

Após definir a implantação geral, iniciou-se o desenvolvimento das plantas baixas, elaboradas separadamente para possibilitar uma análise detalhada e específica de cada ambiente. Esse processo permitiu compreender melhor a distribuição interna dos espaços, suas dimensões e as relações funcionais entre eles, garantindo que cada área atendesse às necessidades previstas no programa do projeto.

A planta baixa do pavimento térreo foi organizada de maneira funcional e integrada ao entorno natural. Ao acessar o local, o visitante encontra a área de estacionamento, que conta com vagas destinadas a pessoas com necessidades especiais, garantindo acessibilidade desde o início do percurso. Todo o estacionamento é envolto por uma faixa de vegetação, que contribui para a ambientação agradável e promove a integração com a paisagem.

Ao lado do estacionamento está o playground, um espaço dedicado ao lazer infantil que estimula a convivência familiar e o contato com a natureza. Próxima a ele, a área de convivência coberta complementa esse setor, proporcionando um ambiente acolhedor para diferentes atividades sociais e de descanso.

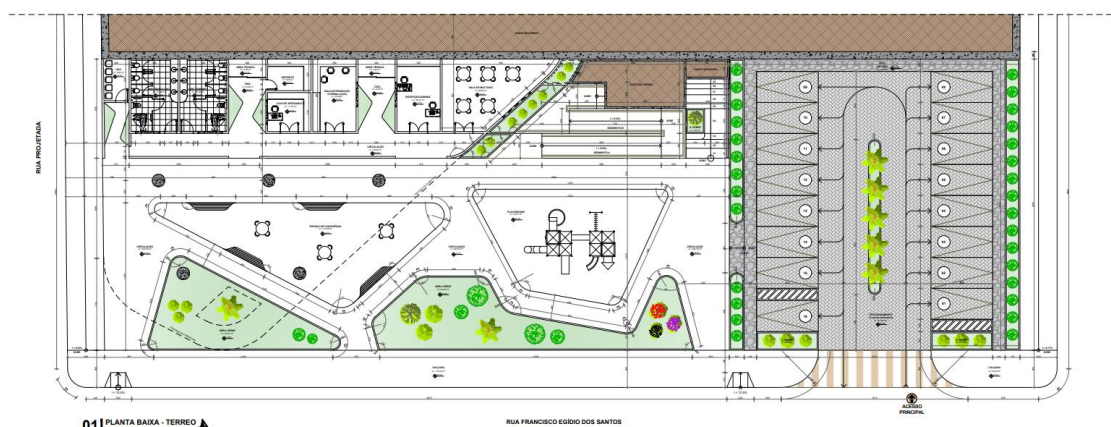
A parte privada do pavimento é marcada pelo uso predominante de tijolos cerâmicos vazados, que cercam os ambientes internos, favorecendo a ventilação natural e a entrada de luz difusa, além de estabelecer uma identidade estética própria ao projeto. Nessa área estão distribuídos espaços essenciais como recepção e administração, sala multiuso, sala de artesanato, sala de produção e venda de produtos locais, banheiros acessíveis, áreas técnicas e depósito. Também foi reservado um espaço específico para a gestão dos resíduos, estrategicamente posicionado para não interferir na organização geral do projeto.

A estrutura do pavimento conta com pilares robustos, de 1 metro de diâmetro, que compõem a forma arquitetônica do edifício, contribuindo tanto para a sustentação quanto para a expressão visual do projeto. O acesso ao platô dois é feito por uma rampa composta por quatro

patamares distintos, cuidadosamente projetada para atender às normas da NBR 9050, garantindo acessibilidade plena, e complementado por uma escadaria com espaço para bancos e áreas arborizadas.

A figura 31 ilustra a planta baixa do pavimento térreo, destacando a organização dos espaços, o paisagismo adjacente e os elementos estruturais que definem o projeto.

Figura 34 - Planta Baixa - Térreo



Fonte: Autoria Própria (2025).

O platô 2 concentra a área de alimentação, que inclui um quiosque composto por espaço de atendimento, cozinha, banheiro e depósito. Ao lado do quiosque, estão localizados os banheiros sociais, também adaptados para garantir acessibilidade a pessoas com mobilidade reduzida. Ambos os ambientes são protegidos por uma estrutura de pergolada coberta com policarbonato compacto, que proporciona conforto térmico e iluminação natural, criando um ambiente agradável para os usuários.

A área externa para alimentação está integrada a jardins com formas orgânicas, que acompanham o desenho do espaço e reforçam a conexão com a natureza. O acesso a esse platô é facilitado, podendo ser feito diretamente, ou a partir do pavimento térreo ou do platô 3, garantindo fluidez na circulação. Assim como no pavimento inferior, uma escadaria com bancos e arborização favorece momentos de descanso e interação, harmonizando funcionalidade e conforto. A figura 32 ilustra a planta do platô 2, destacando a organização dos ambientes, os elementos estruturais e as áreas verdes que compõem esse setor do projeto.

Figura 35 - Planta Baixa - Platô 02.

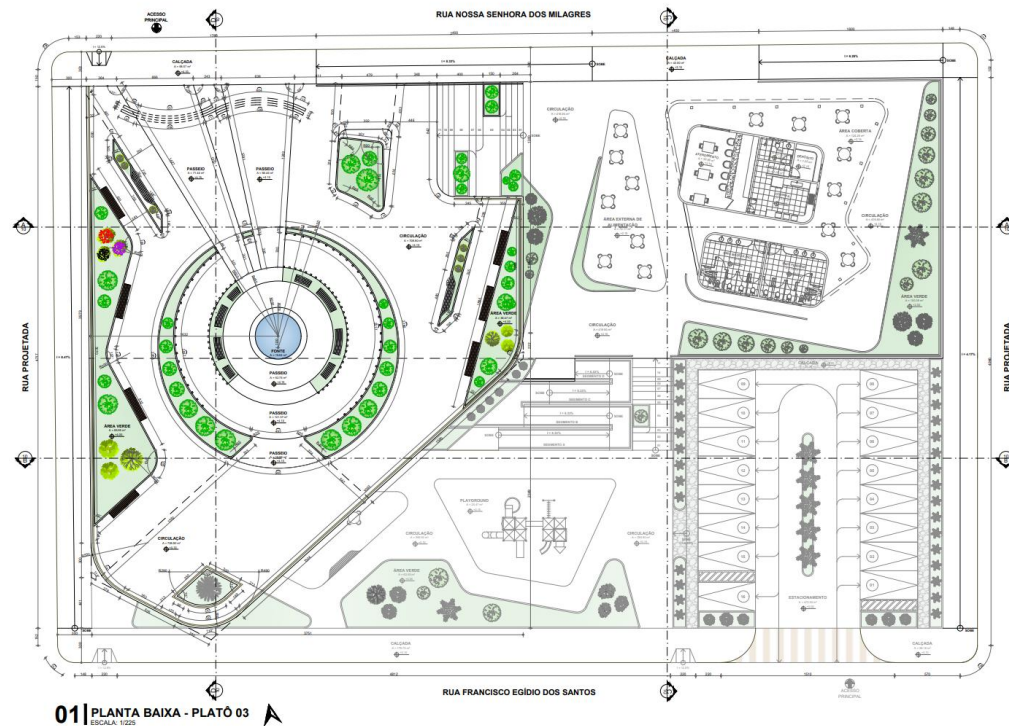


Fonte: Autoria Própria (2025).

O platô 3 constitui o núcleo principal do projeto, onde se situa o mirante, e tem seu acesso principal pela Rua Nossa Senhora dos Milagres. A chegada ao espaço ocorre por meio de um pórtico de volumetria orgânica, cuja forma foi concebida a partir da inspiração em elementos arquitetônicos e culturais característicos da cidade, estabelecendo um diálogo contextual com o entorno urbano e as referências locais. O pórtico é segmentado em duas aberturas que direcionam o fluxo para duas passarelas longitudinais em madeira, dispostas em forma de raios solares, simbolizando a identidade conceitual do mirante.

Essas passarelas conduzem a dois pergolados curvos, que estruturam o percurso espacial ao redor de uma fonte interativa central. Este espaço é definido por um conjunto de elementos paisagísticos, bancos e vegetação cuidadosamente distribuídos, promovendo a interação social e a contemplação. A configuração dos pergolados cria um percurso labiríntico que orienta o visitante até o ponto de observação mais privilegiado, valorizando a experiência visual do horizonte. Todo o platô é circundado por um corrimão em madeira, elemento que não apenas assegura a segurança dos usuários, mas também contribui para a unidade estética e a integração com o ambiente natural adjacente. A figura 33 apresenta a planta detalhada do platô 3, evidenciando a articulação volumétrica, a disposição dos elementos estruturais e o tratamento paisagístico que caracterizam esta etapa fundamental do projeto.

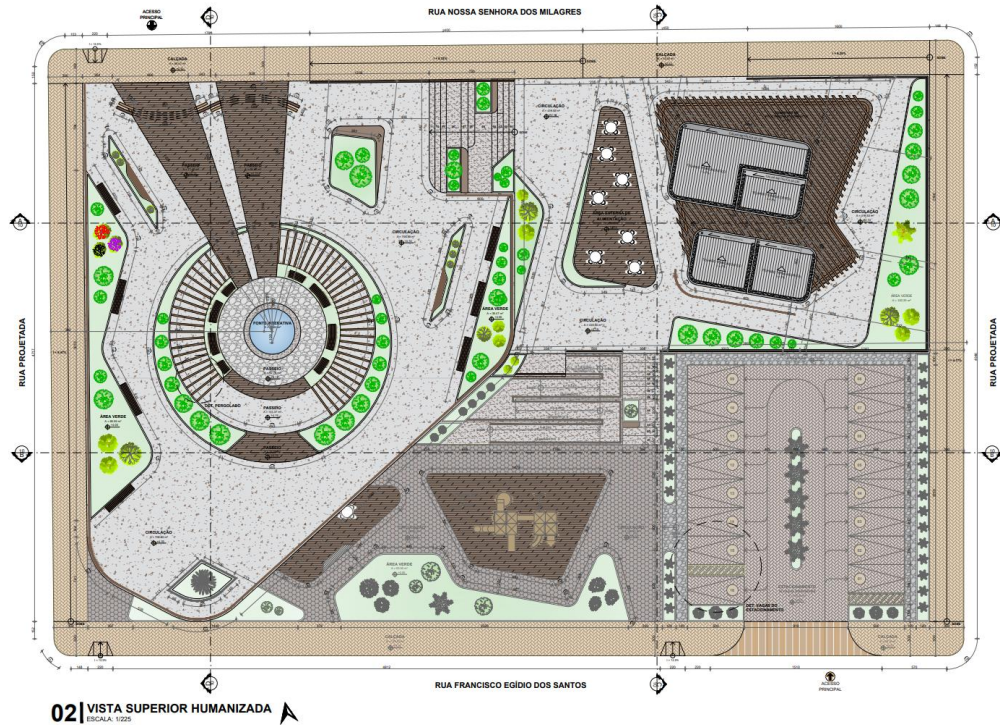
Figura 36 - Planta Baixa - Platô 03.



Fonte: Autoria Própria (2025).

Com todas as plantas baixas definidas, foi elaborada uma planta geral humanizada, oferecendo uma visão aérea integrada de todo o projeto. Essa representação gráfica permitiu uma compreensão mais clara e detalhada dos materiais empregados, das volumetrias adotadas e das relações formais entre os diferentes elementos arquitetônicos. Por meio dessa perspectiva, é possível apreender a harmonia entre as formas orgânicas dos jardins, a disposição dos espaços construídos e a integração com o relevo natural do terreno. A planta humanizada funciona como uma ferramenta essencial para visualizar a concepção do projeto em sua totalidade, evidenciando a coesão estética e funcional que orienta toda a proposta. A figura 34 ilustra essa visão geral, destacando as cores e texturas que compõem o conjunto, facilitando a análise e a apresentação da proposta arquitetônica.

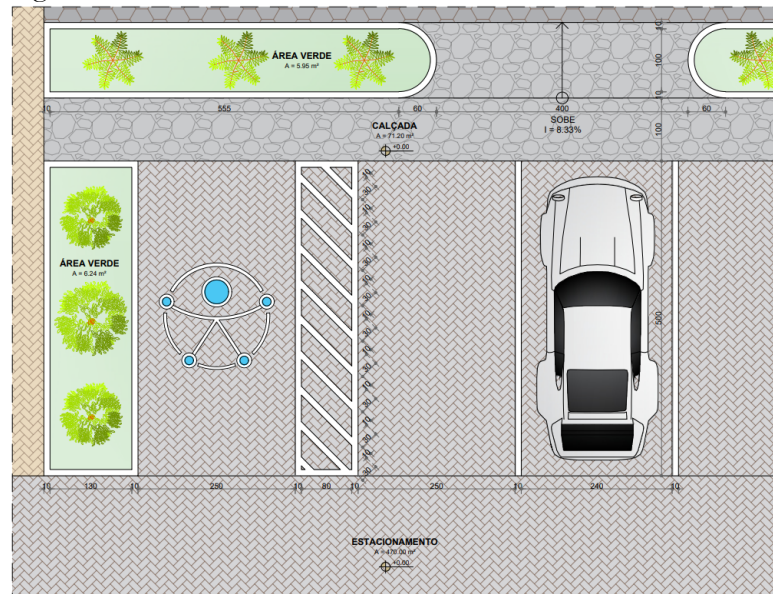
Figura 37 - Vista Superior Humanizada.



Fonte: Autoria Própria (2025).

A partir da análise detalhada da planta humanizada, tornou-se possível aprofundar o desenvolvimento de elementos fundamentais para a concepção do projeto, com destaque para o dimensionamento e a organização das vagas de estacionamento. A figura 35 apresenta o detalhamento minucioso dessas áreas, contemplando tanto as vagas destinadas a pessoas com mobilidade reduzida quanto as vagas comuns, todas devidamente sinalizadas conforme as simbologias exigidas pela norma técnica NBR 9050.

Figura 38 - Detalhamento do Estacionamento.

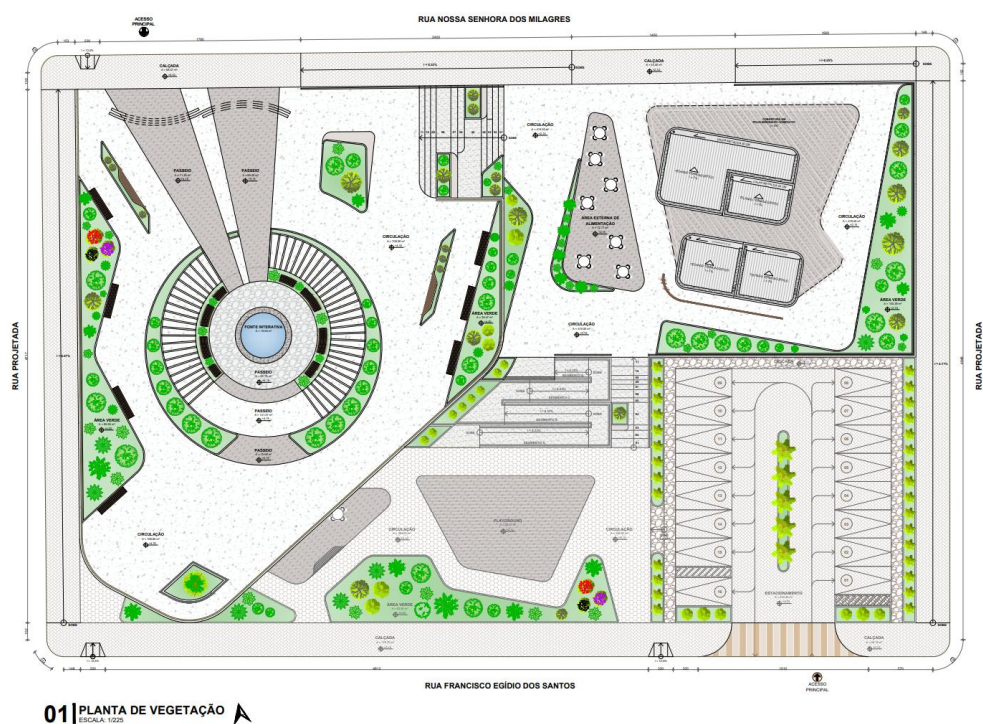


Fonte: Autoria Própria (2025).

Esse detalhamento não apenas assegura o cumprimento das exigências legais, mas também reforça o compromisso do projeto com a inclusão e a facilidade de circulação para todos os usuários. Além disso, a disposição das vagas foi pensada para otimizar o fluxo de veículos e pedestres, garantindo segurança e praticidade no uso diário. A atenção aos aspectos técnicos, aliada à preocupação com o conforto e a acessibilidade, traduz a busca por uma solução equilibrada, que atende às demandas funcionais sem comprometer a qualidade estética e ambiental do conjunto.

A seguir, a planta de paisagismo do projeto (Figura 36) foi desenvolvida com ênfase na utilização de espécies nativas e adaptadas ao clima local, visando promover a sustentabilidade, a identidade regional e o conforto ambiental. A seleção das plantas considerou critérios estratégicos de porte, localização e função dentro do terreno, buscando potencializar as vistas a partir do mirante e criar microclimas agradáveis em diferentes setores.

Figura 39 - Planta de Vegetação.



Fonte: Autoria Própria (2025).

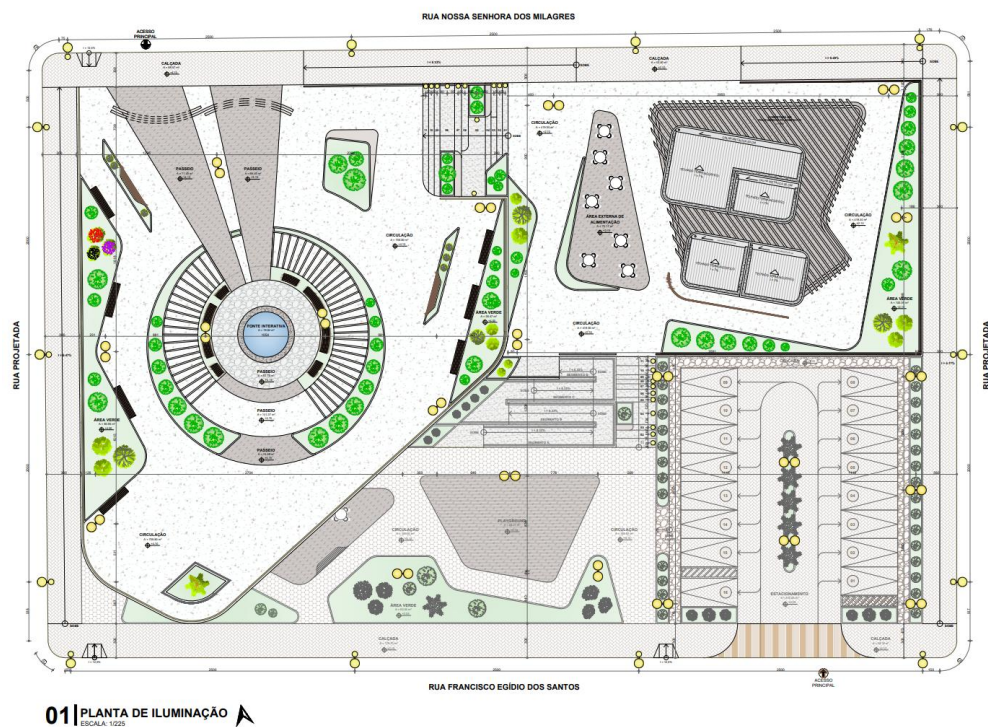
Espécies arbóreas de grande porte foram posicionadas em áreas que demandam sombreamento e proteção, contribuindo para o conforto térmico e a valorização estética do entorno. Dentre essas, destaca-se o cajueiro, símbolo da região conhecida como “Terra do Caju”, reforçando a conexão cultural e ambiental do projeto com seu contexto. Outras plantas de destaque incluem a palmeira imperial, cuja presença é marcante no recorte vazado do mirante, e as palmeiras rabo-de-raposa, distribuídas principalmente na área do estacionamento. Complementam o conjunto arbóreo espécies como ipê rosa, ipê amarelo, mulungú, pau-ferro,

tuia, estrela-do-Egto e palmeira cycas, todas escolhidas pela adaptação e contribuição visual para o projeto.

Os arbustos e plantas de menor porte foram estrategicamente posicionados em pontos que privilegiam a visibilidade e a circulação, preservando as vistas panorâmicas e promovendo um ambiente acolhedor. Essa composição inclui espécies que se harmonizam com as árvores maiores e ajudam a compor os jardins orgânicos que permeiam o projeto, como a grama esmeralda, que reveste o solo com textura e cor, favorecendo a permeabilidade do terreno, integrando-se assim ao conjunto arquitetônico e ao relevo natural, reforçando a identidade do lugar e promovendo uma experiência ambiental rica, confortável e alinhada às características regionais.

Posteriormente, foi desenvolvida uma planta ilustrativa de iluminação (Figura 37), elaborada com o objetivo de garantir conforto visual, segurança e valorização dos elementos arquitetônicos e paisagísticos do mirante, conforme representado na imagem a seguir. Nela, foram alocados três tipos distintos de luminárias, distribuídas de forma estratégica em todo o terreno.

Figura 40 - Planta de Iluminação.



Fonte: Autoria Própria (2025).

O primeiro tipo trata-se de um poste em aço galvanizado com duas pétalas assimétricas, sendo a maior voltada para a via pública, com altura de 13 metros, e a menor direcionada à calçada, com 10 metros de altura. Esses postes foram posicionados ao longo das calçadas, em

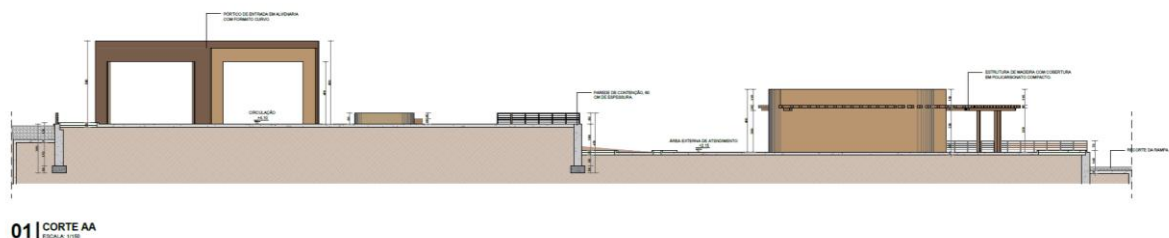
intervalos regulares entre 20 e 25 metros, assegurando uma iluminação contínua e eficiente para a circulação de pedestres e veículos.

O segundo modelo é composto por postes com duplas pétalas de igual altura, totalizando 13 metros, aplicados em pontos estratégicos do interior do mirante, especialmente em áreas de permanência, contribuindo para a ambientação noturna e enfatizando a monumentalidade da estrutura.

Além deles, balizadores de piso foram inseridos junto aos conjuntos de escadas, garantindo orientação e segurança aos usuários em horários noturnos, além de conferir sofisticação ao desenho do percurso. A escolha e a disposição dos elementos luminotécnicos foram pensadas de forma a respeitar a linguagem do projeto e a integração com o entorno natural, reforçando a atmosfera acolhedora e valorizando a experiência sensorial do visitante.

Em seguida, foram elaborados cortes arquitetônicos que possibilitam compreender a relação espacial entre os diferentes níveis do projeto, bem como a interação do objeto arquitetônico com o relevo e o entorno. Essas representações permitem visualizar a volumetria interna, a organização dos espaços e a integração entre elementos estruturais e funcionais, contribuindo para a leitura global da proposta.

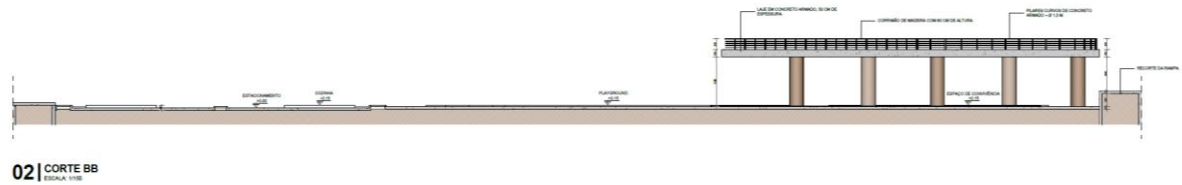
Figura 41 - Corte AA



Fonte: Autoria Própria (2025).

O corte AA (Figura 38), transversal, revela a diferença de nível entre os platôs 2 e 3, destacando os muros de contenção em concreto armado que asseguram a estabilidade dos desníveis do terreno. As duas rampas acessíveis interligam o pavimento térreo aos platôs superiores, garantindo circulação contínua e conformidade com as normas técnicas. O bloco sanitário, apresentado com seu pergolado na cobertura, evidencia soluções para conforto térmico e ventilação natural, enquanto ao fundo, no platô 3, o pórtico de entrada do mirante marca o acesso principal, promovendo a integração arquitetônica do conjunto com a paisagem adjacente.

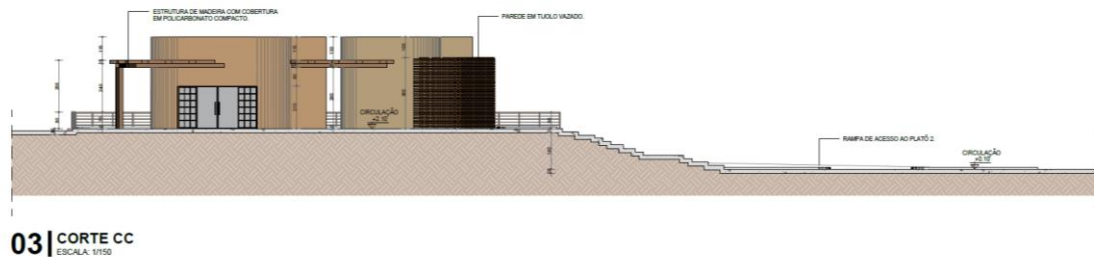
Figura 42 - Corte BB



Fonte: Autoria Própria (2025).

O corte BB (Figura 39), também transversal, percorre longitudinalmente o pavimento térreo e parte do platô 3, evidenciando os diferentes níveis dos pisos, os materiais aplicados e as elevações dos canteiros que estruturam o espaço externo. Destacam-se os cinco pilares circulares de concreto armado, com diâmetro de 1 metro, que sustentam a laje do mirante, desempenhando papel estrutural e conferindo identidade estética ao conjunto. Além disso, o corte apresenta as rampas que conectam os níveis do terreno, reforçando a circulação vertical e facilitando o acesso às diversas áreas do projeto.

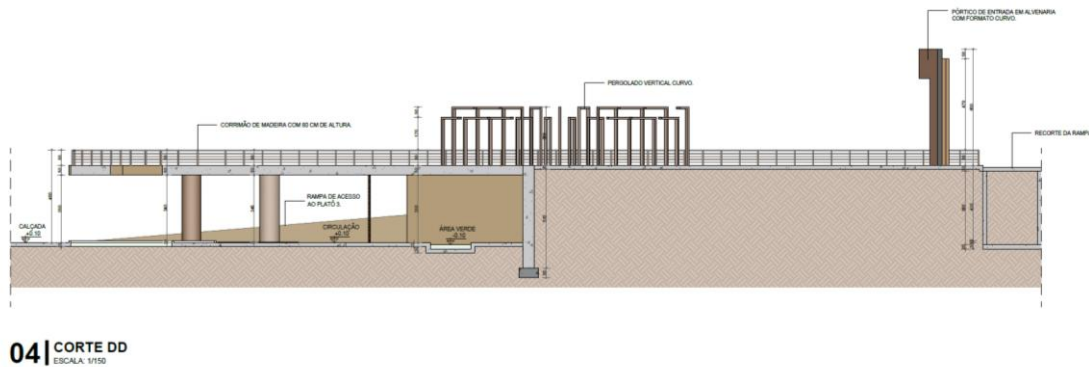
Figura 43 - Corte CC



Fonte: Autoria Própria (2025).

O corte CC (Figura 40), longitudinal, atravessa o pavimento térreo e o platô 2, evidenciando o corte do solo e a escada que conecta os dois níveis. Destaca-se a perspectiva dos volumes do quiosque e do banheiro, ambos protegidos por pergolados orgânicos em madeira, que proporcionam sombreamento e conforto ambiental. O corte também detalha o corrimão em madeira, projetado com 80 cm de altura, e a parede curva composta por tijolinhos vazados, elemento que agrega valor estético ao projeto, enriquecendo a composição arquitetônica geral.

Figura 44- Corte DD



Fonte: Autoria Própria (2025).

O corte DD (Figura 41), também longitudinal, percorre o pavimento térreo e o platô 3, evidenciando um muro de arrimo de maior porte que estabiliza a transição entre os platôs de níveis distintos. O desenho detalha o piso, os canteiros e as rampas de acesso, tanto do térreo ao platô 3 quanto do platô 2 ao platô 3, além da fachada lateral do pórtico de entrada. Também ressalta o pergolado curvo central no mirante e a estrutura de proteção em corrimão de madeira que circunda o pavimento, garantindo segurança e continuidade visual ao conjunto.

No avanço do desenvolvimento arquitetônico, as fachadas foram projetadas para revelar a linguagem estética do conjunto, destacando a volumetria, os materiais empregados e a integração com o contexto paisagístico. Elas permitem avaliar as soluções formais e funcionais adotadas, consolidando a identidade visual e o ritmo dos elementos construtivos presentes em todo o projeto.

Figura 45 - Fachada 01



Fonte: Autoria Própria (2025).

A fachada 01 (Figura 42) configura a face frontal principal do projeto, evidenciando a disposição dos níveis desde o pavimento térreo até os platôs 2 e 3. Destacam-se os pilares robustos em concreto armado, a pele de tijolinho vazado que reveste a área privativa e o muxarabi nas áreas técnicas. A rampa de acesso ao platô de alimentação, bem como os elementos verticais da parede do estacionamento, constituídos por pedra natural, detalhes em madeira e perfis de LED. Complementam a composição as paredes curvas em tijolinho vazado nos setores

de alimentação e mirante, o corrimão perimetral do platô superior, o pergolado curvo e o pórtico de entrada, além da vegetação integrada, que reforça a conexão do conjunto com a paisagem.

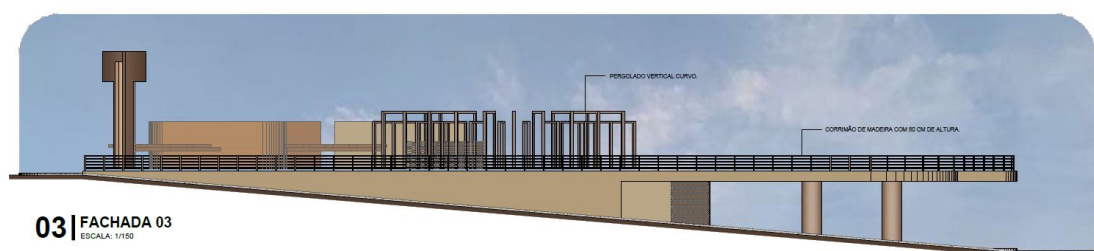
Figura 46 - Fachada 02



Fonte: Autoria Própria (2025).

A fachada 02 (Figura 43) apresenta uma vista frontal complementar, oposta à Fachada 01, com ênfase na entrada principal do mirante. O pórtico de acesso e o corrimão perimetral do platô superior são elementos de destaque. Também são evidenciadas as escadas e rampas que asseguram a acessibilidade e a conexão entre o mirante e o setor de alimentação. Nesta perspectiva, o quiosque e a rampa de acesso ao pavimento térreo reforçam a fluidez da circulação vertical e a integração funcional do conjunto.

Figura 47 - Fachada 03



Fonte: Autoria Própria (2025).

A fachada 03 (Figura 44) apresenta a vista lateral do projeto, abrangendo do pavimento térreo até o mirante, destacando a rampa que conecta diretamente os níveis e evidencia a circulação vertical contínua. A estrutura do mirante é claramente perceptível, revelando sua sustentação pelos pilares e sua inserção no terreno. O corrimão perimetral circunda todo o mirante, acompanhando os pergolados curvos ao centro e o pórtico de entrada, enquanto, nesta perspectiva, são visíveis também o quiosque e o bloco sanitário ao fundo, compondo harmonicamente o conjunto arquitetônico.

Figura 48 - Fachada 04



Fonte: Autoria Própria (2025).

A fachada 04 (Figura 45) apresenta a vista lateral que abrange todo o projeto, do pavimento térreo até o platô superior, evidenciando claramente a estrutura de sustentação e o funcionamento da edificação. Destacam-se as escadas que conectam o térreo ao platô 2, além da perspectiva dos blocos da área de alimentação, quiosque e banheiros, circundados pelo pergolado orgânico em madeira. Ao fundo, o pórtico de entrada e os elementos que compõem o espaço elevado, como os pergolados curvos e o corrimão perimetral, completam a composição arquitetônica.

Como etapa complementar da proposta projetual, foram elaborados detalhamentos específicos que aprofundam a compreensão técnica e construtiva do projeto. Entre os elementos desenvolvidos, destacam-se os banheiros, os postes de iluminação, os canteiros, o sistema de pavimentação em piso intertravado e as rampas acessíveis. Essas representações contribuem para a precisão do desenho, reforçam a coerência da proposta e evidenciam a articulação entre aspectos formais, funcionais e paisagísticos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do conjunto de análises, fundamentações e soluções projetuais apresentadas, constata-se que a concepção do mirante em Bernardino Batista representa uma resposta arquitetônica estratégica à demanda por qualificação dos espaços públicos e valorização do patrimônio natural local. O anteprojeto desenvolvido, ancorado em diretrizes ambientais, urbanas e culturais, visa promover uma intervenção sensível ao território, articulando aspectos formais, funcionais e simbólicos de maneira integrada.

A abordagem adotada privilegiou a leitura do espaço, considerando sua topografia, visualidades, acessos e contexto urbano-rural, de modo a potencializar sua vocação paisagística. Ao mesmo tempo, buscou-se garantir a acessibilidade universal, a permanência qualificada e a fruição coletiva do espaço, entendendo o mirante não apenas como ponto de observação, mas como equipamento urbano de encontro, contemplação e pertencimento.

A etapa de desenvolvimento do anteprojeto incluiu a elaboração de pranchas técnicas, estudos volumétricos, representações humanizadas e detalhamentos pontuais, que contribuíram para consolidar a proposta e viabilizar sua compreensão espacial. A articulação entre os diferentes sistemas, como circulação, estrutura, iluminação e paisagismo, reforça a coerência interna do projeto e sua adequação ao contexto específico.

Nesse sentido, o mirante proposto transcende sua função contemplativa e assume o papel de marco paisagístico e cultural, promovendo o resgate da identidade local e estimulando o turismo como vetor de desenvolvimento sustentável. Ao considerar o meio ambiente como aliado e não obstáculo, o projeto dialoga com a paisagem sem impor-se a ela, respeitando seus elementos naturais e propondo uma ocupação leve, integrada e de baixo impacto.

Dessa forma, o anteprojeto elaborado demonstra sua relevância ao integrar a valorização ambiental com o uso público qualificado, configurando um espaço que atende não apenas às exigências funcionais e técnicas, mas também fortalece os vínculos afetivos da comunidade com seu território. A proposta estabelece uma relação respeitosa com a paisagem, ao mesmo tempo em que promove pertencimento e identidade. Espera-se que este trabalho possa servir de referência para ações futuras de implementação e para o desenvolvimento de outras iniciativas projetuais em contextos similares, reforçando o papel do planejamento arquitetônico como instrumento de transformação e promoção do bem coletivo.

REFERÊNCIAS

- ALMANDOZ, Arturo. **Modernización urbana en América Latina: de las grandes aldeas a las metrópolis masificadas**. 2. ed. Santiago: RIL Editores - Instituto de Estudios Urbanos y Territoriales UC, 2018. 404 p. ISBN 978-956-01-0456-4.
- ANDRADE, Evandro; GARROCINI, Cláudia. **A paisagem como cenário: mirante, memória e intervenção**. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/farol/article/view/11361/7921>.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6492:2021** - Representação de projetos de arquitetura. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: file:///C:/Users/julio/Downloads/NBR_6492_2021.pdf. Acesso em: 15 jan. 2025.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050:2020** - Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. 4. ed. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/NBR9050_20.pdf. Acesso em: 15 jan. 2025.
- ATELIER O'REILLY. **Mirante do Gavião Amazon Lodge**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/759046/mirante-do-gaviao-amazon-lodge-atelier-oreilly>. Acesso em: 14 jun. 2025.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BERNARDINO BATISTA (PB). **Código de Obras e Posturas Urbanas: Lei nº 231, de 23 de maio de 2005**. Bernardino Batista, PB, 2005.
- BOSA, Rafael; LANZARIN, Fernanda; BUGS, Geisa. **O processo de revitalização da Orla Sul do Guaíba e os seus impactos na apropriação do território**. In: ENANPARQ – Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 6., 2020, Brasília. Brasília: ENANPARQ, 2020. Disponível em: <https://enanparq2020.s3.amazonaws.com/MT/22485.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2025.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**. Brasília, DF, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/bernardino-batista.html>. Acesso em: 09 dez. 2024.
- BRASIL. Ministério de Minas e Energia. **Dados climáticos – Jaguaribe (CE)**. Disponível em: http://www.mme.gov.br/projeteec/dados-climaticos/?cidade=CE-Jaguaribe&id_cidade=bra_ce_jaguaribe.818330_inmet. Acesso em: 17 jun. 2025.
- BRASIL. Prefeitura Municipal de Bernardino Batista. **Aspectos gerais. Bernardino Batista, PB, 2024**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/bernardino-batista.html>. Acesso em: 09 dez. 2024.
- CÂMARA MUNICIPAL DE BERNARDINO BATISTA. **História de Bernardino Batista**. Disponível em: <https://camarabernardinobatista.pb.gov.br/historia-de-bernardino-batista/>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- CARTA DE LISBOA. **Carta de Lisboa sobre a Reabilitação Urbana Integrada**. In: 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana, 1995, Lisboa. Lisboa: [s.n.], 1995.
- CULLEN, Gordon. **A paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 1971.

GASTAL, Susana. **Imagem, paisagem e turismo: a construção do olhar romântico**. PASOS: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, v. 11, n. 3, p. 123-133, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2013.11.044>. Acesso em: 26 fev. 2025.

GEHL, J. **Cidades para pessoas**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. 276 p.

GLOBO PLAY. **História de Bernardino Batista**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7061359/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. **Evento Festeja Cultura do Caju em Bernardino Batista**. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/evento-festeja-cultura-do-caju-em-bernardino-batista>. Acesso em: 16 jun. 2025.

GRUPO ARQUITETOS E URBANISTAS. **Mirante das Mangabeiras**. ArchDaily Brasil, 23 fev. 2019. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/909063/mirante-das-mangabeiras-grupo-arquitetos-e-urbanistas>. Acesso em: 14 jun. 2025.

GZH – GauchaZH. Em infográfico, veja como ficou a Orla do Guaíba revitalizada. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/06/em-infografico-veja-como-ficou-a-orla-do-guaiba-revitalizada-cjiyx5bqn0hac01pa80555pis.html>. Acesso em: 12 fev. 2025.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes - Selo Martins, 2014.

HOLZER, Werther. **Augustin Berque: um trajeto pela paisagem**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 17-18, 2013. DOI: 10.12957/espacoecultura.2004.7853. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/7853>. Acesso em: 26 fev. 2025.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. Revisão da tradução de Maria Estela Heider Cavaleiro. Revisão técnica de Cheila Aparecida Gomes Bailão. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Coleção Cidades).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. 5ª ed. – 2008. São Paulo: Centauro Editora, 2011.

LEITE, Carlos (Org.). **Guia de Urbanismo Social**. São Paulo: Insper, 2023. Disponível em: https://arquivos.insper.edu.br/2023/Urbanismosocial/Guia%20de%20Urbanismo%20Social_2023.pdf. Acesso em: 25 fev. 2025.

LEITE, Carlos; AWAD, Juliana do Cesare Marquês. **Cidades Sustentáveis, Cidades Inteligentes: Desenvolvimento sustentável num planeta urbano**. São Paulo: Bookman, 2012.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Trad. Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 1960.

MACEDO, Silvio Soares; ROBBA, Fábio. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002.

MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Fracine Gramacho. **Parques Urbanos no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2010.

MASCARÓ, Juan Luis. **Loteamentos Urbanos**. 1º ed. Porto Alegre: L. 2003.

MUMFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PATOS (PB). Lei nº 3.503, de 6 de outubro de 2006. Define o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado do Município de Patos e dá outras providências. Patos: Prefeitura Municipal, 2006.

Prefeitura Municipal de Bernardino Batista. História. Bernardino Batista, PB, 2025. Disponível em: <https://www.bernardinobatista.pb.gov.br/a-cidade/historia>. Acesso em: 15 jun. 2025.

RADAR SERTANEJO. **Bernardino Batista**: A Terra do Caju. Disponível em: <https://www.radarsertanejo.com/2021/09/06/bernardino-batista-a-terra-do-caju-comemora-27-anos-de-emancipacao-politica/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

RUA, João. **Paisagem, Espaço e Sustentabilidade**: Uma Perspectiva Multidimensional da Geografia. 1º ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2007.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SOBRINHO, Célia Maria dos Santos. **O município de Bernardino Batista: resgatando suas origens**. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2003.

SOBRINHO, Célia Maria dos Santos. **O município de Bernardino Batista: documentando a origem da Igreja Nossa Senhora dos Milagres**. Cajazeiras, PB, maio 2005. Documento produzido para a Diocese de Cajazeiras.

TEIXEIRA, A. B. **Espaços públicos de lazer como impacto no direito à cidade**. *Paidéia*, v. 27, n. 41, p. 14, 2020. DOI: 10.5752/P.2316-1752.2020v27n41p14.

TRIPADVISOR. **Mirante Dona Marta – Rio de Janeiro**. 2025. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303506-d2352257-Reviews-Mirante_Dona_Marta-Rio_de_Janeiro_State_of_Rio_de_Janeiro.html. Acesso em: 27 fev. 2025.

APÊNDICES

APÊNDICE A – DESENHOS TÉCNICOS E MAQUETE ELETRÔNICA



DESENHOS TÉCNICOS

JÚLIO CÉSAR EGÍDIO GOMES

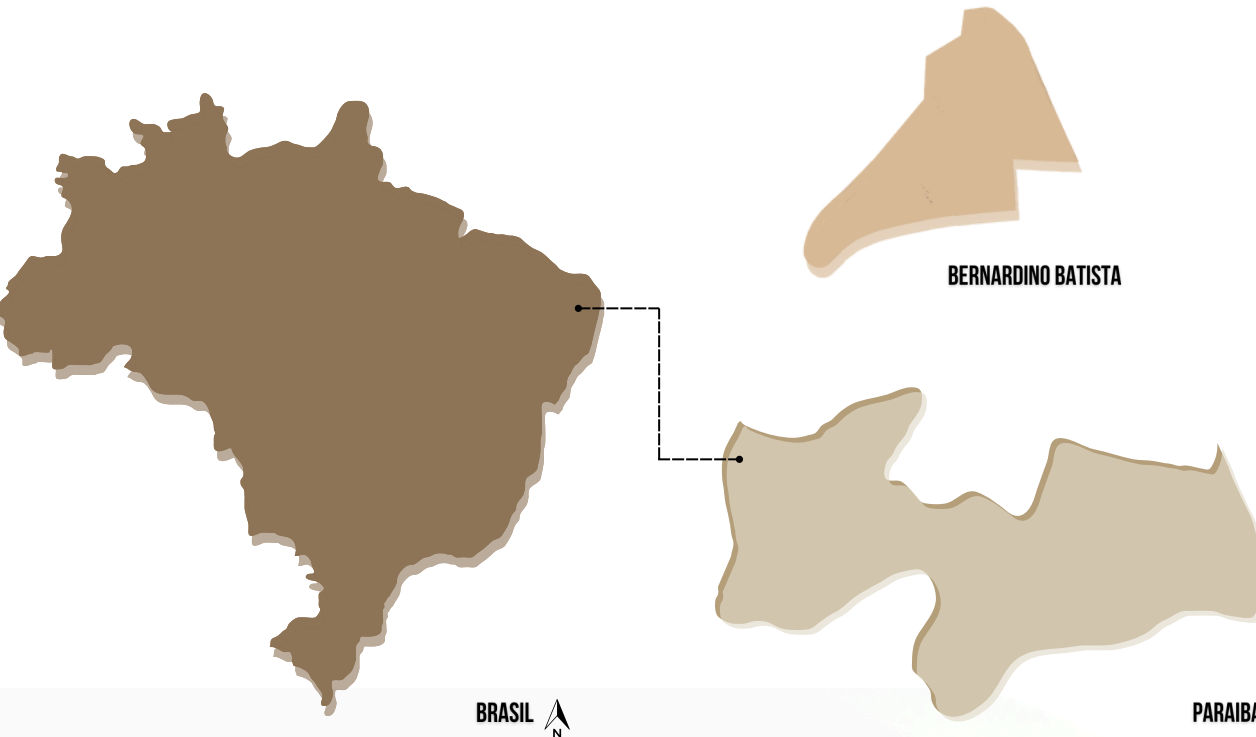


Sou Júlio César Egídio, estudante do 10º período de Arquitetura e Urbanismo na UFERSA. Ao longo da minha trajetória acadêmica, busquei desenvolver uma prática projetual alinhada às necessidades da sociedade, com foco em soluções inovadoras e sustentáveis. Meu objetivo é criar projetos que promovam uma relação equilibrada entre arquitetura, cidade e meio ambiente, transformando o espaço urbano de maneira inclusiva e consciente.

JULIO CESAR
arquitetura e urbanismo

LOCALIZAÇÃO

Localizada no sertão paraibano, Bernardino Batista se destaca pela riqueza cultural, pelas paisagens naturais e pelo relevo elevado. Conhecida como Terra do Caju, a cidade oferece cenários marcantes e grande potencial para o turismo contemplativo.



IDENTIDADE LOCAL

A cidade se revela por meio de suas paisagens, edificações e espaços simbólicos, que formam a identidade visual de Bernardino Batista. Esses elementos são essenciais para compreender o contexto urbano, cultural e natural da cidade, refletindo suas características e a história de seu desenvolvimento. Juntos, eles constituem a base da identidade local, que se manifesta no espaço urbano e nas vivências diárias de seus habitantes.



A cultura de Bernardino Batista é marcada pelo caju, símbolo da cidade e presente em diversos marcos urbanos. Elementos como o pórtico de entrada e a Praça do Caju reforçam essa identidade, valorizando a história local e sua conexão com o fruto que a representa.

PARAMETROS PROJETOAIS

O presente exercício propõe a criação de um mirante no município de Bernardino Batista/PB, voltado à apreciação da paisagem e à vivência do espaço público. A proposta prioriza a harmonia com o ambiente natural, valorizando elementos como a topografia, a iluminação e as vistas panorâmicas. O projeto busca oferecer um local de pausa e contemplação, promovendo o bem-estar dos usuários e fortalecendo a relação entre comunidade, natureza e identidade regional.

LOGOMARCA

O projeto do mirante recebeu o nome de "Solar", uma junção das palavras "Sol" e "Lar", que transmite a ideia de um espaço acolhedor, iluminado pela luz do sol. O nome reflete a proposta de criar um local de contemplação, onde os visitantes possam apreciar a beleza natural da região, com destaque para os fenômenos celestes do nascer e pôr do sol. "Solar" simboliza a conexão entre o ambiente e a energia vital do sol, reforçando a missão do mirante de proporcionar um refúgio de tranquilidade e harmonia com a natureza.

SOL + LAR

SÖLAR

CONCEITO ARQUITETÔNICO

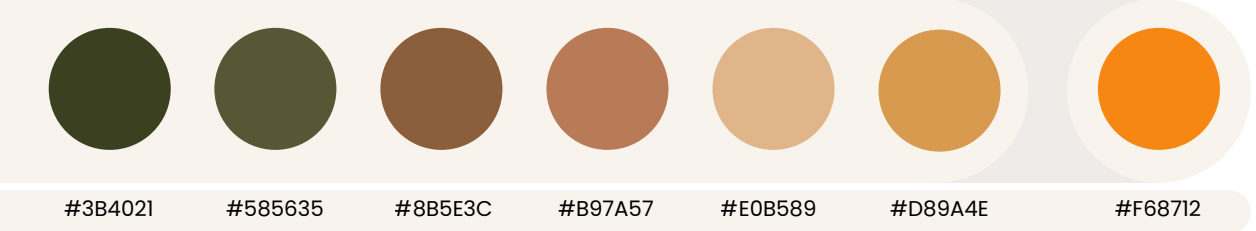
O projeto parte da valorização da paisagem e do uso do relevo natural, aproveitando a topografia para compor pontos de contemplação. A proposta busca integração com o entorno, utilizando elementos que reforcem a identidade local e proporcionam uma experiência sensível, acolhedora e conectada à natureza.

PARTIDO ARQUITETÔNICO

O partido adotado considera a topografia como diretriz para a implantação do mirante, posicionando-o nos pontos mais altos do terreno e criando percursos que acompanham os desníveis. A proposta busca integração com a paisagem, com acessos definidos e espaços de permanência voltados à contemplação e ao conforto dos usuários.

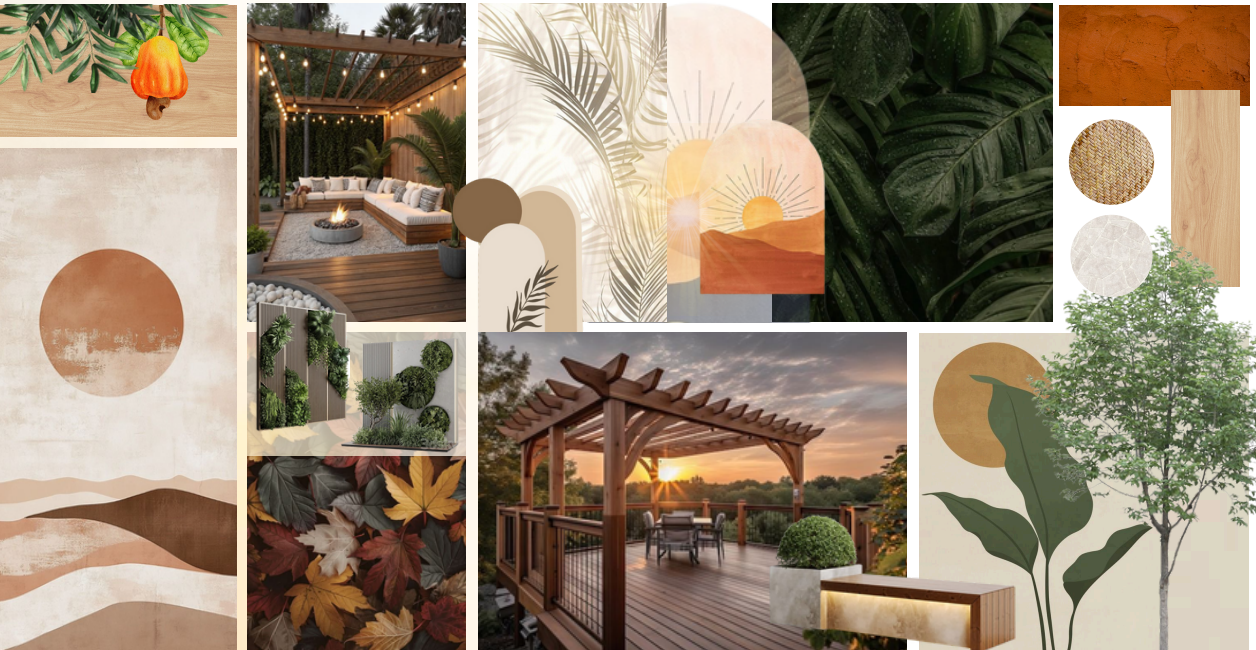
PALETA DE CORES

A paleta de cores reflete a identidade do lugar e sua relação com a natureza. Os verdes remetem à vegetação local, os tons terrosos ao solo e à rusticidade nordestina, e o laranja à energia do sol. Essa combinação reforça a harmonia com o entorno e os valores do projeto, como a sustentabilidade e o respeito ao meio ambiente.



MOODBOARD

O seguinte moodboard reflete as inspirações e conceitos que orientam o projeto, combinando elementos naturais, culturais e sensoriais. Através das imagens e cores, busca-se transmitir a essência do lugar, sua relação com o meio ambiente e a atmosfera que o projeto deseja criar.



PROGRAMA DE NECESSIDADES

CATEGORIA FUNCIONAL	AMBIENTES PROGRAMÁTICOS
ACESSO E MOBILIDADE	PÓRTICO DE ENTRADA - ESTACIONAMENTO - CALÇADAS ACESSÍVEIS
RECEPÇÃO E APOIO	RECEPÇÃO - ADMINISTRAÇÃO - BANHEIROS ACESSÍVEIS - APOIO TÉCNICO
LOCAL DE CONTEMPLAÇÃO	MIRANTES - BANCOS - ÁREAS DE SOMBRA
ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA	PRAÇA CENTRAL - ESPAÇO PARA EVENTOS - QUIOSQUES PARA DESCANSO E ALIMENTAÇÃO
CULTURA E IDENTIDADE	LOJA DE ARTESANATO - ESPAÇO PARA MESAS
COMÉRCIO LOCAL	ESPAÇO PARA PRODUÇÃO E VENDA LOCAL
ESPAÇO INFANTIL	PLAYGROUND - ÁREA INTERATIVA SENSORIAL

CARACTERIZAÇÃO DO TERRENO

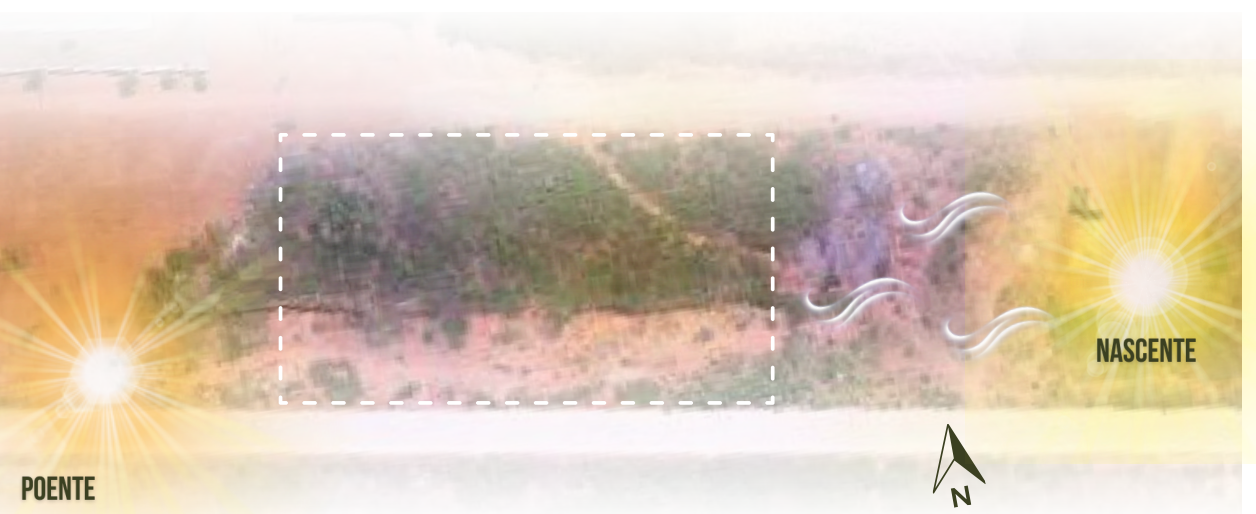


O terreno está localizado na área central da cidade, próximo ao estádio de futebol "O Assisão", em uma região de destaque urbano. Com aproximadamente 3.000 m² e vias de acesso em ambos os lados, o lote se encontra em um dos pontos mais elevados do município, o que proporciona ampla visibilidade e potencial para contemplação da paisagem. Apresenta topografia acidentada, característica que exige soluções projetuais específicas, mas que também contribui para a valorização do espaço e integração com o relevo natural.

IMAGENS DO TERRENO



ESTUDO DE INSOLAÇÃO



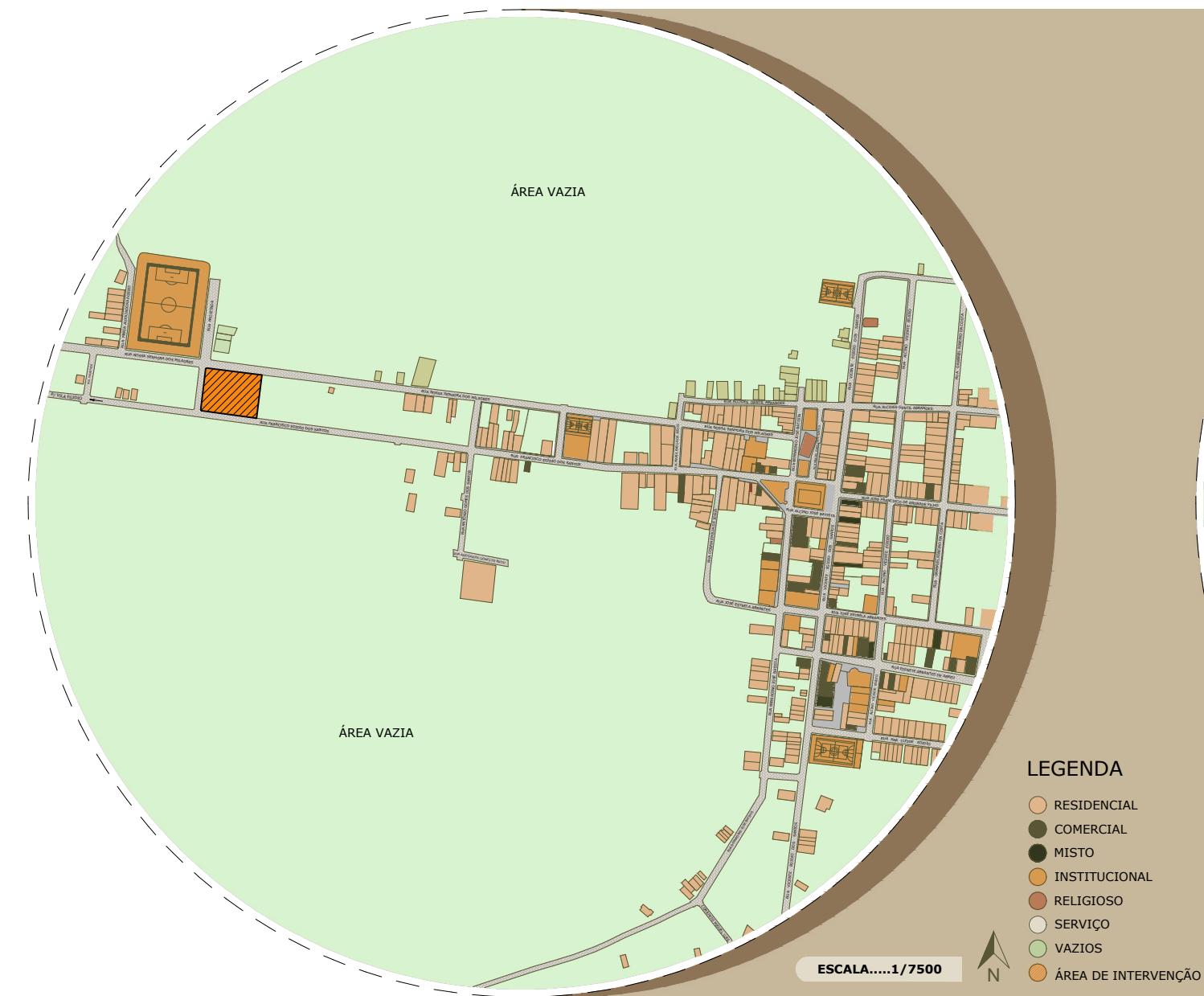
REEFERÊNCIAS



Local: Novo Airão, Amazonas, Brasil | **Arquitetos:** Atelier O'Reilly | **Ano:** 2016 | **Área:** 140 m². Um Pojeito sustentável que integra arquitetura e natureza, criando um espaço de observação e contemplação no coração da vasta floresta amazônica.

Local: Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil | **Arquitetos:** Grupo Arquitetos e Urbanistas | **Ano:** 2012 | **Área:** 5.000 m². Espaço público revitalizado com decks, jardins e infraestrutura acessível, oferecendo vistas panorâmicas da cidade e promovendo lazer e contemplação.

MAPA DE USO E OCUPAÇÃO



O mapa de uso e ocupação do solo do recorte urbano selecionado no município de Bernardino Batista tem como objetivo identificar e representar os diferentes tipos de uso presentes na área analisada. Nele, são observadas categorias como uso residencial, comercial, misto, institucional, religioso, de serviço e os terrenos subutilizados ou não edificados. Essa leitura permite compreender a dinâmica de ocupação do solo e orientar intervenções futuras, como a implantação do mirante, de forma integrada ao contexto local e às necessidades do espaço urbano estudado.

MAPA DE CHEIOS E VAZIOS



Este mapa revela uma malha urbana com significativa presença de vazios entre as ocupações construídas, especialmente ao redor da área escolhida para o projeto do mirante. A leitura desses vazios é estratégica para o planejamento urbano, pois aponta oportunidades de requalificação e inserção de novos espaços públicos. A escolha da área de intervenção em um ponto com grande quantidade de terrenos não edificados favorece a implantação do mirante, com menor impacto em áreas consolidadas e maior possibilidade de valorização paisagística.

MAPA DE GABARITOS



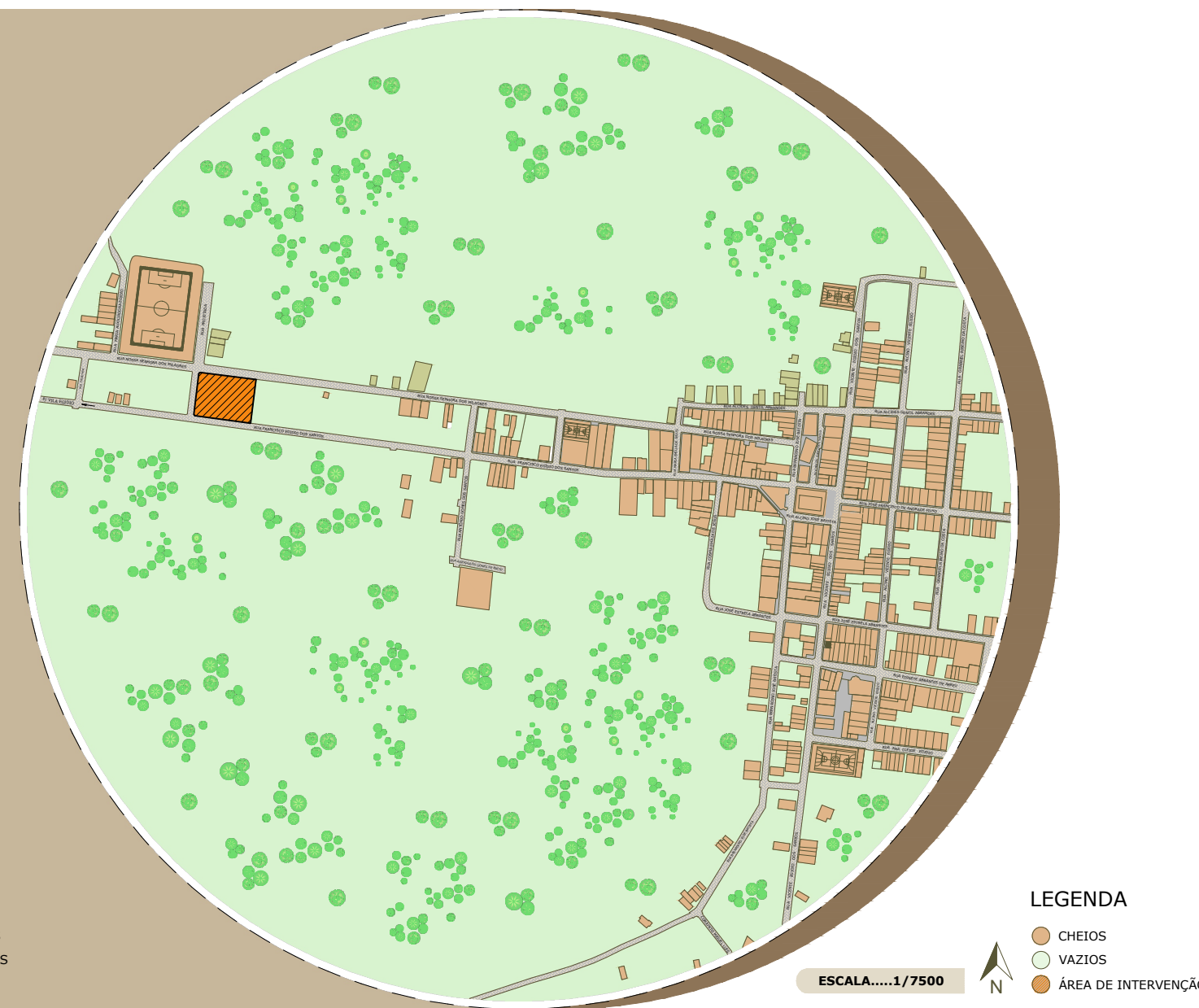
A análise dos gabaritos indica que a maioria das edificações no recorte urbano possui até um pavimento, demonstrando baixa verticalização e favorecendo a permeabilidade visual da paisagem. Essa característica é especialmente relevante para a proposta do mirante, pois garante que a estrutura tenha visibilidade e que as visadas a partir dela não sejam obstruídas por construções altas. Além disso, a baixa densidade construtiva permite uma integração harmoniosa do mirante ao tecido local, destacando-o como um ponto de referência sem impactar negativamente a paisagem urbana.

MAPA DE SISTEMA VIÁRIO

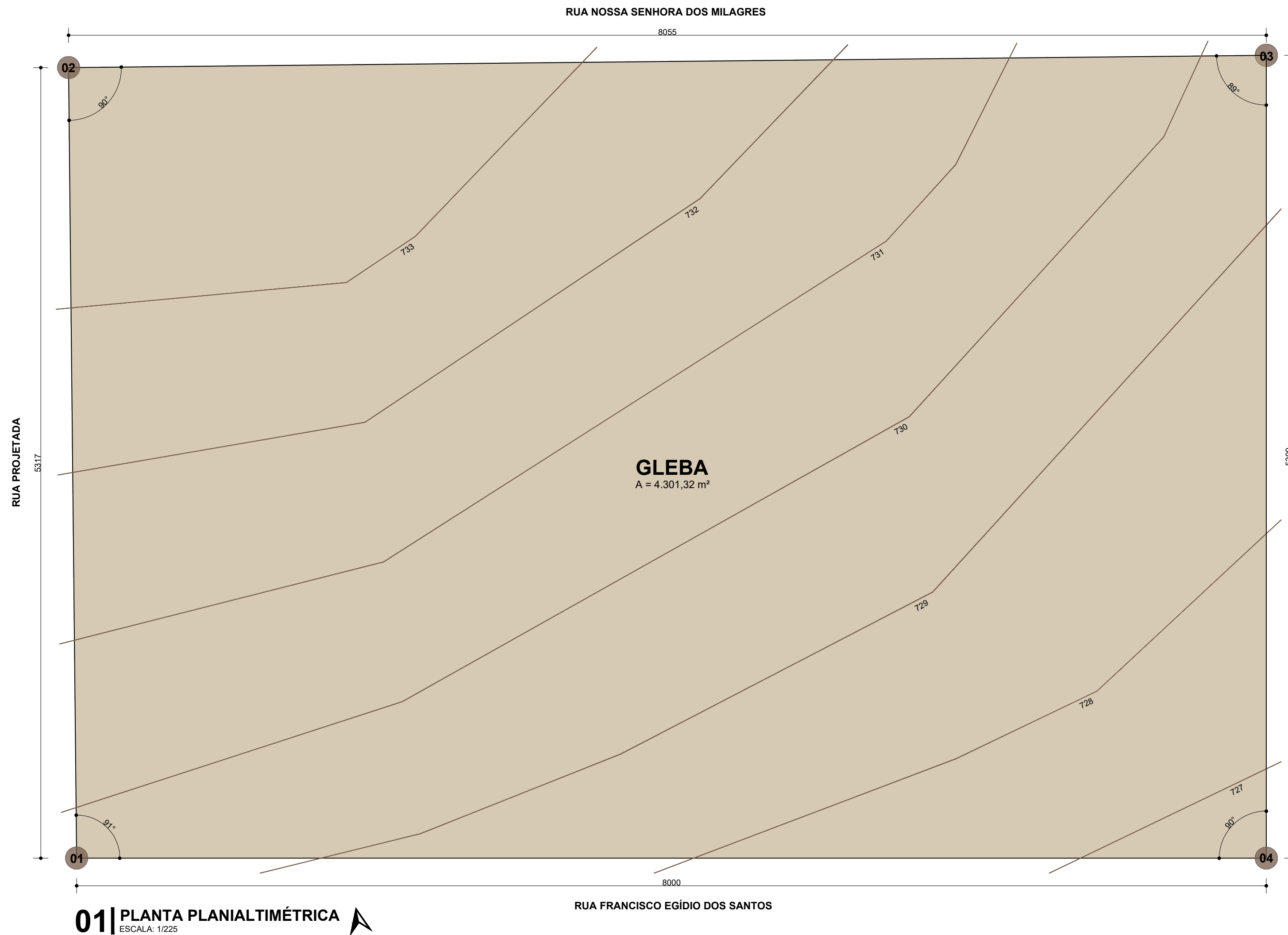


O mapa do sistema viário apresenta uma rede composta por vias arteriais, coletoras e locais, com destaque para as Ruas Vicente Egídio dos Santos, Bernardino José Batista e Nossa Senhora dos Milagres, que oferecem boa conectividade e acesso direto à área de intervenção. A hierarquia viária existente garante mobilidade eficiente e viabilidade técnica para a chegada ao mirante tanto por pedestres quanto por veículos. A localização estratégica próxima a vias coletoras facilita a integração do novo espaço ao circuito urbano, fortalecendo sua acessibilidade e uso público.

MAPA DE VEGETAÇÃO



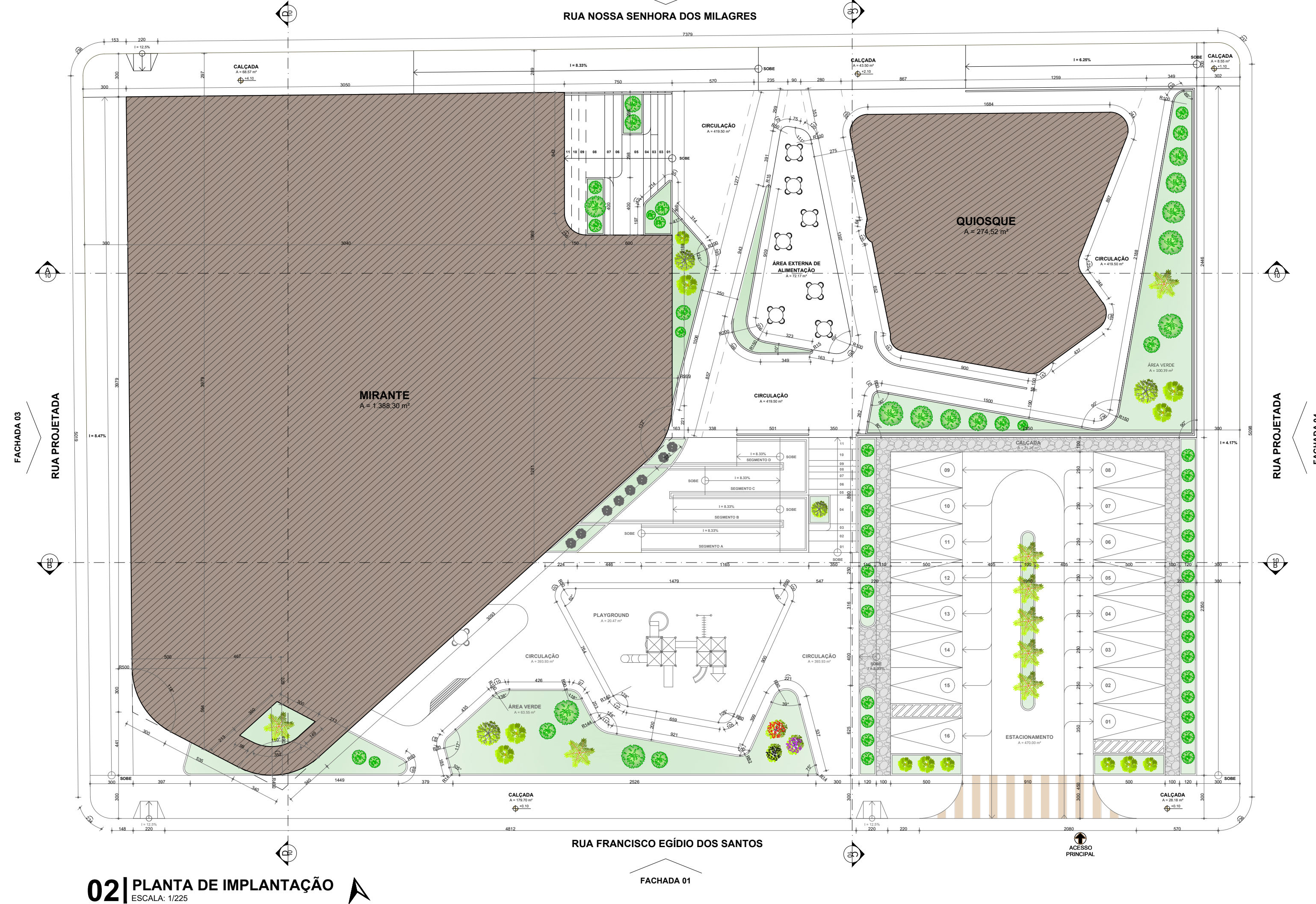
O mapa de vegetação demonstra a existência de fragmentos verdes e áreas arborizadas dispersas no entorno urbano, com maior concentração nos limites da área de intervenção. Essa condição contribui para a valorização ambiental do projeto, pois permite que o mirante se insira de forma harmônica à paisagem natural e aproveite os atributos ecológicos já existentes. A vegetação identificada no local pode ser incorporada ao projeto paisagístico, promovendo conforto ambiental, sombreamento e reforço da identidade visual do espaço.



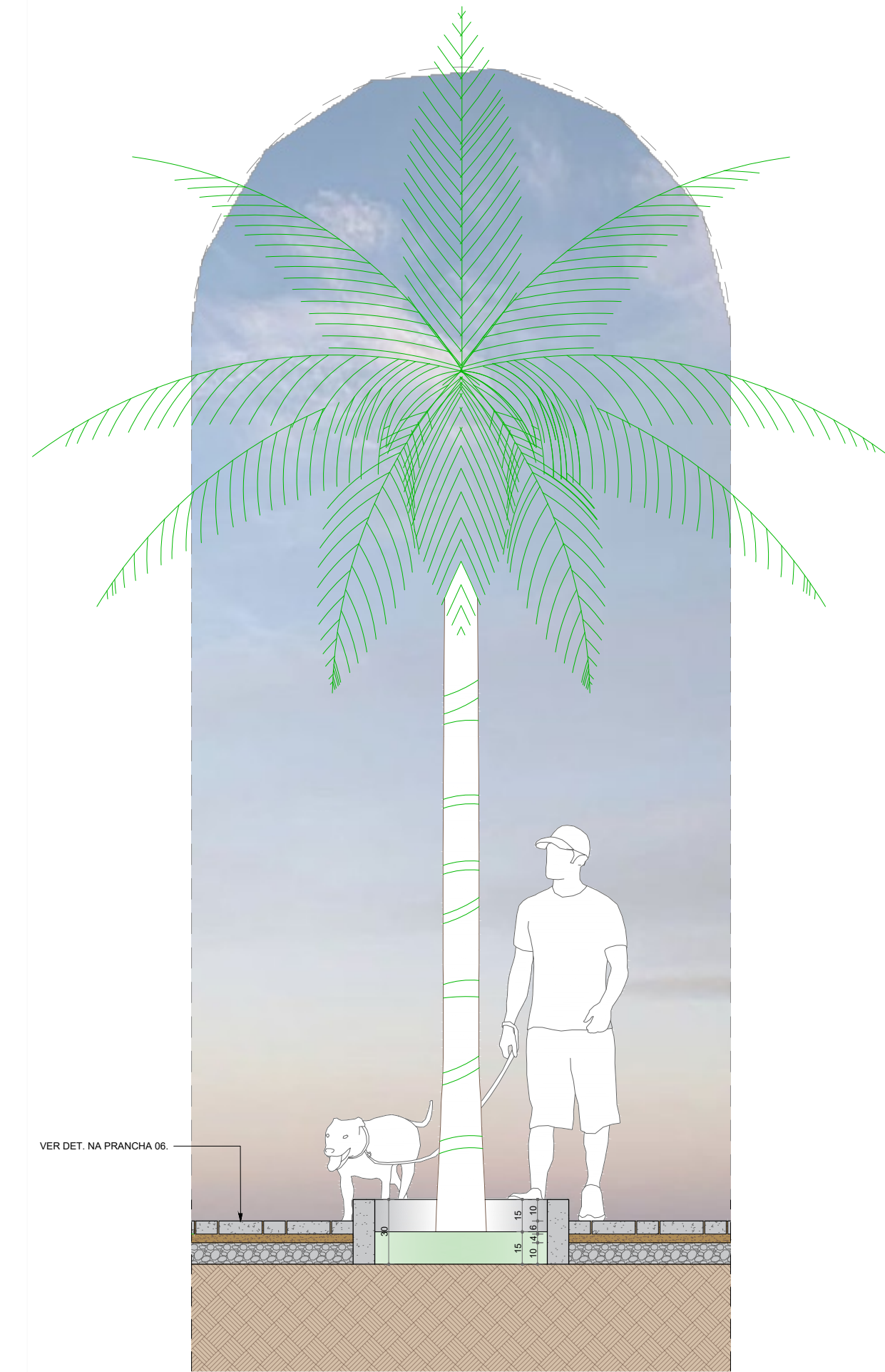
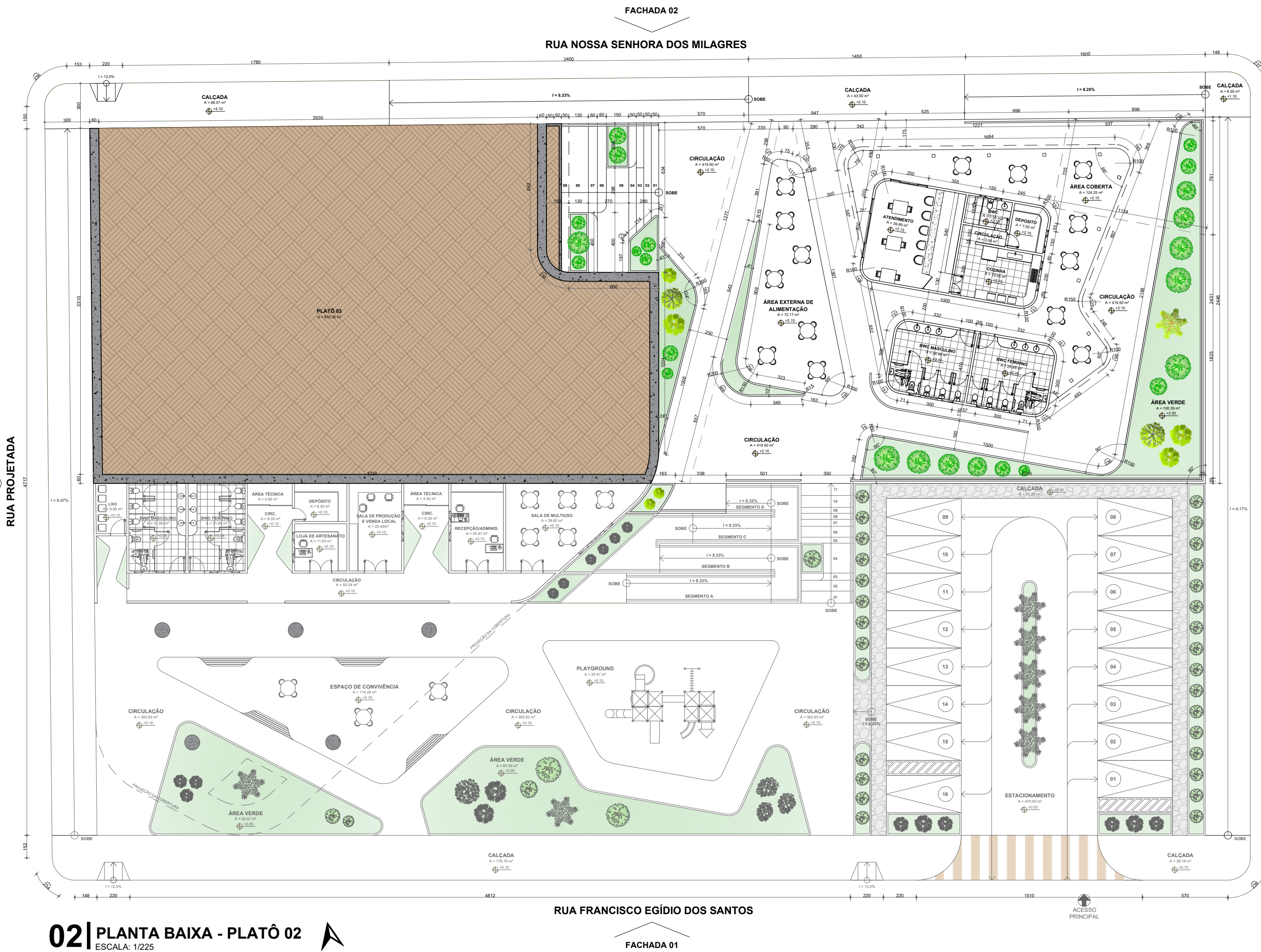
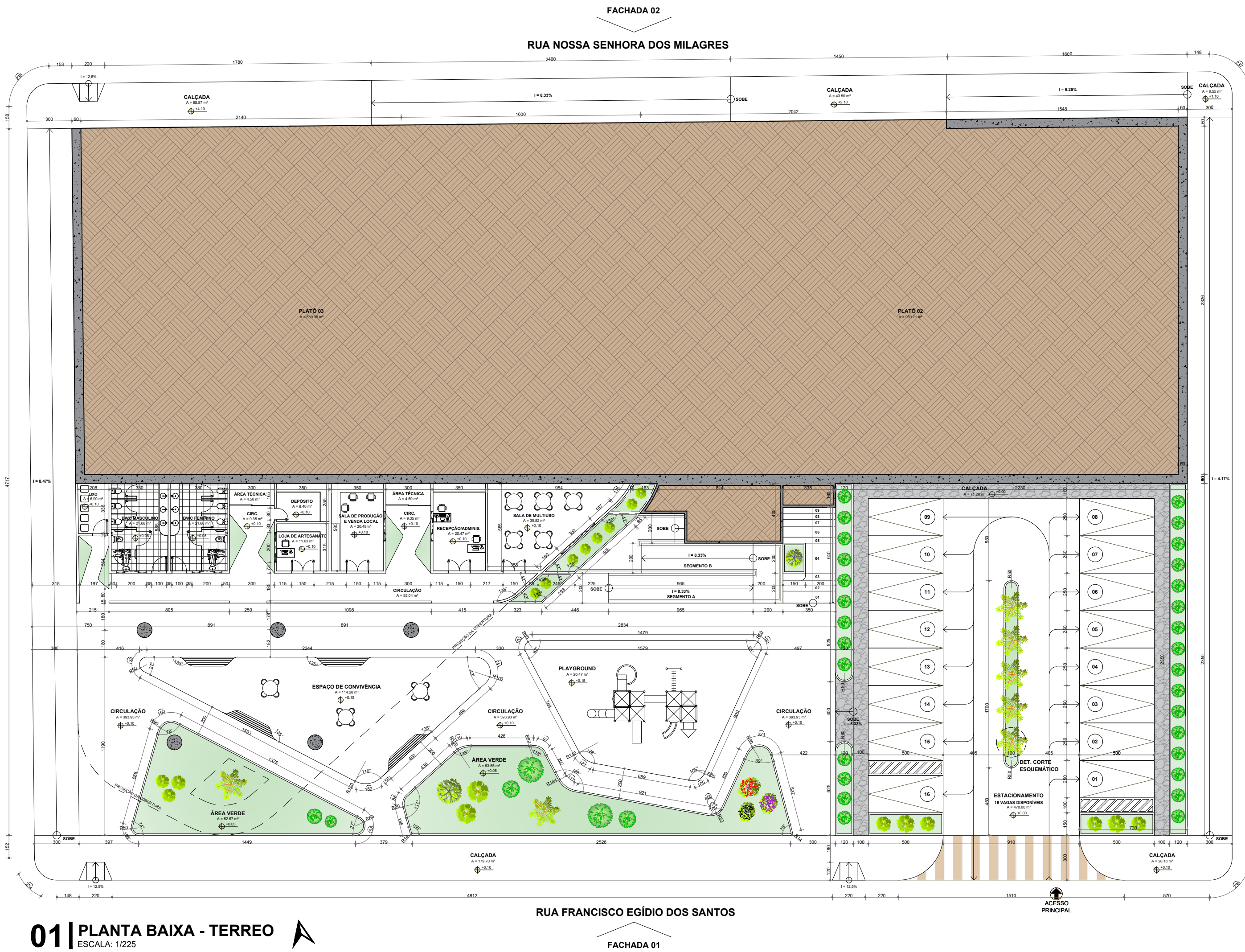
01 | PLANTA PLANIALTIMÉTRICA
ESCALA: 1/225

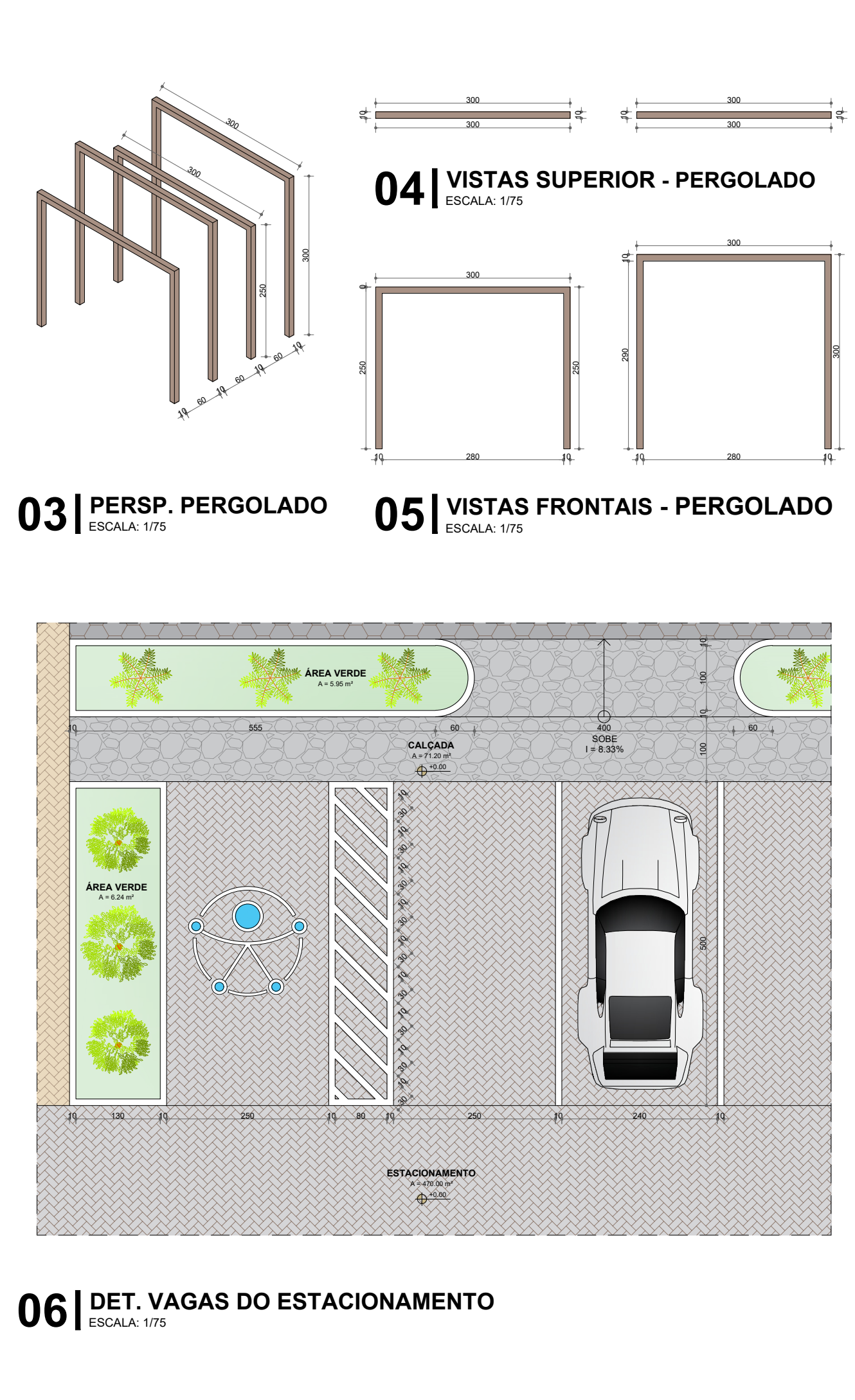
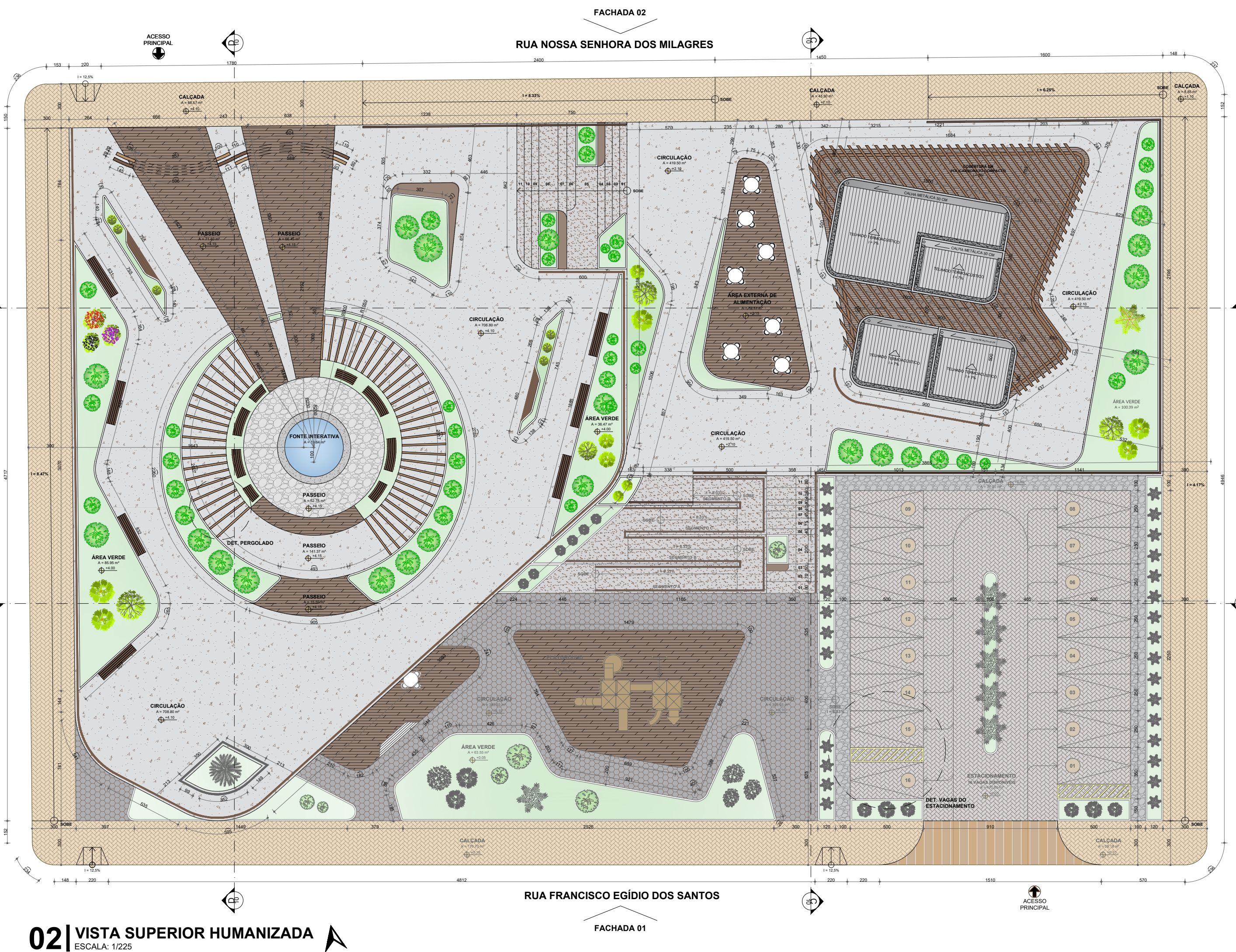
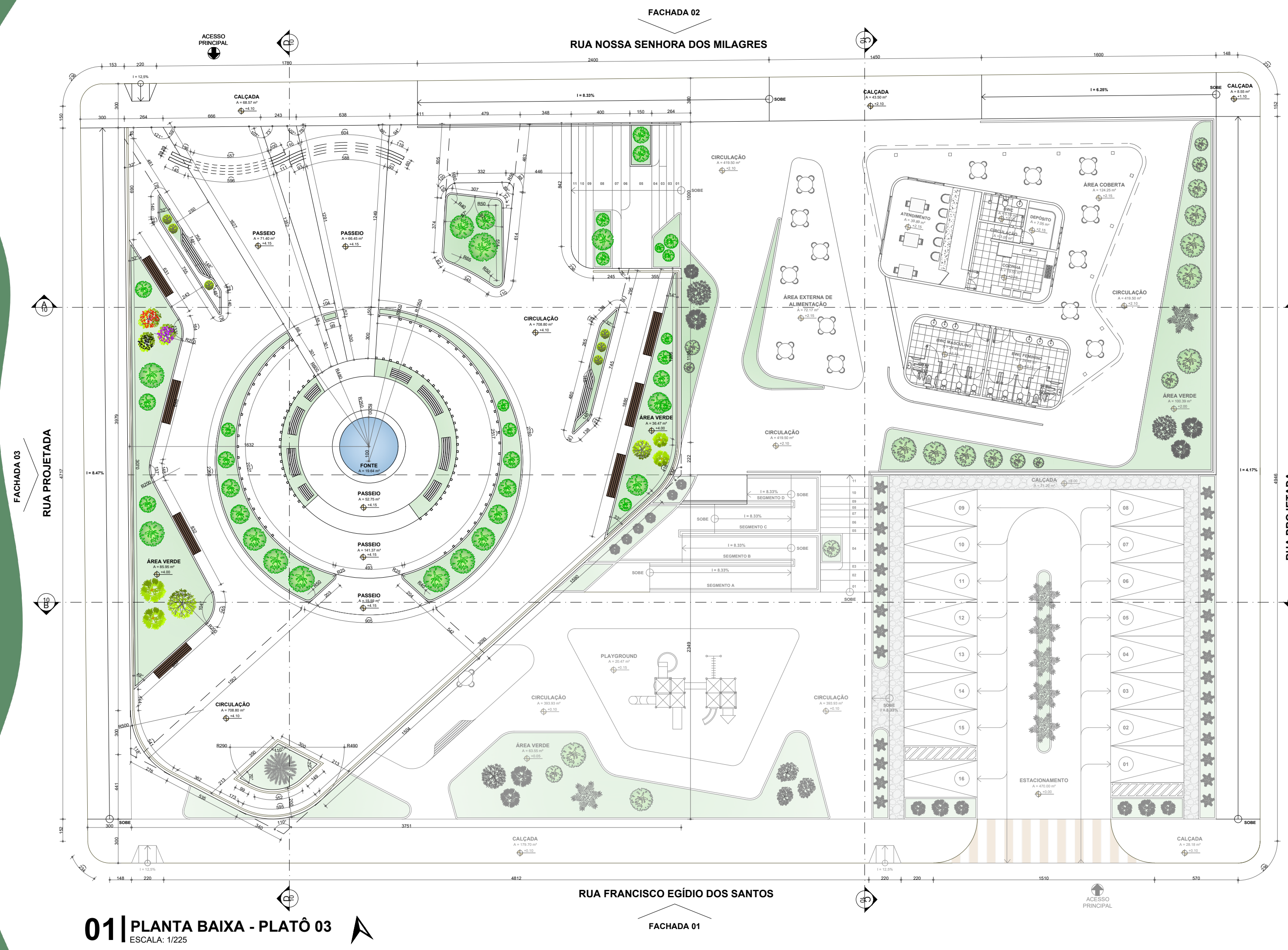
QUADRO INFORMATIVO GERAL		
DESCRIÇÃO	VALOR	
ÁREA TOTAL DO TERRENO	4.301,32 m²	
ÁREA CONSTRUÍDA TOTAL	832,45 m²	
ÁREA VERDE	558,76 m²	
ÁREA PERMEÁVEL TOTAL	1.738,62 m²	
COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	0,19	
TAXA DE OCUPAÇÃO	19,35%	

COORDENADAS GEOGRÁFICAS		
PONTOS	X (LONGITUDE)	Y (LATITUDE)
PONTO 01	38° 33' 26.97" O	6° 27' 4.54" S
PONTO 02	38° 33' 26.61" O	6° 27' 2.78" S
PONTO 03	38° 33' 23.80" O	6° 27' 3.25" S
PONTO 04	38° 33' 24.80" O	6° 27' 4.45" S
ÁREA: 4.301,32 m²		
PERÍMETRO: 267,7194 m		



02 | PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
ESCALA: 1/225





ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

05/12

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO
Entre Sol e Natureza: Anteprojeto de Mirante para Valorização do Patrimônio Natural, Promoção do Lazer e Potencialização do Turismo em Bernardino Batista - PB.

RESPONSÁVEL TÉCNICO
Júlio César Egídio Gomes

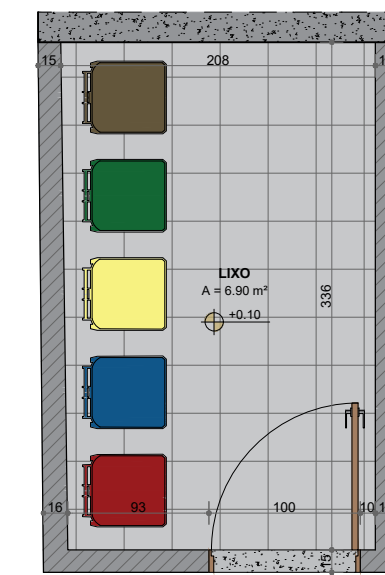
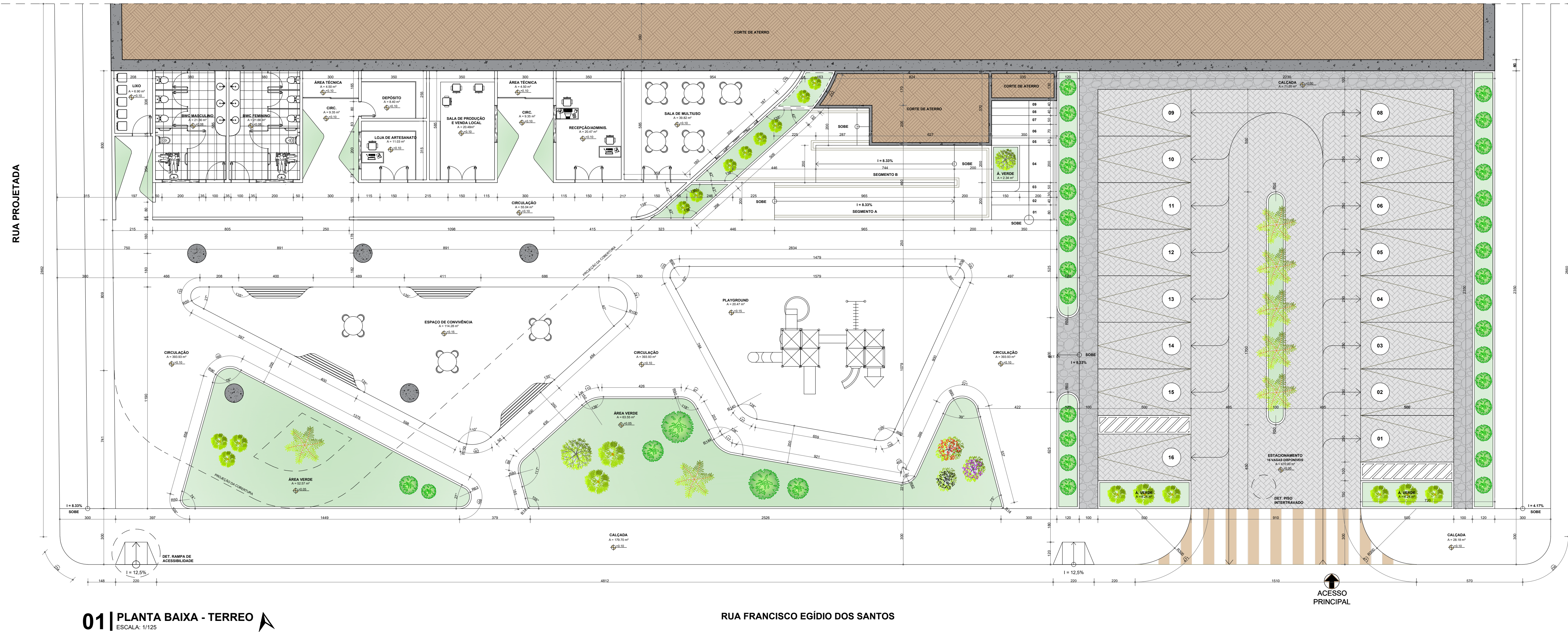
ORIENTADOR
Antonio Carlos Leite Barbosa

ASSUNTO
Planta Baixa - Platô 03, Vista Superior e Detalhamentos

DATA
Agosto de 2025

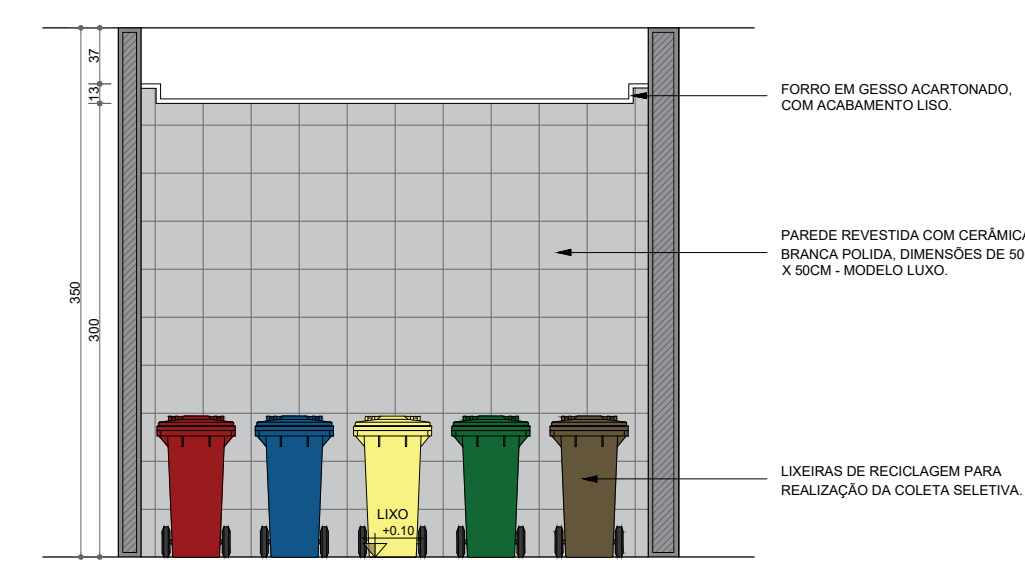
ESCALA
Indicada

SOLAR



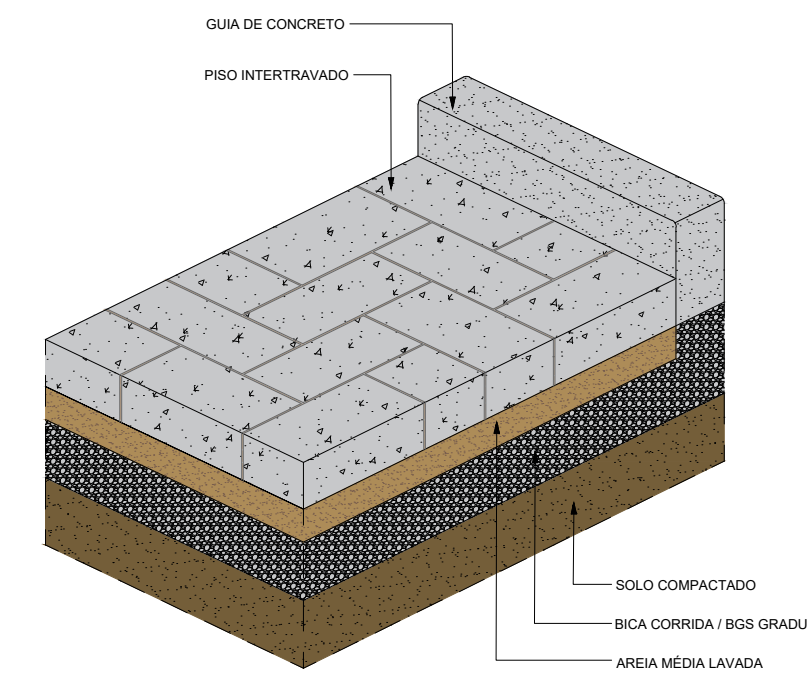
02 | PLANTA BAIXA - LIXO

ESCALA: 1/50



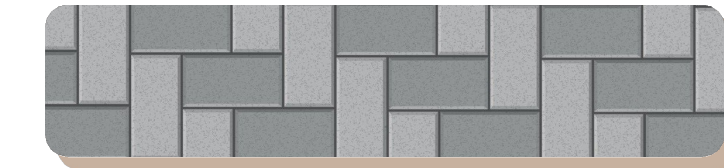
03 | VISTA INTERNA - LIXO

ESCALA: 1/50

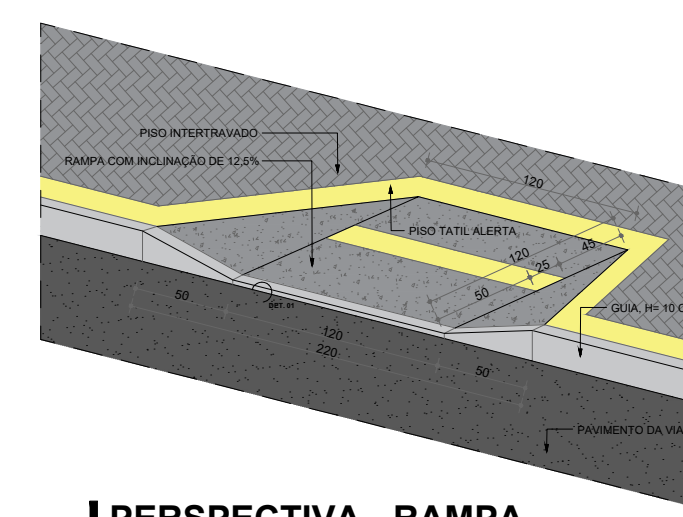


04 | PERSPECTIVA - PISO INTERTRAVADO

ESCALA: 1/100

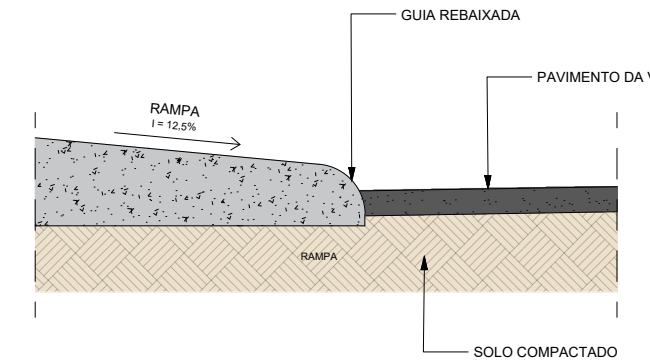


05 | IMAGEM ILUSTRATIVA - INTERTRAVADO



06 | PERSPECTIVA - RAMPA DE ACESSIBILIDADE

ESCALA: 1/75

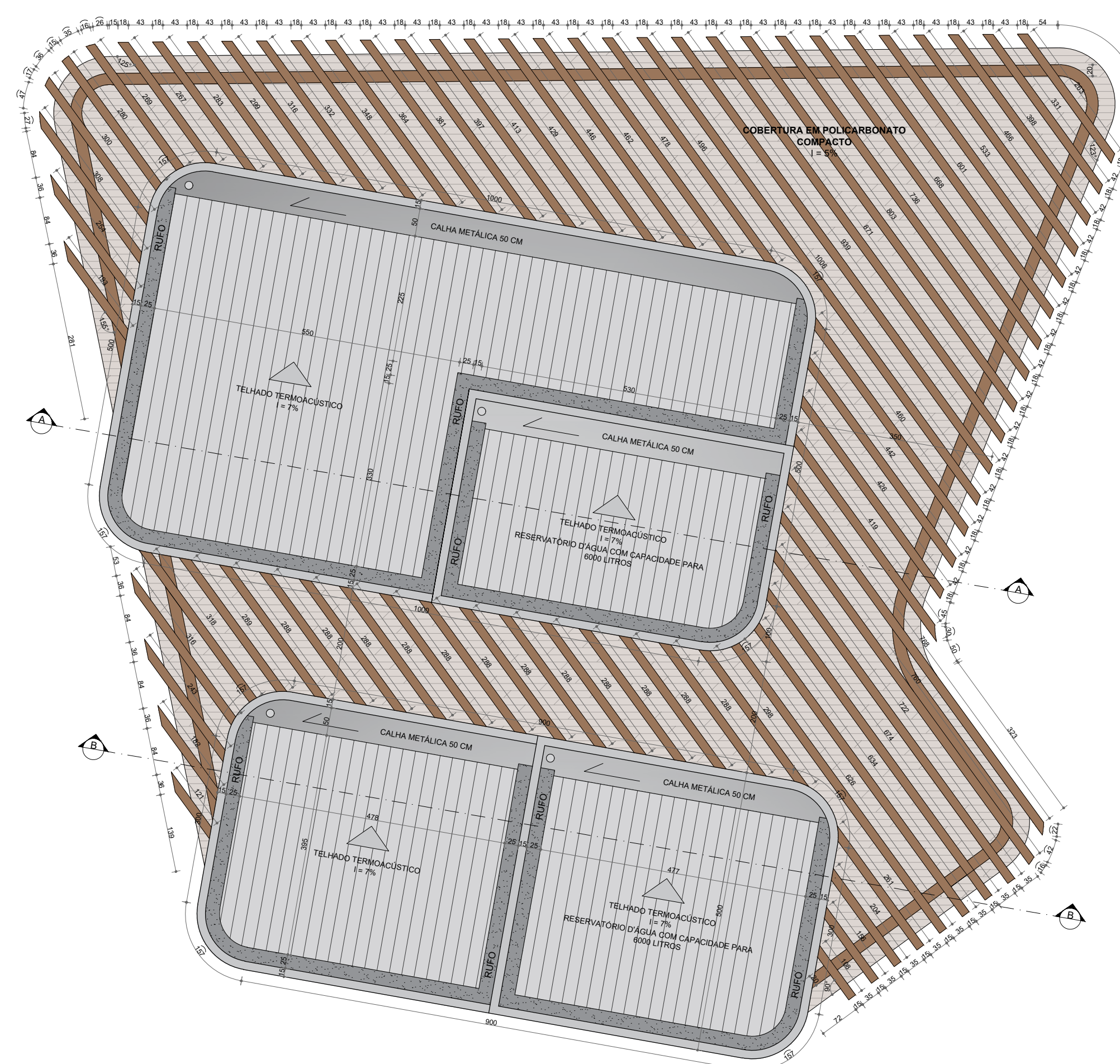


07 | DET. 01 - RAMPA DE ACESSIBILIDADE

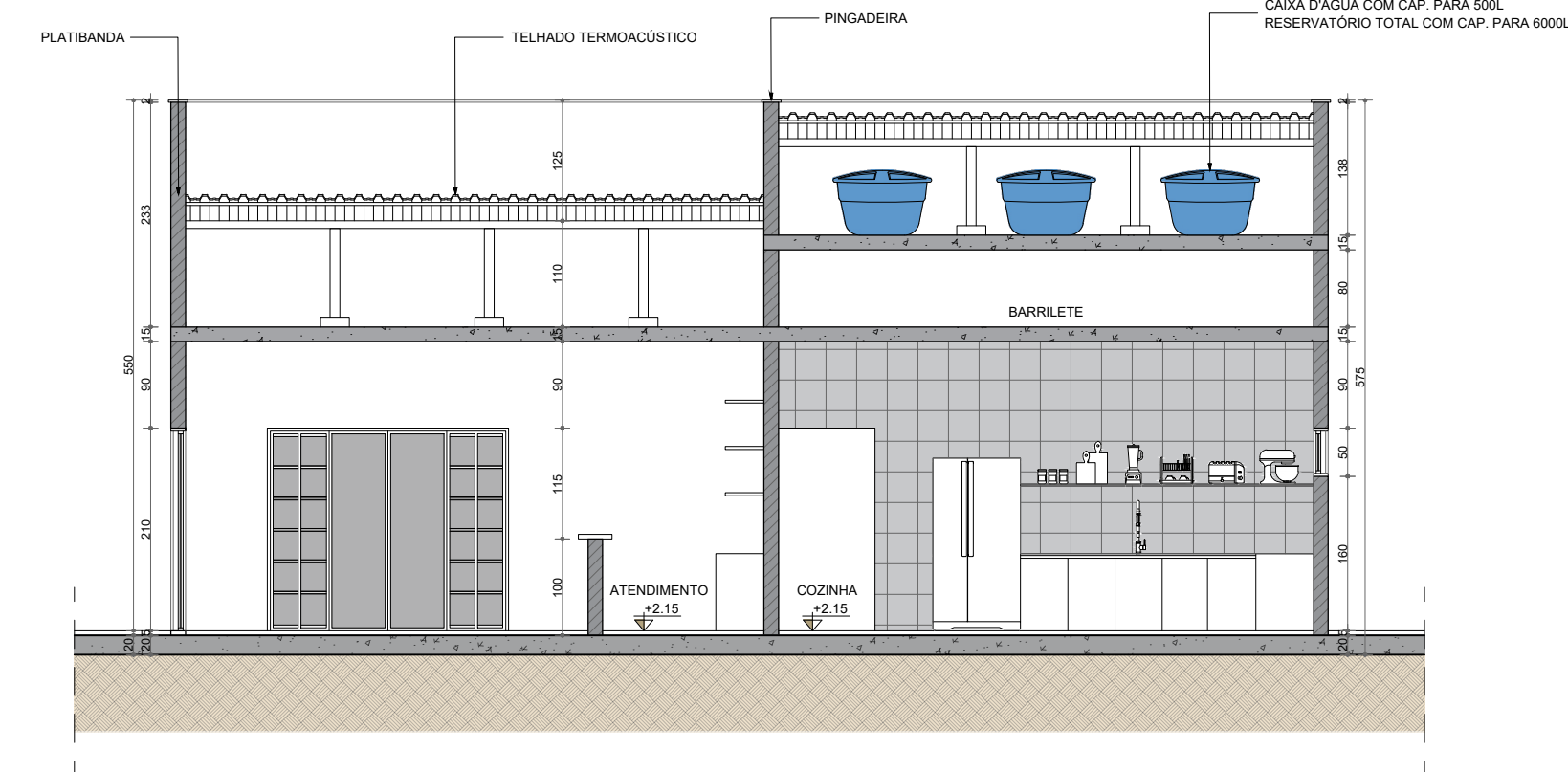
ESCALA: 1/50



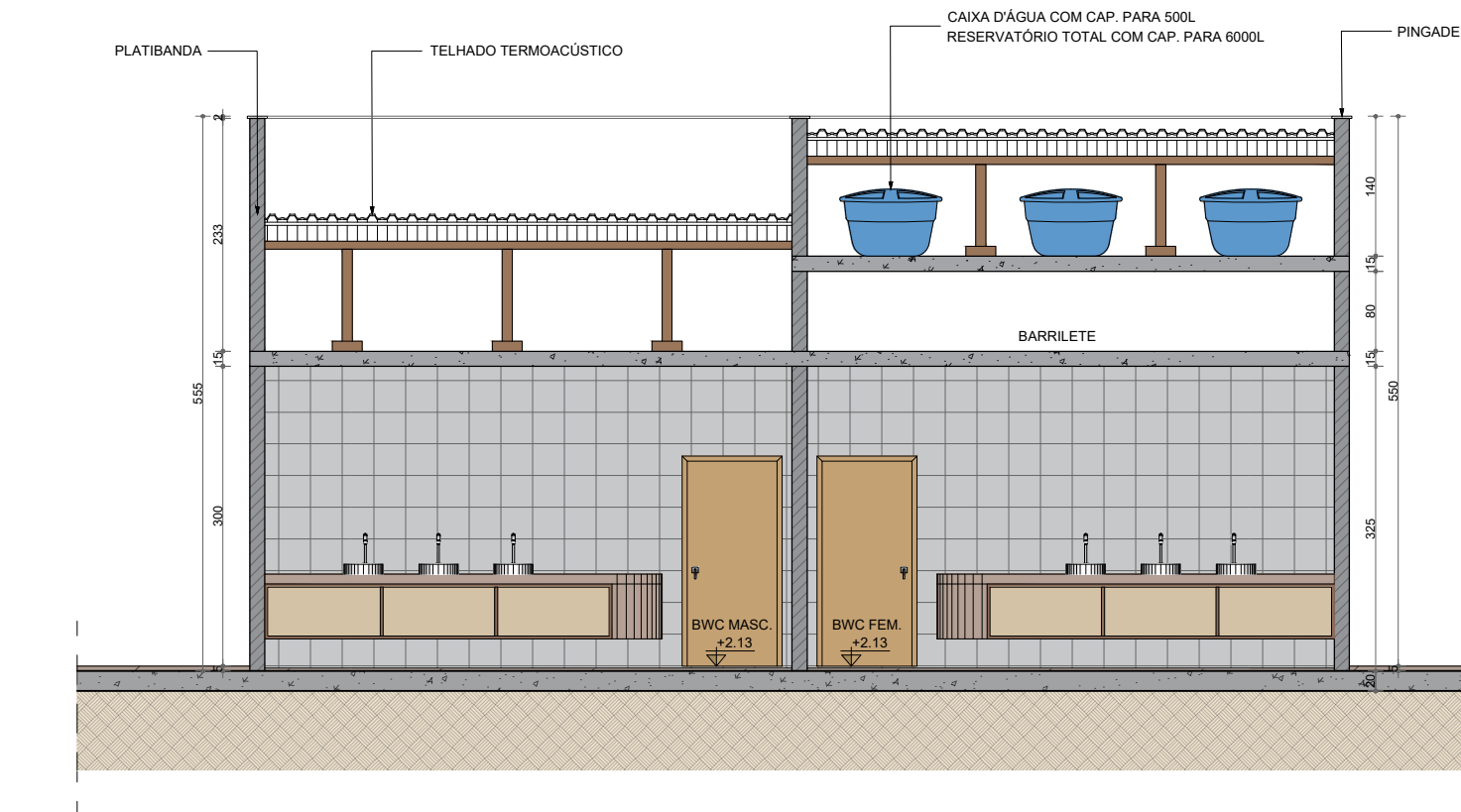
01 PLANTA BAIXA - PLATÔ 02
ESCALA: 1/125



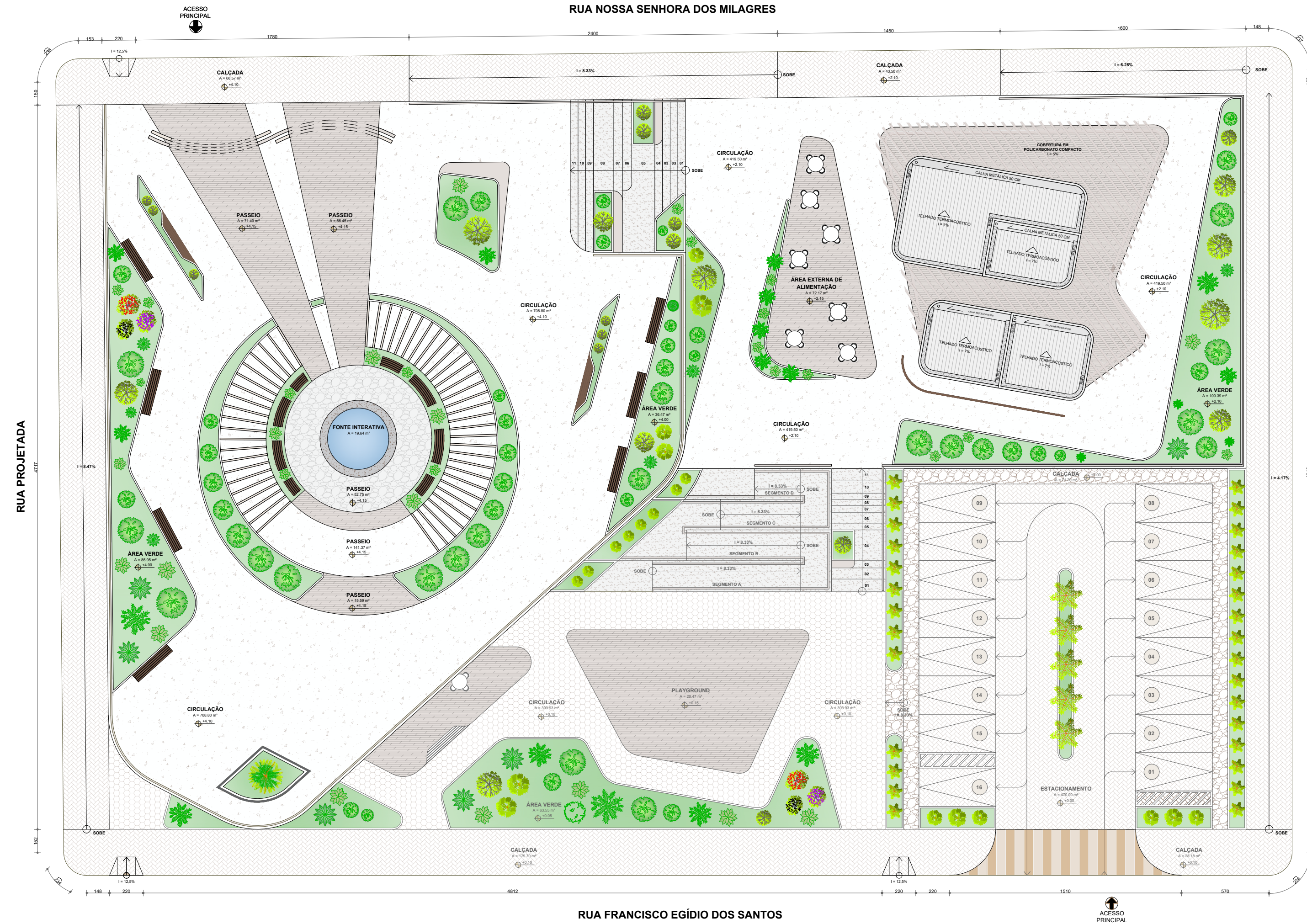
02 PLANTA DE COBERTA - QUIOSQUE E BANHEIROS
ESCALA: 1/75



03 CORTE AA
ESCALA: 1/75



04 CORTE BB
ESCALA: 1/75



01 | PLANTA DE VEGETAÇÃO
ESCALA: 1/225



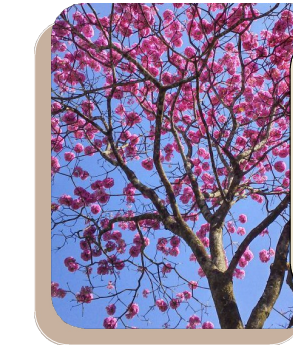
CAJUEIRO	
NOME CIENTÍFICO	ANACARDIUM OCCIDENTALE
QUANTIDADE	5 UNIDADES
PORTE	6 A 12 METROS DE ALTURA
DISTÂNCIA MÉDIA	VARIADA



PALMEIRA IMPERIAL	
NOME CIENTÍFICO	ROYSTONIA OLERACEA
QUANTIDADE	1 UNIDADE
PORTE	20 A 40 METROS DE ALTURA
DISTÂNCIA MÉDIA	-



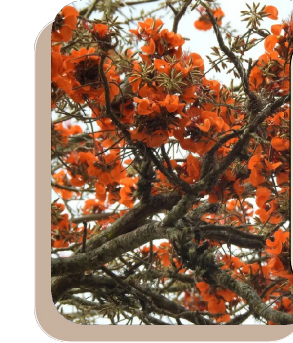
PALMEIRA RABO DE RAPOSA	
NOME CIENTÍFICO	WODYETIA BIFURCATA
QUANTIDADE	20 UNIDADES
PORTE	6 A 25 METROS DE ALTURA
DISTÂNCIA MÉDIA	A CADA 3 METROS



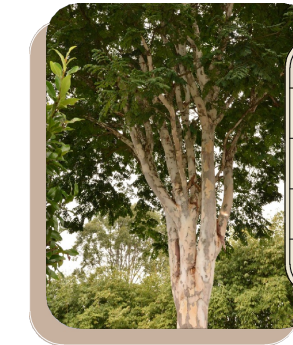
IPÊ ROSA	
NOME CIENTÍFICO	HANDROANTHUS HEPTAPHYLLUS
QUANTIDADE	5 UNIDADES
PORTE	8 A 16 METROS DE ALTURA
DISTÂNCIA MÉDIA	VARIADA



IPÊ AMARELO	
NOME CIENTÍFICO	HANDROANTHUS ALBUS
QUANTIDADE	5 UNIDADES
PORTE	7 A 12 METROS DE ALTURA
DISTÂNCIA MÉDIA	VARIADA



MULUNGÚ	
NOME CIENTÍFICO	ERYTHRINA VERNA
QUANTIDADE	5 UNIDADES
PORTE	6 A 20 METROS DE ALTURA
DISTÂNCIA MÉDIA	VARIADA



PAU FERRO	
NOME CIENTÍFICO	LIBIDIBIA FERREA
QUANTIDADE	15 UNIDADES
PORTE	10 A 30 METROS DE ALTURA
DISTÂNCIA MÉDIA	VARIADA



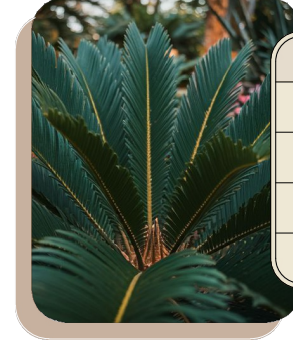
TUIA	
NOME CIENTÍFICO	THUJA OCCIDENTALIS
QUANTIDADE	10 UNIDADES
PORTE	2 A 20 METROS DE ALTURA
DISTÂNCIA MÉDIA	VARIADA



BUXUS	
NOME CIENTÍFICO	BUXUS SEMPERVIRENS
QUANTIDADE	40 UNIDADES
PORTE	50 CENTÍMETROS A 2 METROS DE ALTURA
DISTÂNCIA MÉDIA	VARIADA



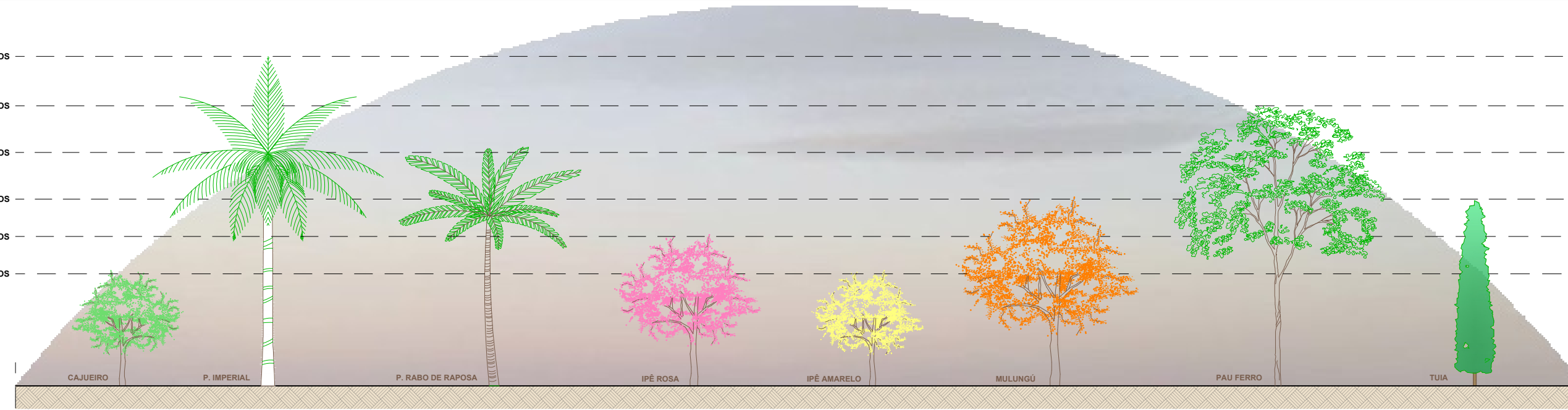
ESTRELA DO EGITO	
NOME CIENTÍFICO	PENTAS LANCEOLATA
QUANTIDADE	30 UNIDADES
PORTE	30 A 90 CENTÍMETROS DE ALTURA
DISTÂNCIA MÉDIA	VARIADA



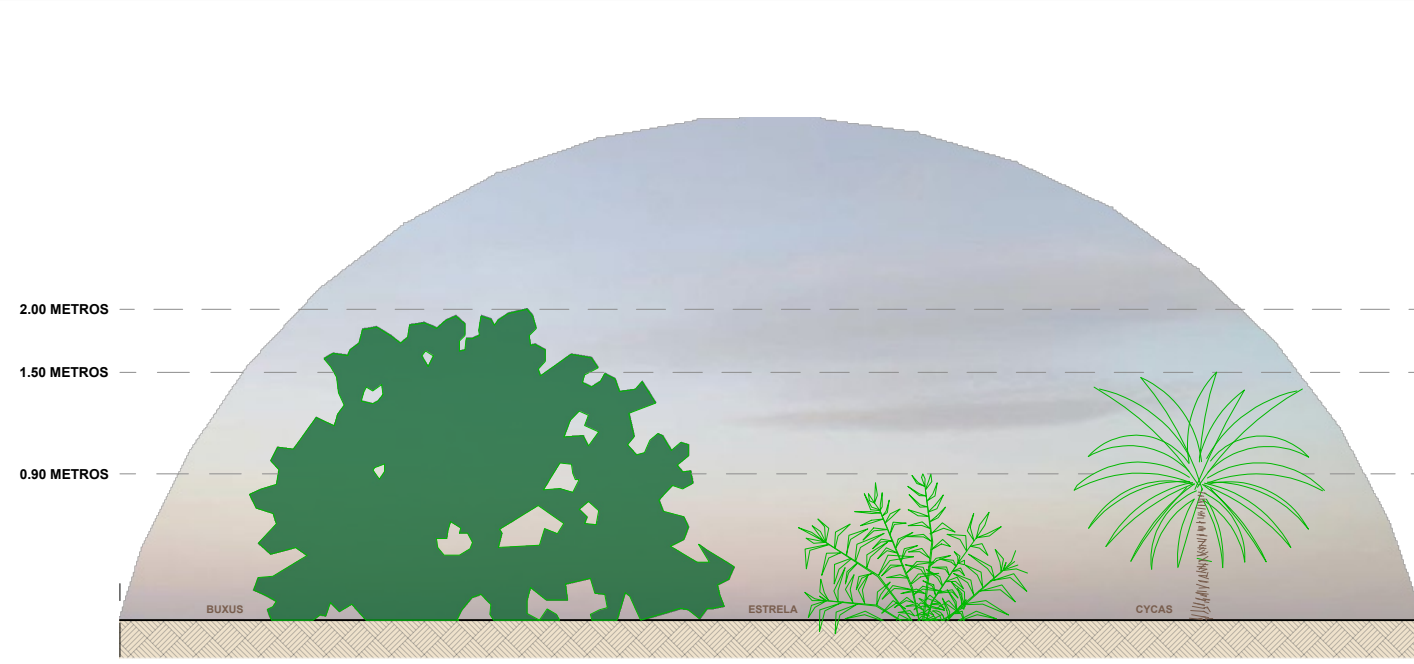
PALMEIRA CYCAS	
NOME CIENTÍFICO	CYCAS CIRCAINALIS
QUANTIDADE	10 UNIDADES
PORTE	50 CENTÍMETROS A 1,5 METROS DE ALTURA
DISTÂNCIA MÉDIA	VARIADA



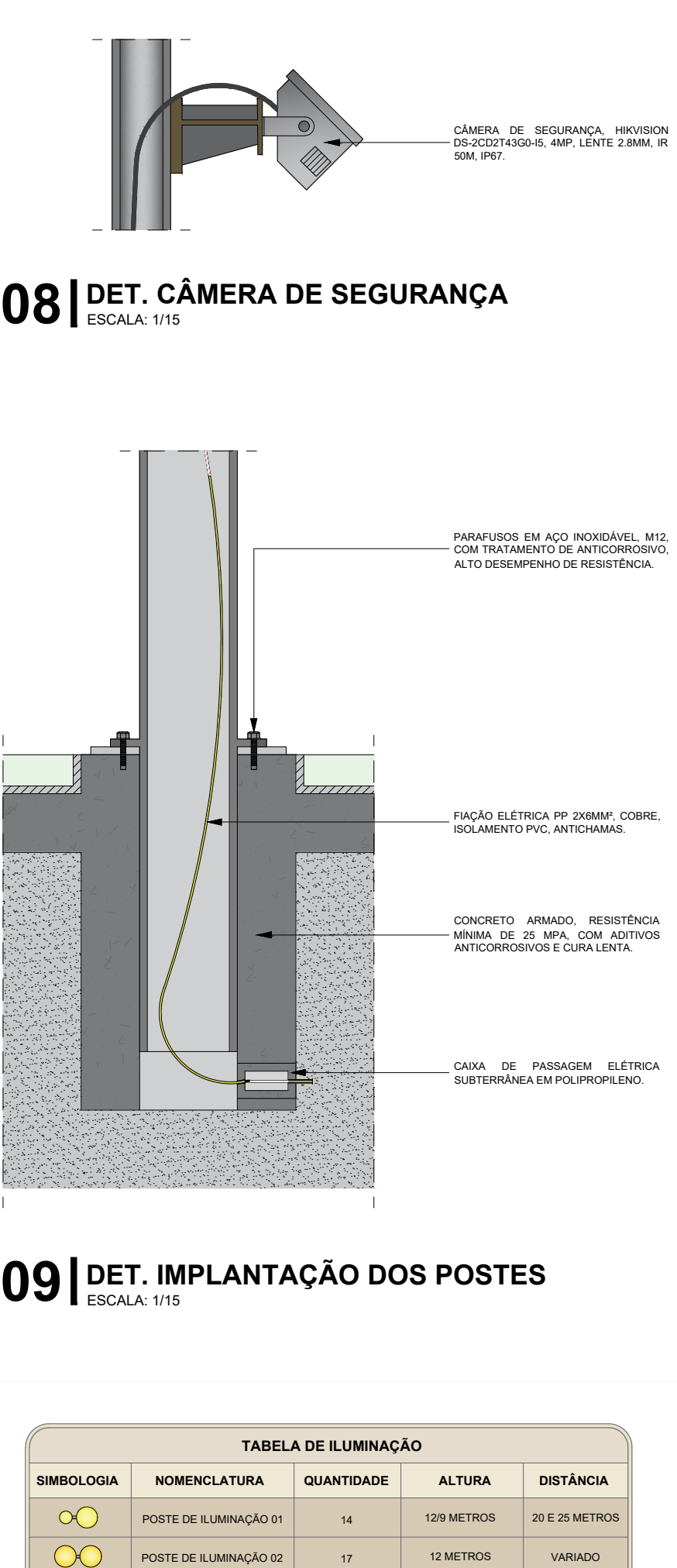
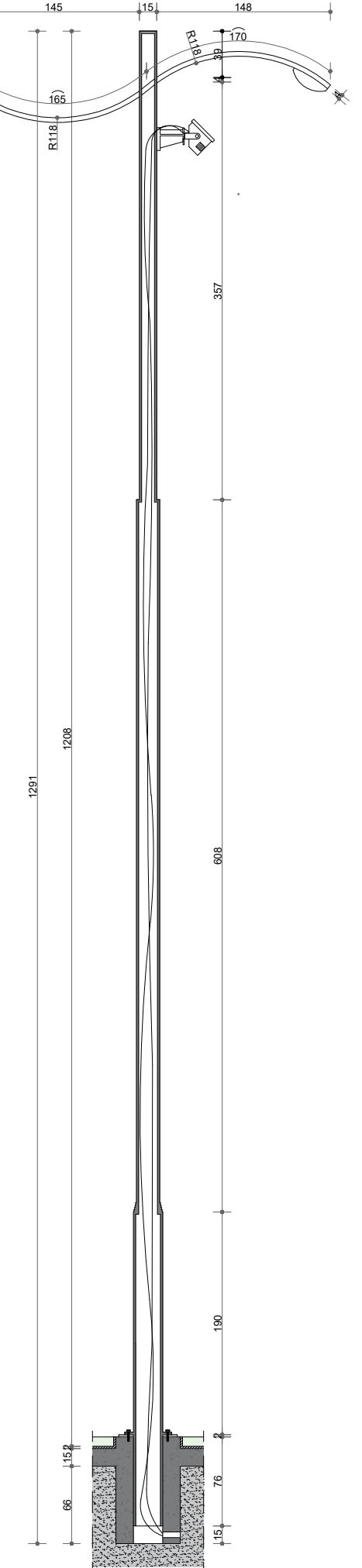
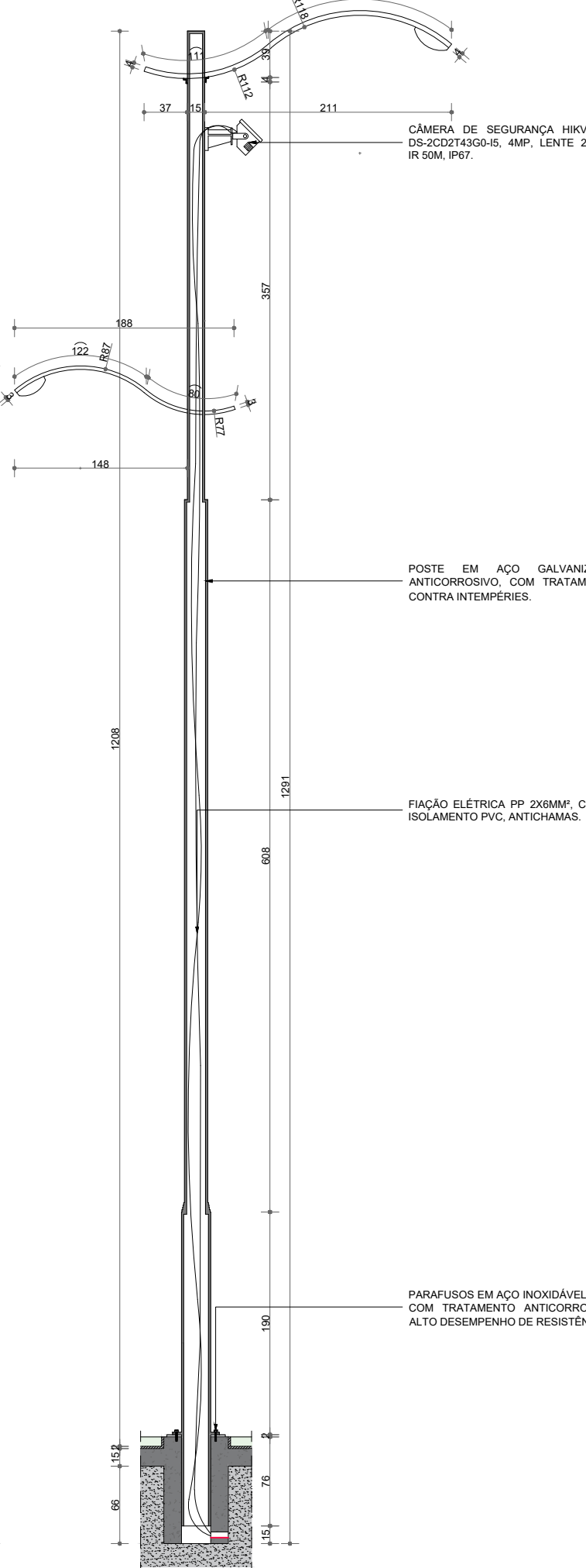
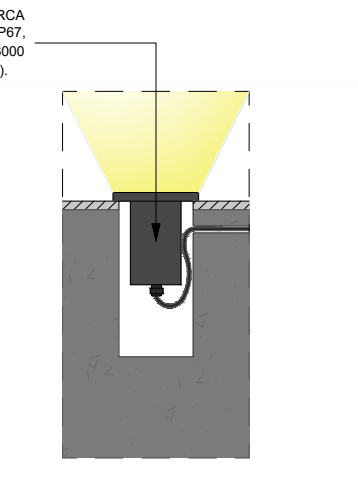
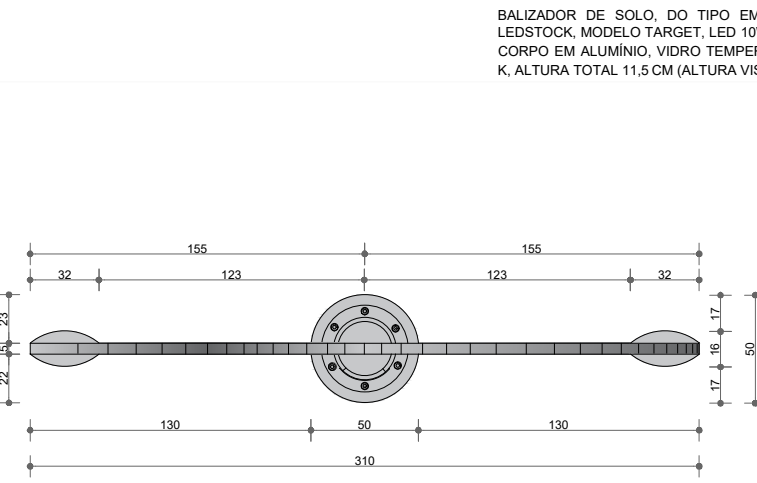
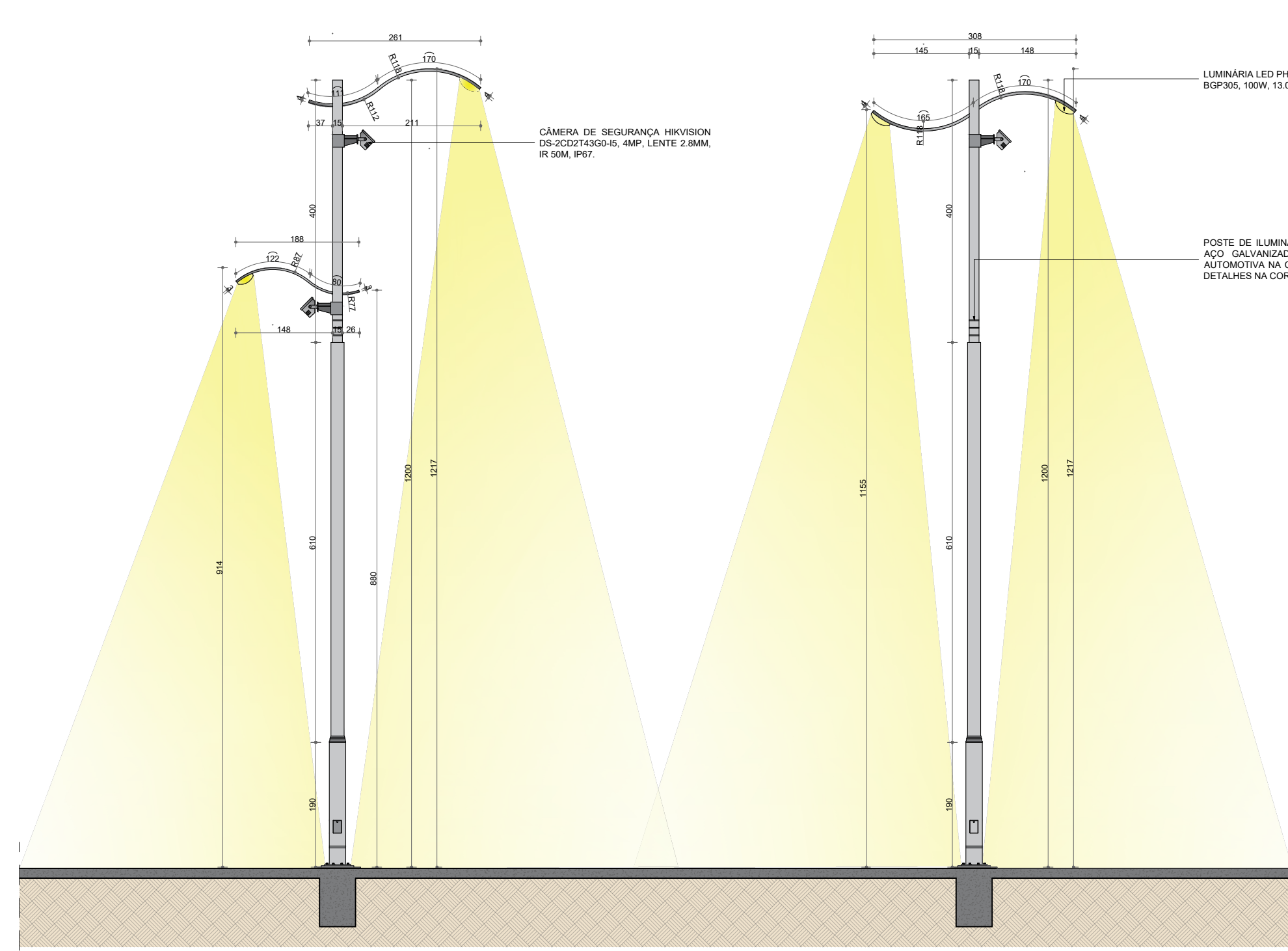
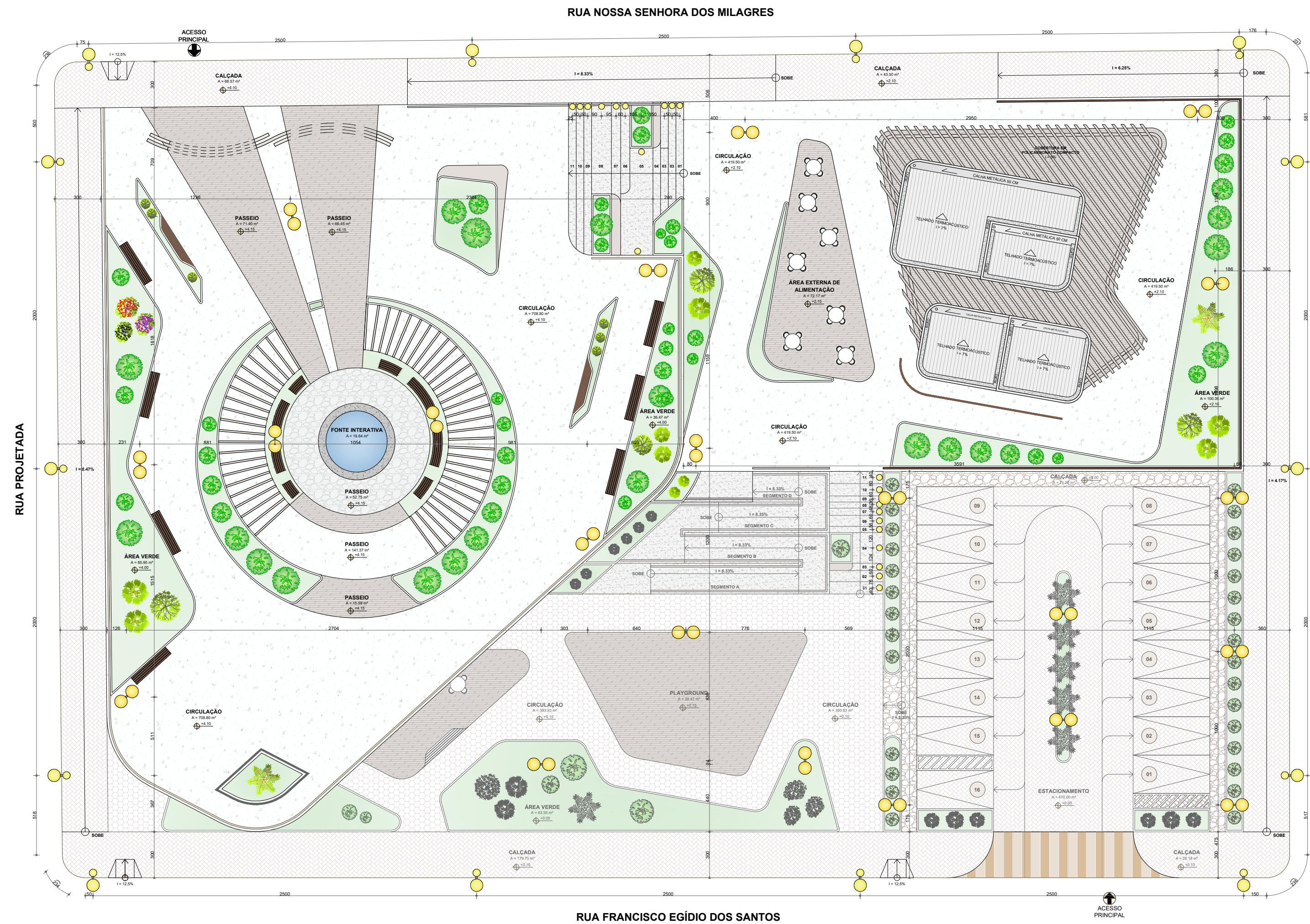
GRAMA ESMERALDA	
NOME CIENTÍFICO	ZOYSIA JAPONICA
QUANTIDADE	558,76 M²
PORTE	FORRAÇÃO
DISTÂNCIA MÉDIA	20 A 30 CENTÍMETROS ENTRE PLACAS OU MUDAS

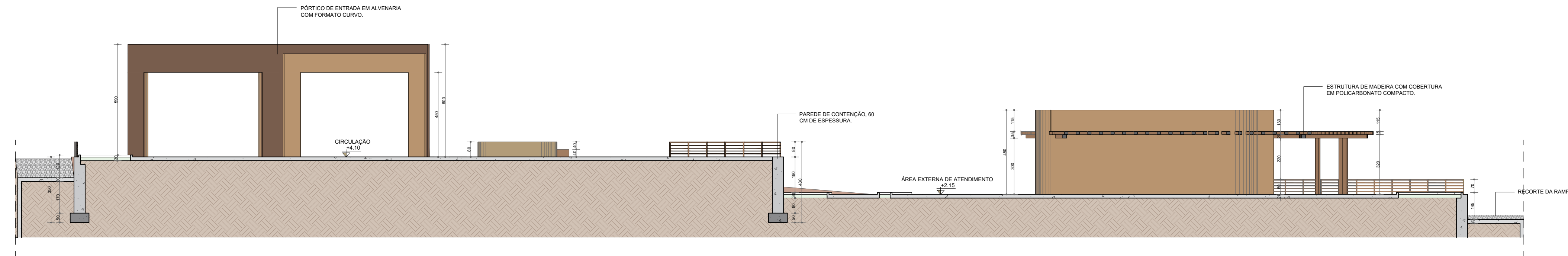


02 | VISTA ILUSTRATIVA DAS ESPÉCIES VEGETAIS
ESCALA: 1/500

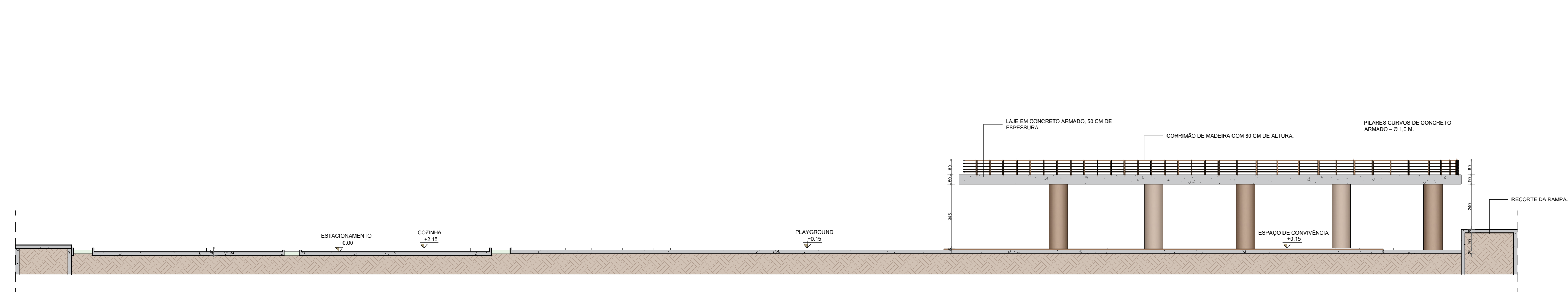


00 | VISTA ILUSTRATIVA DAS ESPÉCIES VEGETAIS
ESCALA: 1/50

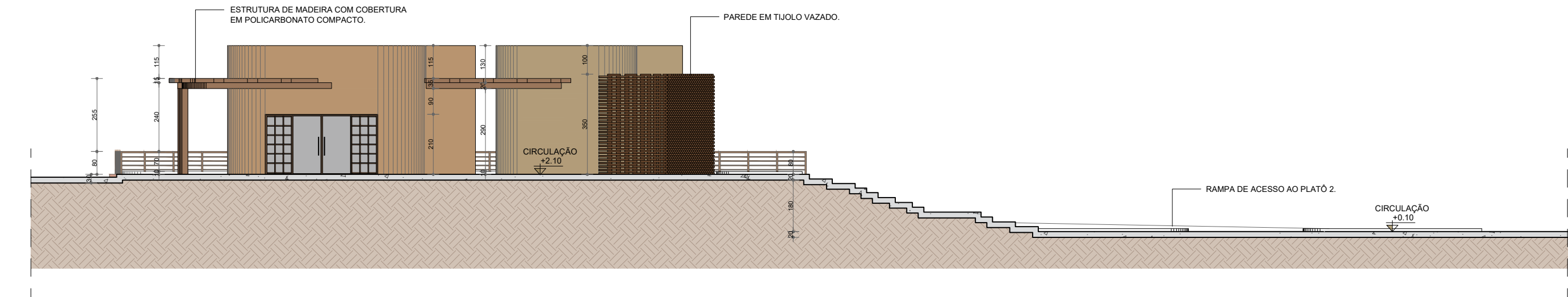




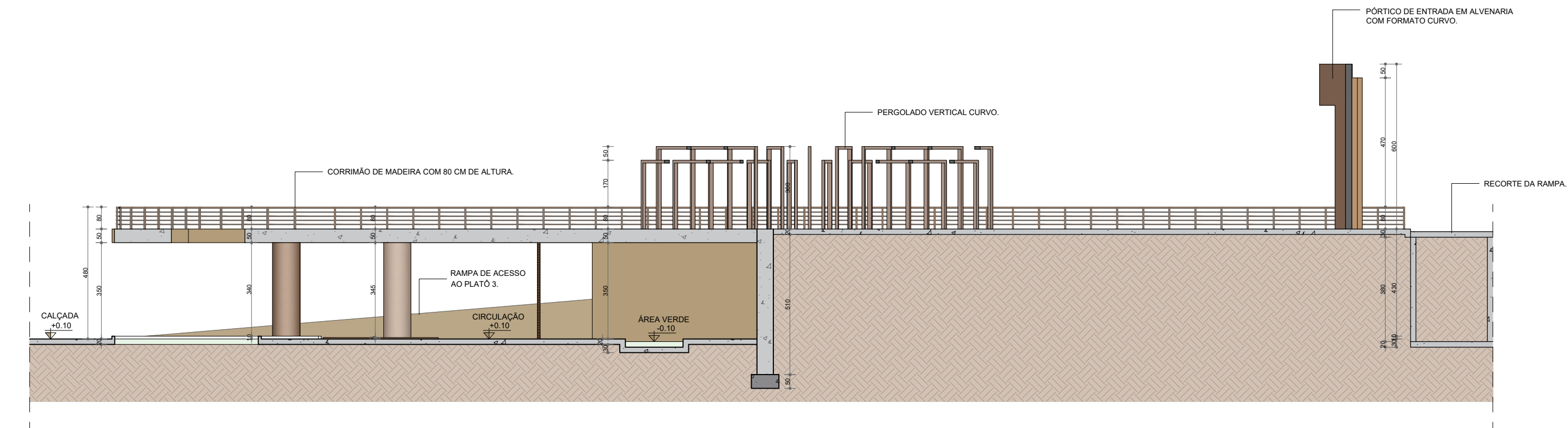
01|CORTE AA
ESCALA: 1/150



02|CORTE BB
ESCALA: 1/150



03|CORTE CC
ESCALA: 1/150



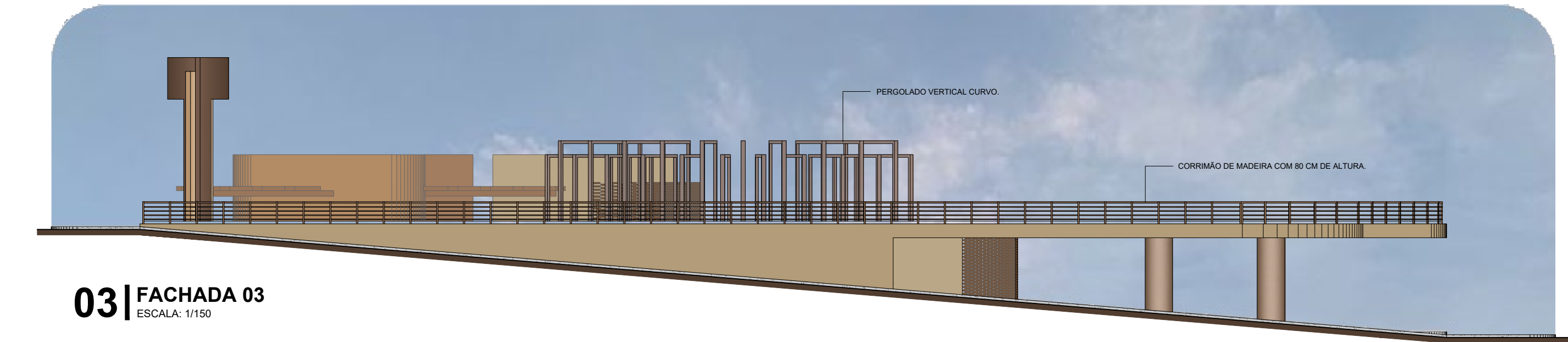
04|CORTE DD
ESCALA: 1/150



01 | FACHADA 01
ESCALA: 1/150



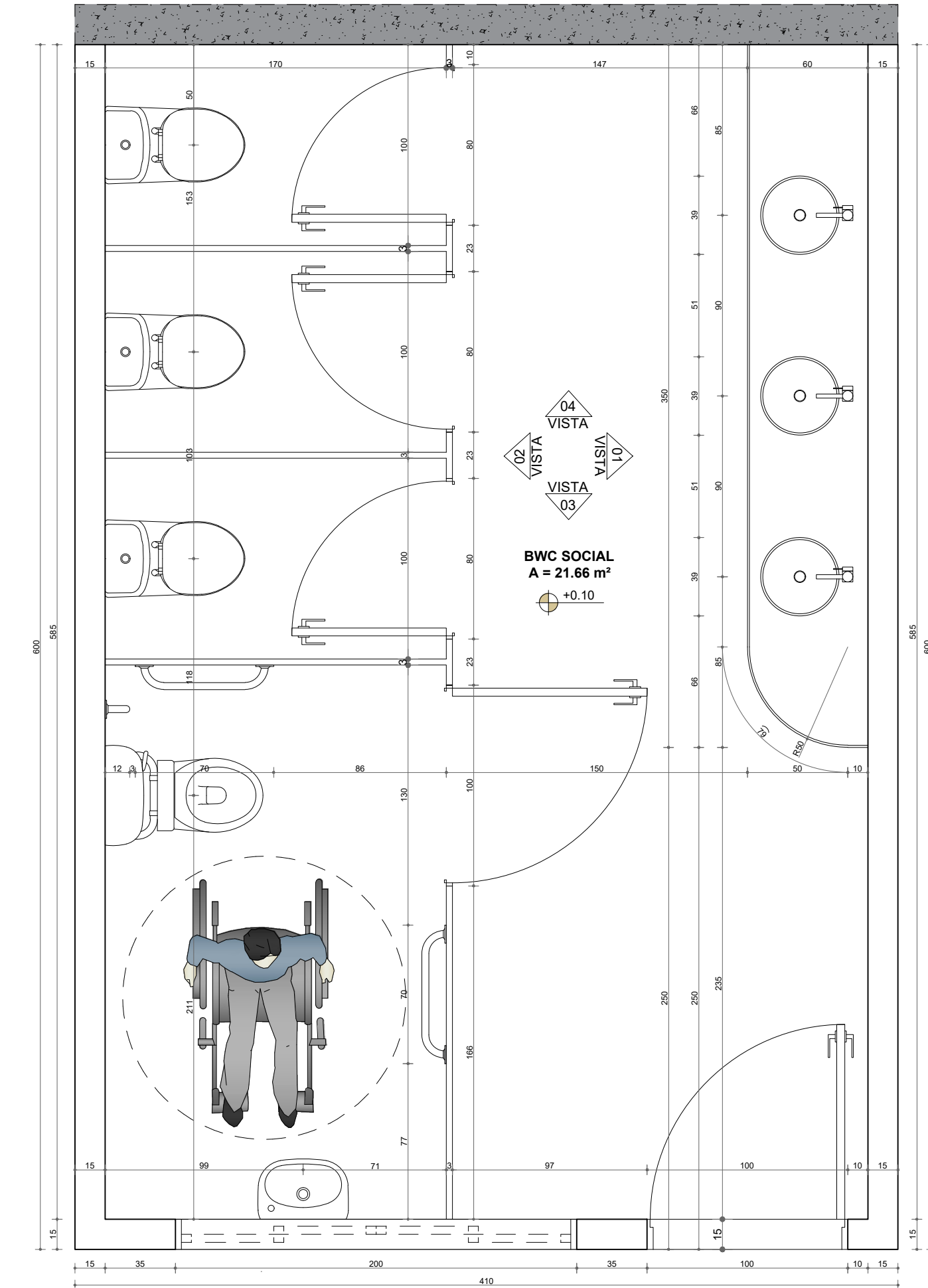
02 | FACHADA 02
ESCALA: 1/150



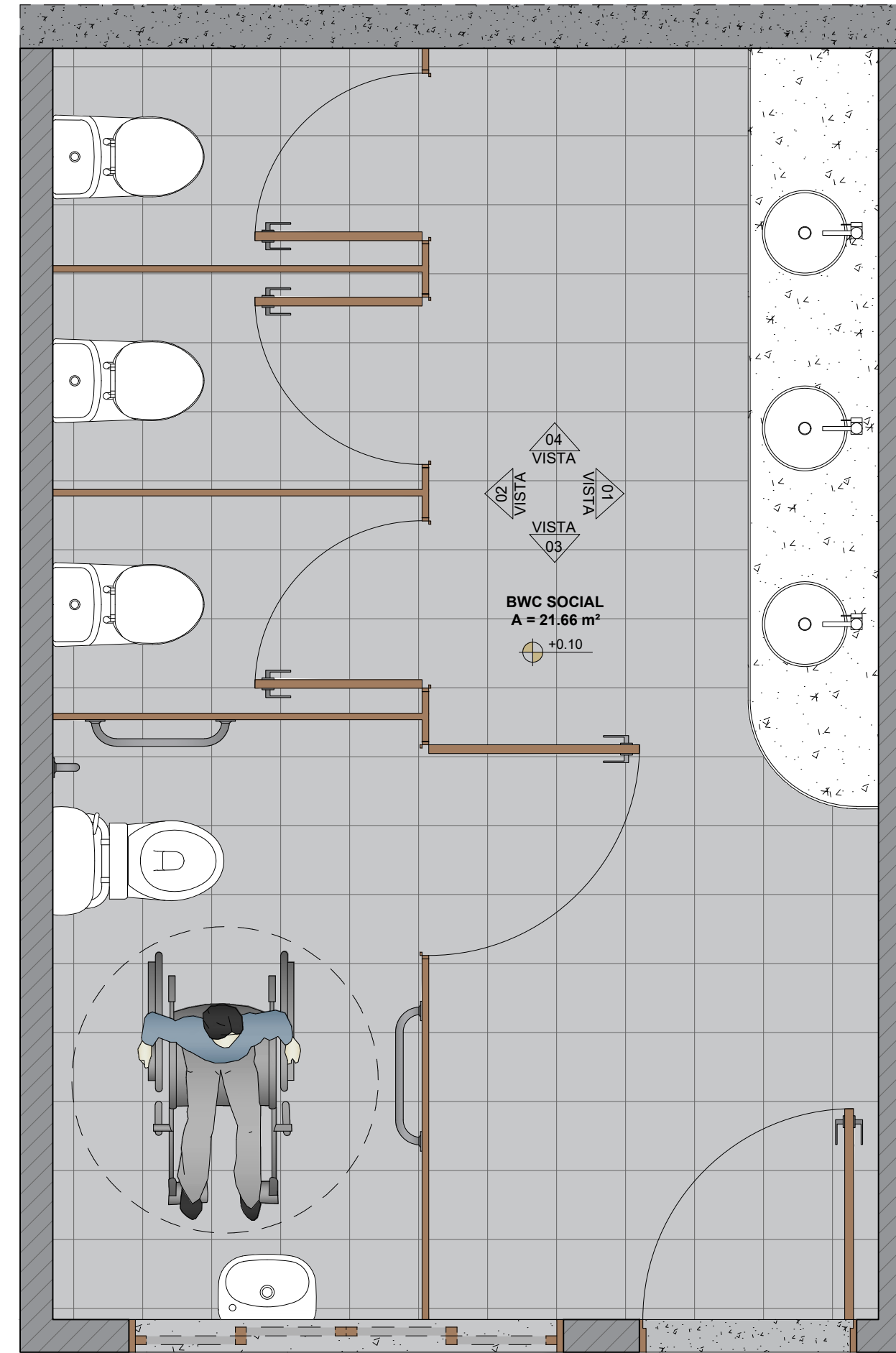
03 | FACHADA 03
ESCALA: 1/150



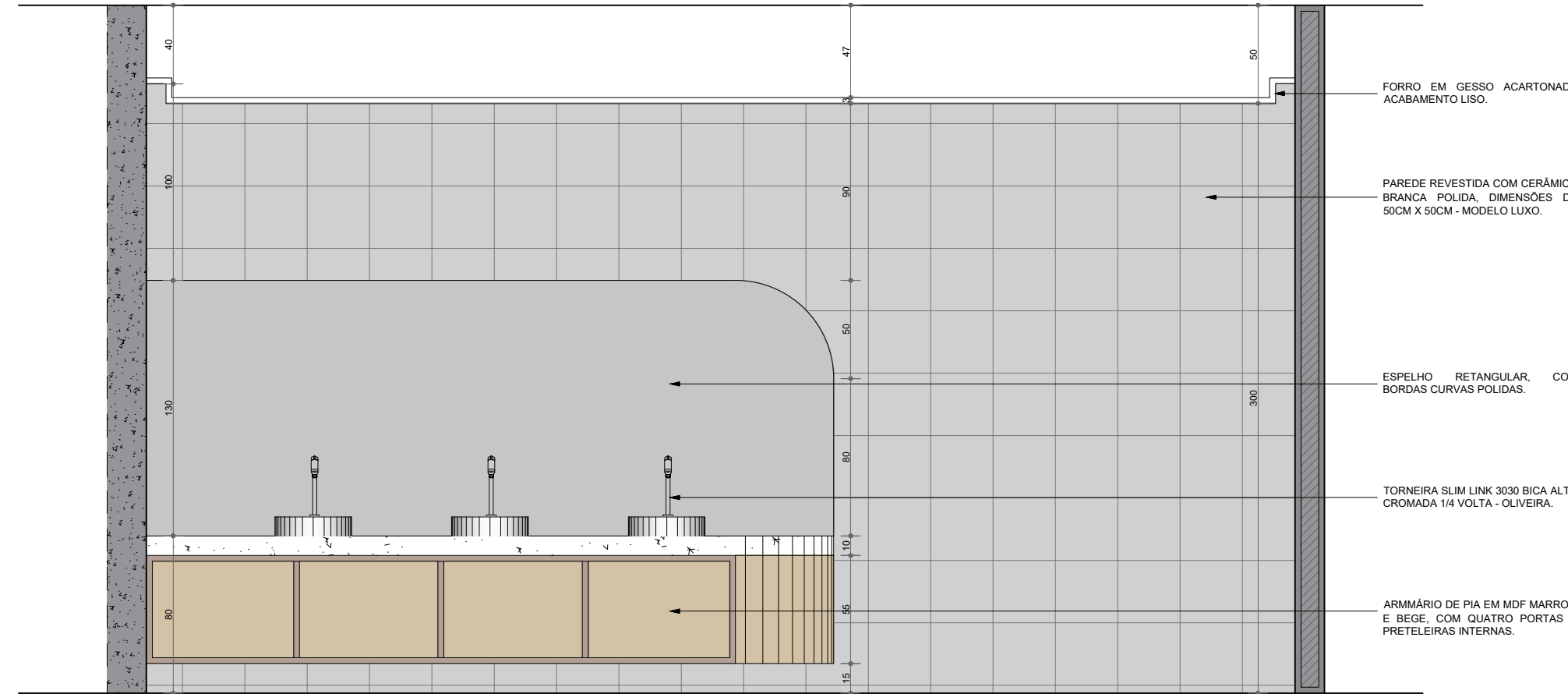
04 | FACHADA 04
ESCALA: 1/150



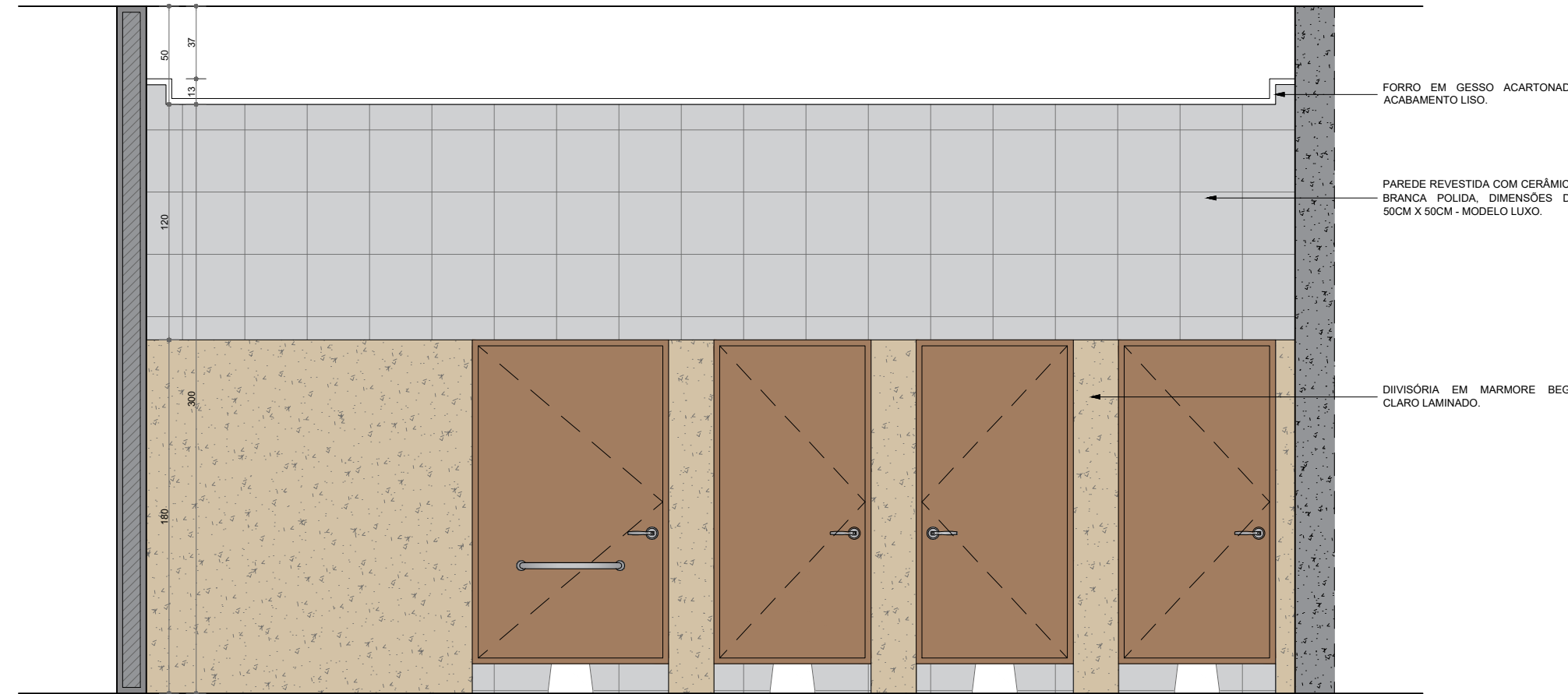
01 | PLANTA BAIXA - BANHEIROS DO TÉRREO
ESCALA: 1/25



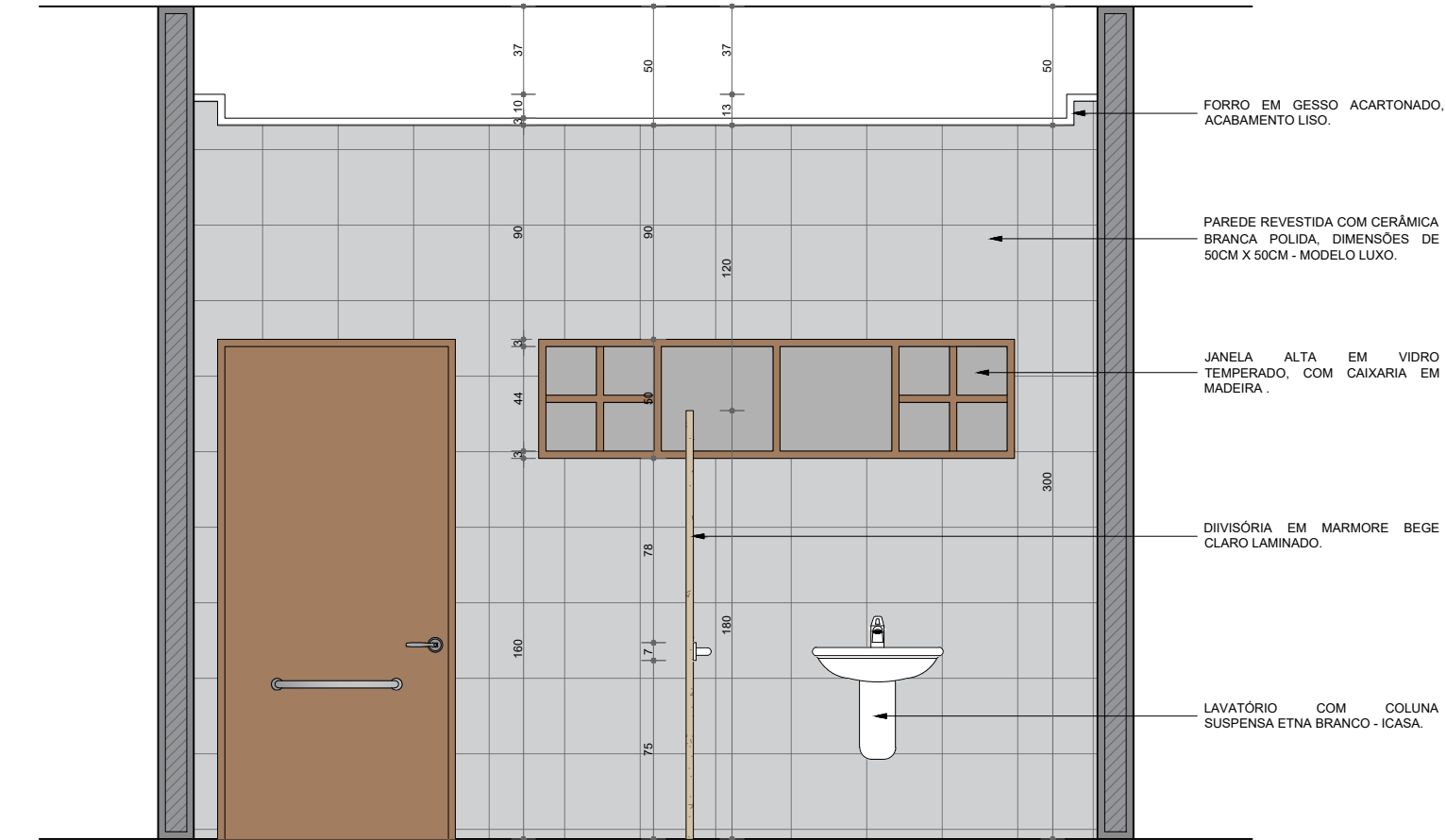
02 | PLANTA DE LAYOUT - BANHEIROS DO TÉRREO
ESCALA: 1/25



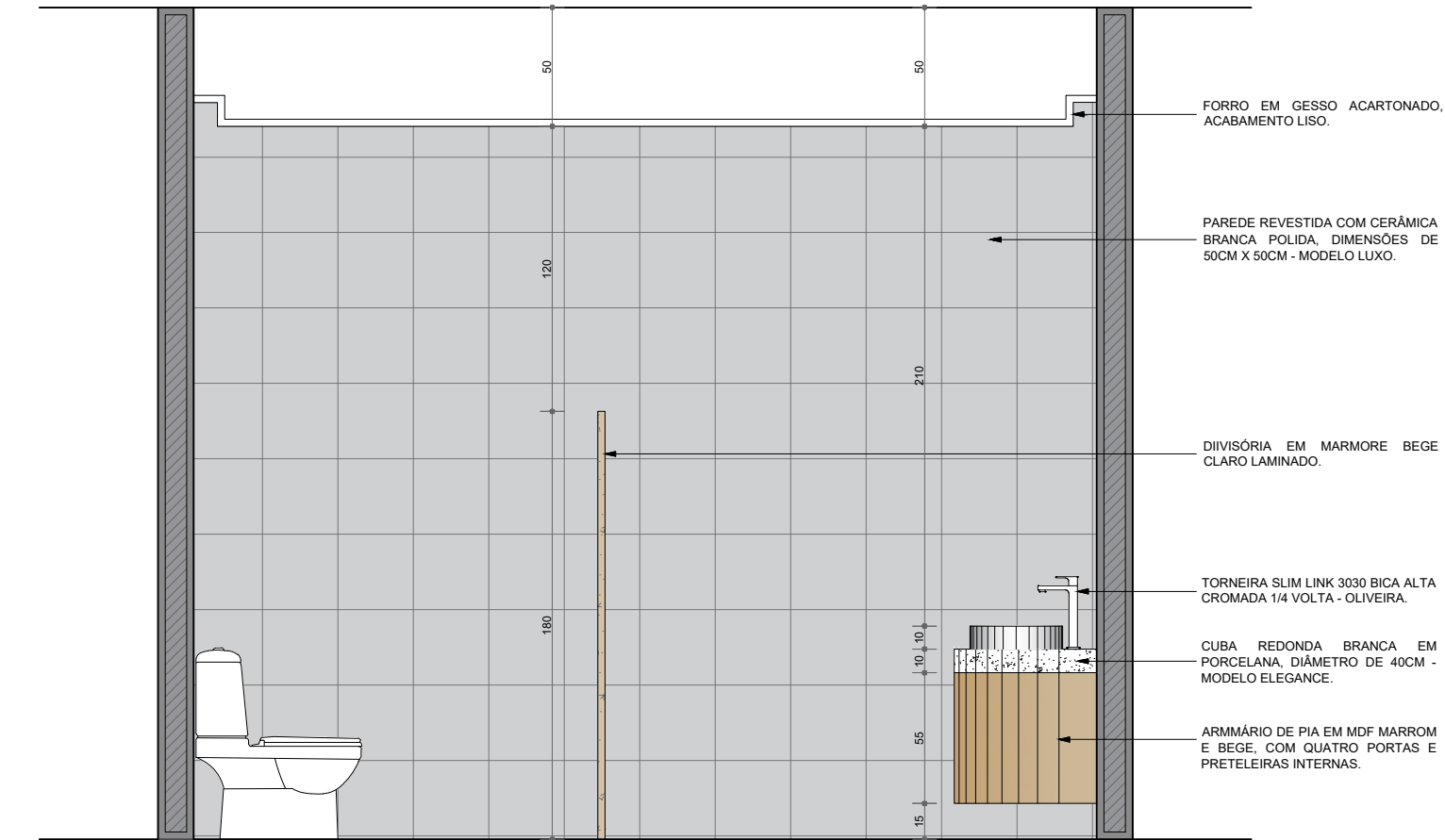
03 | VISTA 01 - BANHEIROS DO TÉRREO
ESCALA: 1/30



04 | VISTA 02 - BANHEIROS DO TÉRREO
ESCALA: 1/30



05 | VISTA 03 - BANHEIROS DO TÉRREO
ESCALA: 1/30



06 | VISTA 04 - BANHEIROS DO TÉRREO
ESCALA: 1/30



MAQUETE ELETRÔNICA

JÚLIO CÉSAR EGÍDIO GOMES

ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA - MIRANTE



ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA - ESTACIONAMENTO



PLAYGROUND - ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA



ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA - MIRANTE



MIRANTE - PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO



PRAÇA CENTRAL - MIRANTE



ESTACIONAMENTO - PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO

